



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

X Legislatura

Número: 59

II Sessão Legislativa

Horta, quinta-feira, 10 de abril de 2014

**Presidente:** *Deputada Ana Luís*

**Secretários:** *Deputados Rogério Veiros (substituído no decorrer da sessão pela Deputada Bárbara Chaves) e Valdemiro Vasconcelos*

### SUMÁRIO

*Os trabalhos tiveram início às 10 horas e 07 minutos.*

Após a chamada das Sras. e dos Srs. Deputadas/os, a Sra. Presidente da Assembleia deu início aos trabalhos, no âmbito do **Período de Tratamento de Assuntos Políticos**, com a leitura de diversos votos. A saber:

- **Voto de Pesar pelo falecimento de José Medeiros Ferreira**, subscrito por todos os partidos com assento na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

Lido o voto por Sua Excelência a Senhora Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, o mesmo foi submetido à votação, tendo sido aprovado por unanimidade.

- **Voto de Saudação referente à instalação da Galileo Sensor Station na ilha de Santa Maria**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PS.

A apresentação do voto esteve a cargo da Sra. Deputada Bárbara Chaves. Após a intervenção no debate pelo Sr. Deputado Paulo Parece (*PSD*), passou-se à votação, tendo o voto em apreço sido aprovado por unanimidade.

- **Voto de Saudação às bandas filarmónicas açor-americanas**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD.

Após a apresentação do voto pelo Sr. Deputado José Andrade, participou no debate o Sr. Deputado André Bradford (*PS*).

O voto referenciado foi aprovado por unanimidade.

- **Voto de Saudação referente à passagem dos 40 anos do 25 de Abril**, apresentado pela Representação Parlamentar do PCP.

Apresentado o voto pelo Sr. Deputado Aníbal Pires, intervieram no debate os Srs. Deputados Paulo Estêvão (*PPM*), Artur Lima (*CDS-PP*), Francisco Coelho (*PS*), a Sra. Deputada Zuraida Soares (*BE*) e o Sr. Deputado José Andrade (*PSD*).

O voto em apreço foi rejeitado.

- **Voto de Saudação referente à conquista do galardão “Melhor dos Melhores” pelo queijo de São Jorge**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do CDS-PP.

Lido o voto pela Sra. Deputada Ana Espínola, participou no debate o Sr. Deputado André Rodrigues (*PS*).

Submetido à votação, o mesmo foi aprovado por unanimidade.

- **Voto de Saudação referente à conquista de prémios nacionais pela indústria conserveira de Santa Catarina de São Jorge**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do CDS-PP.

Lido o voto pela Sra. Deputada Ana Espínola, participaram no debate os Srs. Deputados Rogério Veiros (*PS*) e Artur Lima (*CDS-PP*).

O voto foi aprovado por unanimidade.

- **Voto de Congratulação referente à conquista de prémios nacionais de produtos jorgenses**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD.

Após a leitura do voto pelo Sr. Deputado António Pedroso, interveio no debate o Sr. Deputado Rogério Veiros (*PS*).

O voto em apreço reuniu a aprovação unânime da câmara.

- **Voto de Congratulação, Mainara Rodrigues, campeã nacional de Mega Salto**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PS.

A apresentação do voto esteve a cargo do Sr. Deputado Ricardo Ramalho, tendo, seguidamente, participado no debate o Sr. Deputado João Bruto da Costa (*PSD*).

Submetido à votação, o voto referenciado foi aprovado por unanimidade.

- **Voto de Congratulação referente ao Centésimo quinquagésimo aniversário da publicação do último volume dos Anais da Ilha Terceira de Francisco Ferreira Drummond**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do CDS-PP.

Após a leitura do voto pelo Sr. Deputado Félix Rodrigues, intervieram no debate o Sr. Deputado Luís Rendeiro (*PSD*) e a Sra. Deputada Cláudia Cardoso (*PS*).

O voto foi aprovado por unanimidade.

- **Voto de Protesto referente às prescrições para a área de Medicina Física e de Reabilitação**, apresentado pelo Representação Parlamentar do Bloco de Esquerda.

Após a leitura do voto pela Sra. Deputada Zuraida Soares, participaram no debate os Srs. Deputados Ricardo Cabral (*PS*), Luís Maurício (*PSD*), Artur Lima (*CDS-PP*), Paulo Estêvão (*PPM*) e Aníbal Pires (*PCP*).

Submetido à votação, o voto foi rejeitado.

- **Voto de Pesar referente ao falecimento de Artur Tavares**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD.

Apresentado o voto pelo Sr. Deputado José Andrade, participou no debate o Sr. Deputado Pedro Moura (*PS*).

Submetido à votação, o voto em apreço foi aprovado por unanimidade.

Ainda no âmbito do **Período de Tratamento de Assuntos Políticos**, proferiu uma declaração política o Sr. Deputado Berto Messias (*PS*).

Entrando na **Agenda da Reunião**, passou-se à discussão do ponto 7 - **Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 24/X – “Cria o Conselho Regional da Cultura dos Açores”**, apresentado pela Representação Parlamentar do PCP.

Apresentado o diploma pelo Sr. Deputado Aníbal Pires, intervieram no debate as Sras. Deputadas Renata Correia Botelho (*PS*) e Ana Espínola (*CDS-PP*), o Sr. Deputado Paulo Estêvão (*PPM*), bem como o Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura (*Luiz Fagundes Duarte*).

Submetido à votação, o projeto de DLR foi rejeitado.

De seguida, a Sra. Presidente deu início à discussão do ponto 8: **Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 28/X – “Cria o Programa Regional de Apoio aos Grupos Folclóricos da Região Autónoma dos Açores”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD.

Após a leitura do diploma pelo Sr. Deputado José Andrade, proferiram intervenções as Sras. Deputadas Ana Espínola (*CDS-PP*) e Renata Correia Botelho (*PS*), os Srs. Deputados Félix Rodrigues (*CDS-PP*), Aníbal Pires (*PCP*), Paulo Estêvão (*PPM*), Renato Cordeiro (*PSD*), as Sras. Deputadas Zuraida Soares (*BE*) e Catarina Moniz Furtado (*PS*), bem como o Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura (*Luiz Fagundes Duarte*).

Submetido à votação, o diploma apresentado foi rejeitado.

Entrando no último ponto da Agenda, **Proposta de Decreto Legislativo Regional n.º 26/X – “Primeira alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 29/2006/A, de 8 de agosto, que estabelece o regime jurídico de apoios a atividades culturais”**, o mesmo foi apresentado pelo Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura (*Luiz Fagundes Duarte*).

Após a sua apresentação, intervieram no debate as Sras. Deputadas Renata Correia Botelho (*PS*) e Ana Espínola (*CDS-PP*), os Srs. Deputados José Andrade (*PSD*), Félix Rodrigues (*CDS-PP*), Aníbal Pires (*PCP*), Paulo Estêvão (*PPM*) e Costa Pereira (*PSD*).

Submetido à votação, o diploma apresentado foi aprovado.

Finalizando a discussão deste ponto, apresentaram declarações de voto a Sra. Deputada Renata Correia Botelho (*PS*), bem como os Srs. Deputados Paulo Estêvão (*PPM*), José Andrade (*PSD*) e Félix Rodrigues (*CDS-PP*).

*Os trabalhos terminaram às 19 horas e 55 minutos.*

**Presidente:** Eu vou pedir ao Sr. Secretário da Mesa o favor de fazer a chamada.

*Eram 10 horas e 07 minutos.*

*Procedeu-se à chamada, à qual responderam o/as seguintes Deputado/as:*

***Partido Socialista (PS)***

**Ana Luísa Pereira Luís**

**André Cláudio Gambão Rodrigues**

**André Jorge Dionísio Bradford**

**António Gonçalves Toste Parreira**

**Arlinda Maria Focha Nunes**

**Bárbara Pereira Torres de Medeiros Chaves**

**Benilde Maria Soares Cordeiro de Oliveira**

**Berto José Branco Messias**

**Catarina Paula Moniz Furtado**

**Cláudia Alexandra Coelho Cardoso Meneses da Costa**

**Domingos Manuel Cristiano Oliveira da Cunha**

**Duarte Manuel Braga Moreira**

**Francisco Manuel Coelho Lopes Cabral**

**Iasalde Fraga Nunes**

**Isabel Maria Duarte de Almeida Rodrigues**

**José António Vieira da Silva Contente**

**José Manuel Gregório de Ávila**

**Lizuarte Manuel Machado**

**Lúcio** Manuel da Silva **Rodrigues**  
**Manuel** Alberto da Silva **Pereira**  
**Marta** Cristina Moniz do **Couto**  
**Miguel** António Moniz **Costa**  
**Paulo** Alexandre Vieira **Borges**  
**Pedro** Miguel Medeiros de **Moura**  
**Renata** **Correia** **Botelho**  
**Ricardo** Bettencourt **Ramalho**  
**Ricardo** Manuel Viveiros **Cabral**  
**Rogério** Paulo Lopes Soares **Veiros**

*Partido Social Democrata (PSD)*

**António** Augusto Batista Soares **Marinho**  
**António** Lima Cardoso **Ventura**  
**António** Oldemiro das Neves **Pedroso**  
**Bruno** Filipe de Freitas **Belo**  
**Cláudio** Borges **Almeida**  
**Cláudio** José Gomes **Lopes**  
**João** Luís **Bruto** da Costa Machado da **Costa**  
José **Joaquim** Ferreira **Machado**  
**Jorge** Manuel de Almada **Macedo**  
**José** Maria de Medeiros de **Andrade**  
**Luís** Carlos Correia **Garcia**  
**Luís** **Maurício** Mendonça Santos  
**Luís** Miguel Forjaz **Rendeiro**  
Maria **Judite** Gomes **Parreira**  
**Paulo** Henrique **Parece** Rodrigues  
**Renato** Jonas de Sousa Linhares **Cordeiro**  
**Valdemiro** Adolfo dos Santos **Vasconcelos**

*Centro Democrático Social/ Partido Popular (CDS/PP)*

**Ana Carina Alberto Espínola**  
**Artur Manuel Leal de Lima**  
**António Félix Flores Rodrigues**

***Bloco de Esquerda (BE)***

**Zuraida Maria de Almeida Soares**

***Partido Comunista Português (PCP)***

**Aníbal da Conceição Pires**

***Partido Popular Monárquico (PPM)***

**Paulo Jorge Abraços Estêvão**

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Estão presentes 51 Sras. e Srs. Deputados. Temos quórum.

Declaro aberta a sessão.

Pode entrar o público.

A nossa manhã de trabalhos está reservada ao PTAP e, conforme foi deliberado pela Conferência de Líderes, vamos iniciar com a apresentação de um voto de pesar, subscrito por todos os partidos com assento nesta Assembleia Legislativa, referente ao falecimento de José Medeiros Ferreira.

**Presidente:**

### **Voto de Pesar**

José Medeiros Ferreira nasceu no Funchal em 20 de fevereiro de 1942 e faleceu em Lisboa em 18 de março de 2014 aos 72 anos de idade.

Cedo regressou à origem – S. Miguel – com a família. Contava apenas dois meses de vida, pelo que afirmava considerar-se um açoriano, micalense da Fajã de Cima, mas o mundo era o seu lugar.

Estudou no Externato de Vila Franca do Campo e no Liceu de Ponta Delgada. Em Lisboa estudou Filosofia e distinguiu-se nas lutas estudantis contra o regime

como dirigente associativo. Foi detido e cumpriu prisão antes de ser candidato a deputado nas listas da oposição democrática em 1965.

Licenciou-se em Ciências Sociais em Genebra, onde foi assistente na Faculdade de Ciências Económicas e Sociais (1972-1974).

Viveu na Suíça ao abrigo do estatuto de exilado político entre 1968 e 1974, e daquele país enviou ao III Congresso da Oposição Democrática em 1973, uma comunicação em que apontava como metas para Portugal a democratização, a descolonização e o desenvolvimento, afinal os grandes tópicos do Movimento das Forças Armadas no ano seguinte – o que foi considerado uma premonição notável do futuro.

Regressa a Portugal em maio de 1974 e exerce funções relevantes na época fundadora da democracia portuguesa: Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros (1975-1976) e Ministro dos Negócios Estrangeiros (1976-1977), tendo sido o responsável pelo pedido de adesão de Portugal à então CEE e impulsionado a entrada da República Portuguesa no Conselho da Europa.

Foi também deputado à Assembleia Constituinte, à Assembleia da República (em varias legislaturas) e ao Parlamento Europeu.

Teve influente participação na Lei de Finanças das Regiões Autónomas em 1998, e em duas revisões constitucionais (1997 e 2004), em matéria relativa aos Açores e à Madeira.

Doutorou-se pela Universidade Nova de Lisboa em 1991 e especializou-se em História Contemporânea, numa carreira académica que exerceu sempre com gosto e proficiência, tal como tudo a que se dedicava na vida.

Investigador e ensaísta proeminente Medeiros Ferreira teve um papel pioneiro no estudo da política internacional e da política externa portuguesa, criando na Universidade Nova de Lisboa os primeiros seminários sobre política externa portuguesa e tendo sido igualmente o primeiro historiador que se aventurou a trazer ao conhecimento público, em 1989, *Um Ensaio Histórico sobre a Revolução*, sobre a então muito recente temática do 25 de Abril.

Autor de algumas publicações de incontestável valor histórico-político deixou-nos um legado intelectual ainda em construção como Professor, como analista,

de “pendor institucional” – como se lhe referiu Mário Mesquita –, e como comentador brilhante, com uma afabilidade genuína que a sua requintada ironia jamais apagava.

Livre pensador, estratega persuasivo e estudioso incessante das relações internacionais, José Medeiros Ferreira fica na história não apenas pela obra publicada, pela riqueza da sua vida cívica nem pelas funções honrosas que desempenhou ao serviço do seu país, mas também pela sagacidade elegante e pelo humor arguto dos seus dons oratórios, de recorte lúcido, inteligente e corajoso.

A Grã-cruz da Ordem do Infante, a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade e a Insígnia Autónoma de Reconhecimento foram distinções por uma ação política e cívica que honraram o seu autor mas ficam aquém da dimensão do seu pensamento profundo e do património que constitui a sua obra.

Pelo exposto e ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis, a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores propõe a aprovação deste Voto de Pesar como tributo à memória de José Medeiros Ferreira bem como dele dar conhecimento à sua família, à Assembleia da República e à Presidência da República.

Horta, Sala das Sessões, 10 de abril de 2014.

Os Líderes Parlamentares: *Berto Messias, António Marinho, Artur Lima, Zúrida Soares, Aníbal Pires e Paulo Estêvão*

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Vamos passar à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretário:** O presente voto de pesar foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Para apresentação de um voto de saudação referente à instalação da Galileo Sensor Station na ilha de Santa Maria, pelo Partido Socialista, tem a palavra a Sra. Deputada Bárbara Chaves.

**Deputada Bárbara Chaves (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

## **Voto de Saudação**

### **Instalação da Galileo Sensor Station na ilha de Santa Maria**

No passado dia 26 de Março de 2014, ficou oficialmente instalada a Galileo Sensor Station (GSS) na ilha de Santa Maria.

A GSS de Santa Maria constitui a infraestrutura terrestre do sistema Galileo mais recente em termos mundiais, única em Portugal, encontrando-se instalada no Monte da Flores, junto da já existente Estação de Rastreamento de Satélites da Agência Espacial Europeia.

Foi construída pela Edisoft, que faz parte do Grupo Thales, sendo esta empresa igualmente responsável pela gestão e manutenção das referidas Estações.

A posição estratégica da ilha, associado a um local amplo e disponível para instalação da estação – local esse cedido pelo Governo dos Açores – que cumpre as exigências do projeto Galileo (como sejam o facto de estar longe de áreas construídas e ter boa visibilidade do céu em todas as direções), constituíram aspetos fundamentais para a instalação da GSS na ilha de Santa Maria.

O Galileo constitui o sistema de navegação por satélite da União Europeia, concebido como um projeto civil, em oposição ao GPS americano, ao GLONASS russo e ao COMPASS chinês, que são de origem militar. As suas vantagens são já reconhecidas: uma maior precisão, mais segurança e com menores problemas associados, bem como a compatibilização com outros sistemas já existentes, o que permitirá uma maior cobertura de satélites.

Refira-se que a função da Estação GSS é monitorizar a integridade do sinal, intervalos do relógio e a posição dos satélites Galileo em órbita da Terra, recorrendo a duas antenas VSAT (very small aperture terminal), a infraestruturas com equipamentos de sistemas complementares e serviços de segurança permanentes que ligam a estação GSS à rede Galileo.

Os vários locais com Estações do Galileo trabalharão em conjunto de forma a fazerem medições, apontando para o mesmo satélite, tentando identificar qualquer desvio na órbita que possa reduzir a precisão do sistema.

O Sistema Galileo será, quando concluído, uma constelação de 30 satélites (27 operacionais e 3 suplentes), com tempo de vida útil superior a 12 anos, divididos em três esferas em torno da Terra, a uma distância de mais de 23 mil Km, que fornecerá serviços de posicionamento, navegação e temporização de alta precisão em todo o Globo, oferecendo a garantia de uma cobertura contínua.

Quando o sistema estiver concluído, o Galileo terá duas sedes – França e Inglaterra – dois centros operacionais – Alemanha e Itália – e 20 Estações, onde se inclui a unidade agora instalada na ilha de Santa Maria.

Importa referir que a fase de desenvolvimento do sistema Galileo teve início em finais de 2003. Os primeiros quatro satélites Galileo já estão em órbita e operacionais – 1 par lançado em 2011, outro em 2012 e cujo acompanhamento foi efetuado pela Estação de Rastreo de Satélites da ESA de Santa Maria. Em Julho próximo, mais um par de satélites se juntarão aos 4 já em órbita, e cujo lançamento será igualmente seguido pela Estação de Santa Maria.

No final do ano, a Galileo Sensor Station irá passar a ter também um farol, usado no sistema de Busca e Salvamento do Galileo, já que estará preparado para captar sinais da UHF de faróis de emergência, a bordo de navios ou aviões, para transmissão aos serviços de emergência mais próximos do evento, aspeto importante ao nível de proteção civil.

Por fim, referir que a nova estação permitiu já criação de mais 5 novos postos de trabalho diretos, para além dos já existentes aquando da instalação da primeira estação e que realizarão serviço nas duas unidades, já para não falar da quantidade de profissionais altamente qualificados que, de um modo regular, prestam e prestarão serviços às Estações da Agência Espacial Europeia da ilha de Santa Maria.

Assim sendo, nos termos regimentais e estatutários aplicáveis, os Deputados do Grupo Parlamentar do Partido Socialista propõem à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores a aprovação de um Voto de Saudação pela instalação e operacionalização em Santa Maria da Galileo Sensor Station e que

desse voto seja dado conhecimento à EDISOFT, Grupo Thales, aos colaboradores da ESA em Santa Maria e ao Conselho de Ilha de Santa Maria.

Horta, sala das sessões, 10 de abril de 2014

Os Deputados Regionais do Partido Socialista: *Bárbara, Chaves, Duarte Moreira, Berto Messias e Miguel Costa*

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Estão abertas as inscrições.

Sr. Deputado Paulo Parece, tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Parece (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A construção dessa infraestrutura, a par da Estação de Rastreamento de Satélites da ESA, bem como da Estação RAEGE, colocam, de facto, Santa Maria no mundo da tecnologia, possibilitando, no futuro, a fixação de pessoal altamente qualificado.

Por outro lado, a criação imediata de cinco postos de trabalho é motivo que devemos ressaltar e orgulhar no momento particular que atravessamos.

Dessa forma, o PSD associa-se ao voto agora apresentado.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Deputado.

Julgo não haver mais inscrições, pelo que vamos passar à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretário:** O voto de saudação foi aprovado por unanimidade.

*(Neste momento, a Deputada Bárbara Chaves ocupa o seu lugar na Mesa)*

**Presidente:** O próximo voto de saudação refere-se às bandas filarmónicas açor-americanas e é apresentado pelo Sr. Deputado José Andrade.

**Deputado José Andrade (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

## VOTO DE SAUDAÇÃO

### SAUDAÇÃO ÀS BANDAS FILARMÓNICAS AÇOR-AMERICANAS

Completam-se agora 100 anos sobre a data de fundação da primeira Banda Portuguesa de Hudson, na costa leste dos Estados Unidos da América.

Criada na primavera de 1914 por um grupo de 22 músicos amadores que depois se estreou no Império Micaelense do Espírito Santo, esta que é a mais antiga filarmónica da área metropolitana de Boston originou a atual Banda Recreativa do Clube Português de Hudson organizada em 1977 pelos empresários marienses José e António Frias.

O seu centenário, que agora se assinala, é uma prova notável da vitalidade da cultura açoriana no outro lado do Atlântico e remete para outras instituições de ainda maior longevidade, como a Banda Açoriana criada em 1913 em Fall River e, especialmente, a Banda de Santo António fundada na mesma cidade no ano de 1904.

Esta efeméride, aliás, permite e aconselha uma homenagem coletiva a outras 9 filarmónicas de raiz açoriana que preservam a nossa cultura no Estado de Massachusetts: a Banda de Santo António de Cambridge, a Filarmónica de São João de Stoughton, a Banda de Nossa Senhora dos Anjos e a Banda Senhor da Pedra de New Bedford, a Banda do Espírito Santo de Lowell, a Banda Portuguesa de Peabody e ainda as Filarmónicas Santa Cecília, Senhora da Conceição Mosteirensis e Nossa Senhora da Luz em Fall River.

É impressionante a capacidade açoriana de criar e manter na sociedade americana cerca de 30 bandas filarmónicas representativas da nossa cultura popular, com décadas consecutivas de persistência e até com mais de um século de história.

É assim na Nova Inglaterra, também no Estado de Rhode Island, com a Filarmónica de Nossa Senhora do Rosário em Providence e com a Filarmónica de Santa Isabel e a Portuguese Independent Band Clube em Bristol.

Mas é assim também no ‘outro lado’ da América, onde pelo menos 13 bandas açorianas mantêm bem viva a cultura açoriana por terras californianas, como se

conclui do cruzamento de registos oficiais da Secretaria de Estado e da Direção Regional das Comunidades.

A dedicação regionalista de centenas de compatriotas bem merece o reconhecimento oficial do Parlamento dos Açores neste Voto de Saudação que expressamente identifica também as nossas atuais filarmónicas no importante Estado da Califórnia:

As bandas açorianas de Tulare, de Newark, de Escalon, de San Leandro, de Artesia, de Chino, de Tracy, de Livingston e de Santa Clara. E ainda as filarmónicas Portuguesa, Nova Aliança, Grupo Português e União Popular, na cidade de San José.

São três dezenas de bandas açorianas que perpetuam e prestigiam a nossa cultura nas procissões paroquiais, nos arraiais populares e nos impérios em louvor do Divino Espírito Santo, que decorrem tão longe e tão perto do berço atlântico da alma açoriana.

Por isso, ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis, o Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata propõe à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores um Voto de Saudação a todas as filarmónicas açor-americanas, quando agora se assinala o centenário da fundação da Banda Portuguesa de Hudson.

A cada uma delas deve ser transmitido este Voto como prova da nossa consideração, resumida numa palavra bem portuguesa: OBRIGADO.

Horta, Sala das Sessões, 10 de abril de 2014

O Deputado Regional: *Duarte Freitas, António Marinho, António Ventura, José Andrade, Bruno Belo e Luís Garcia*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Estão abertas as inscrições.

Sr. Deputado André Bradford, tem a palavra.

(\*) **Deputado André Bradford (PS):** Muito obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Secretária, Srs. Secretários, Membros do Governo:

Muito brevemente para informar esta câmara que o Partido Socialista e a bancada parlamentar do Partido Socialista se associam, naturalmente, ao voto que aqui foi apresentado pelo Sr. Deputado José Andrade, que, aliás, se tem vindo a especializar, com muito proveito para todos nós, nesta figura regimental, em particular no que diz respeito às efemérides da diáspora.

Trata-se, aproveitando o centenário de uma banda em concreto, da fundação de uma banda em concreto, de alargar uma saudação, e torná-la conjunta, a todas as bandas filarmónicas de raiz açoriana dos Estados Unidos da América, facto que nós, naturalmente, saudamos, embora também haja, como o Sr. Deputado sabe, bandas filarmónicas de origem açoriana no Canadá e que deviam ser também ou podem também ser tidas em consideração neste âmbito.

Ao longo deste último século, de facto, as filarmónicas da diáspora têm desempenhado um papel de grande relevo na preservação e divulgação da nossa cultura naquelas paragens, enquanto também locais e formas de integração social e de convívio entre açorianos, facto que nos parece também importante, e, muito particularmente, como instrumento de transmissão dos valores da nossa cultura às gerações mais jovens, o que ciclicamente, ou sucessivamente, se vem tornando cada vez mais relevante, uma vez que há o maior afastamento dos mais jovens, já nascidos em outras paragens, em relação ao que representa a tradição cultural açoriana.

Por isso, nós partilhamos integralmente os motivos de saudação aqui apresentados pelo Grupo Parlamentar do PSD.

Muito obrigado.

**Deputada Benilde Oliveira (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Não havendo mais inscrições, vamos então votar.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O voto apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** O próximo voto de saudação refere-se à passagem dos 40 anos do 25 de Abril. Tem a palavra o Sr. Deputado Aníbal Pires.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

### **VOTO DE SAUDAÇÃO**

Comemoram-se em 2014 os 40 anos da Revolução de 25 de Abril de 1974, realização histórica do povo português, ato de emancipação social e nacional e momento fundador da nossa Democracia, que constitui um dos mais importantes acontecimentos da história de Portugal.

Desencadeada pelo heroico levantamento militar do Movimento das Forças Armadas (MFA), logo seguido por um levantamento popular, transformou profundamente a realidade nacional e teve importantes repercussões internacionais.

A classe operária e os trabalhadores, as massas populares e os militares progressistas – «os capitães de Abril» –, unidos na aliança Povo-MFA, foram os protagonistas dos avanços e conquistas democráticas alcançadas, consagrados depois na Constituição da República, aprovada em 2 de Abril de 1976.

Culminando uma longa e heroica luta, a Revolução de Abril pôs fim a 48 anos de ditadura fascista e realizou profundas transformações democráticas – políticas, económicas, sociais e culturais – que, alicerçadas na afirmação da soberania e independência nacionais, abriram a perspetiva de um novo futuro para Portugal.

Igualmente, a Revolução de abril significou para os povos insulares a conquista da sua Autonomia, que representa um enorme progresso descentralizador e democrático e que é inseparável dos restantes avanços democráticos.

Os grandes valores da Revolução de Abril criaram profundas raízes na sociedade portuguesa e projetam-se como realidades, necessidades objetivas, experiências e aspirações no futuro democrático de Portugal.

A Pátria portuguesa vive um dos mais graves e dolorosos períodos da sua longa história de mais de oito séculos, seguramente, o mais difícil desde o fim dos negros tempos do fascismo. Um período que entra claramente em conflito com o que Abril representou de conquista, transformação, realização e avanço, e em absoluto confronto com as alegrias e esperanças que as portas de Abril abriram ao povo português.

O País está sob uma inaceitável intervenção externa que agride a sua inalienável soberania e põe em risco a independência nacional. Sob a chantagem da dívida, foi imposto ao Povo Português um Pacto de Agressão, negociado e subscrito por PS, PSD, e CDS...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Isso é mentira! Isso é falso!

**O Orador:**... num vergonhoso episódio de abdicação e submissão nacional, com a cumplicidade ativa do Presidente da República e o apoio dos grandes grupos económicos.

Um pacto que, sob a denominação aparentemente neutra de Memorando de Entendimento, se constitui como um verdadeiro guião para uma nova ditadura, empenhada em aumentar a exploração dos trabalhadores e obliterar os seus direitos, ferindo as liberdades do Povo Português, empobrecendo o país de forma deliberada e criminosa, empurrando para o desemprego e para a emigração milhares de portugueses; um pacto em nome do qual se subverte a Constituição da República e se põe em causa o futuro coletivo do País e dos portugueses.

Esta crise será inevitável e profundamente agravada se o país se mantiver amarrado a novos mecanismos, como os decorrentes do Tratado Orçamental, que limitem a sua soberania ou pela aceitação de novos pactos qualquer que seja a fórmula assumida – segundo resgate, programa cautelar, ou outro.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** O grande capital!

**O Orador:** Nos 40 anos de Abril, os principais responsáveis políticos pela crise que brutalmente atinge a generalidade dos portugueses tentam responsabilizar a Revolução de Abril e as suas conquistas, o regime democrático, as conquistas sociais construídas, os direitos e garantias dos trabalhadores, as empresas públicas, pela situação nacional que eles próprios criaram com as suas políticas de direita.

Mas a verdade é que a crise nacional é determinada fundamentalmente pelas consequências das políticas de direita levadas a cabo ao longo de mais de 37 anos. Tratou-se de uma verdadeira contra-revolução, iniciada no plano institucional pelo primeiro Governo PS/Mário Soares e prosseguida por sucessivos governos do PS, PSD e CDS, que levaram a cabo políticas de privatizações e reconstituição do poder dos grupos económicos monopolistas, que submeteram o País à União Europeia e ao Euro sem salvaguardar os interesses nacionais; que implementaram políticas de intensificação de degradação do valor dos salários, de aumento da exploração, de destruição dos direitos laborais e sociais criadas pela Revolução de Abril; políticas de ataque ao Serviço Nacional de Saúde, à Escola Pública e à Segurança Social; políticas que afundaram a produção nacional, que arruinaram a economia e endividaram o País e que geram a fome e a miséria entre os portugueses.

Assim, a recuperação dos valores de Abril e a sua projeção no futuro do país exige uma reafirmação da verdade histórica, porque as conquistas políticas, económicas, sociais e culturais de Abril representaram, e continuam a representar, importantes direitos e avanços civilizacionais que são património do nosso Povo.

Num momento crítico da história do nosso país importa que os poderes públicos vão para lá da comemoração formal da data histórica e se empenhem ativamente na defesa das conquistas sociais e políticas da Revolução de Abril e contribuam ativamente para a construção de uma sociedade de acordo com os valores que esta implantou no nosso país.

**Assim, ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis, a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores aprova o seguinte Voto de Saudação:**

**- A Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, assinalando o 40º aniversário da Revolução de Abril, reafirma a importância incontornável das conquistas políticas e sociais da Revolução de Abril, declarando o seu firme empenhamento no aprofundamento da Democracia, na construção da justiça social, na defesa da Soberania e da Liberdade do Povo Português e no seu direito ao desenvolvimento;**

**- A Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores assinala que a Revolução de Abril foi decisiva para o reconhecimento do direito à livre administração dos Açores pelos próprios açorianos, pelo que a defesa da Autonomia dos Açores é inseparável das restantes conquistas de Abril;**

**- A Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores rejeita todas as limitações à Soberania do Povo Português e o ataque às conquistas civilizacionais e direitos sociais obtidos com a Revolução de Abril;**

**- A Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores apela a todos os açorianos para que se mobilizem na defesa da Democracia, da Liberdade, da Autonomia e da Soberania nacional, como forma de preservar e projetar no futuro os valores que estiveram na origem da Revolução de Abril.**

**Disse.**

Horta, 10 de Abril de 2014

O Deputado do PCP Açores: *Aníbal Pires*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Estão abertas as inscrições.

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Partido Popular Monárquico lamenta profundamente que o Partido Comunista Português regresse à instrumentalização do 25 de Abril...

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:**... e regresse a um caminho dogmático profundamente negativo,...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Totalitarista!

**O Orador:**... e por isso nós não podemos, de forma alguma, acompanhar este voto de saudação. Porque existe aqui uma visão da história, existe aqui uma visão do que foi o 25 de Abril que não corresponde à realidade dos factos.

E, portanto, da nossa parte, seria uma cobardia do ponto de vista ideológico fazermos de conta que a argumentação deste voto de saudação não tem a descrição, não tem o conteúdo que efetivamente tem.

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** E por isso, meus senhores, o 25 de Abril foi organizado por militares, que não eram todos do Partido Comunista nem eram maioritariamente do Partido Comunista.

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Foi apoiado pela população, que não era, na altura, apoiante do Partido Comunista e como se veio a demonstrar nas primeiras eleições livres, logo no dia 25 de abril de 1975, também não era e não apoiava o projeto político do PCP,...

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:**... porque quem ganhou essas eleições foi o Partido Socialista e também o PPD acabou por ter, nessa altura, um *score* eleitoral muito superior ao PCP.

**Deputado André Bradford (PS):** Já para não falar do PPM!

**O Orador:** E, portanto, nesse sentido, o projeto político do PCP foi derrotado politicamente,...

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:**... logo a seguir à revolução. E ainda bem que o foi, porque o projeto político do PCP significaria que Portugal não saía da ditadura, ou melhor, saía de uma ditadura, da ditadura do Estado Novo, e passaríamos, se o Partido Comunista tem conseguido hegemonizar o processo político em Portugal depois do 25 de Abril, diretamente para outra ditadura, que era a ditadura do Partido Comunista,...

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:**... tal como ela existia na União Soviética, na Jugoslávia, na Roménia, na Albânia, na Checoslováquia, na Hungria e em muitos outros países da Europa de Leste.

E, portanto, meus senhores, esta visão em relação ao 25 de Abril, esta instrumentalização do 25 de Abril foi, por parte da população portuguesa, negada. Logo nas primeiras eleições livres, o povo português disse claramente que não apoiava a transformação de Portugal numa República popular e num Estado comunista.

Por isso, hoje, quarenta anos depois, é preciso dizer ao Partido Comunista Português que nós não acompanhamos este tipo de argumentos, que nós continuamos a defender uma sociedade pluralista, uma sociedade democrática e que esta visão totalitária, esta visão errada do que foi o 25 de Abril foi um sistema que permitiu o pluralismo partidário e a democracia em Portugal, não é património do Partido Comunista e não é, não foi nunca totalmente hegemonizada pelo Partido Comunista e ainda bem que não foi (e ainda bem que não foi!).

E também, termino, dizendo o seguinte. O PPM valoriza muito o 25 de Abril, muito. Este voto contra, este voto de saudação apresentado pelo Partido Comunista não pode... E na altura própria nós vamos realizar o nosso próprio voto de saudação em relação a esta data, que consideramos importante. Nós apoiamos o 25 de Abril, nós reconhecemos a herança democrática do 25 de Abril, nós não podemos reconhecer é que o Partido Comunista tenha, imponha uma ideia, um desenho ideológico absolutamente instrumental em relação ao que representou o 25 de Abril. 25 de Abril é sinónimo de liberdade e a

hegemonia do Partido Comunista, se ela tem sucedido, não teria significado a democracia em Portugal, teria significado a continuação da ditadura em Portugal.

**Vozes de alguns deputados do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Passo agora a palavra ao Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Muito rapidamente para dizer o seguinte.

É preciso lata do Partido Comunista de se aproveitar desta maneira do 25 de Abril. É preciso notar que se aquilo que Álvaro Cunhal e os comunistas, incluindo o Sr. Deputado Aníbal Pires, queriam para Portugal era uma ditadura, a ditadura do bloco de leste em Portugal, e um partido que defende e se congratula com o regime da Coreia do Norte não é um partido democrático,...

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:**... não é um partido que mereça, sequer, respeito para estarmos aqui a dar-lhe qualquer retórica e qualquer resposta. E, portanto, é um partido que se tivesse vingado as suas teses, em 75, em 76, ou 77, vivíamos numa ditadura igual à da Coreia do Norte e hoje o Sr. Deputado Aníbal Pires não seria careca e teria um penteado à Kim-Il sung,...

*(Risos da câmara)*

... que lhe teria ficado muito melhor.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

A Mesa não tem mais inscrições.

Sr. Deputado Francisco Coelho, tem a palavra.

(\*) **Deputado Francisco Coelho (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Constato hoje que alguns votos de pesar nesta reunião têm surgido um pouco mais cedo, porque, Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, apesar do nome, não

nos iludamos. O PCP não apresentou, nesta Assembleia, um voto de saudação, apresentou um voto de pesar pelo 25 de Abril deles que nunca foi.

*(Risos da câmara)*

E é bom termos, desde já, essa consciência.

A verdade é que este voto passa ao lado, e é pena, de uma grande oportunidade, porque este voto tem duas referências que são extremamente importantes, extremamente respeitáveis e que devemos prezar. Uma delas, naturalmente, a referência ao 25 de Abril e a tudo o que ele significou ao nível da liberdade do sistema político, de igualdade social, de implementação do Estado social, de abertura ao projeto e pertença ao projeto europeu.

Também é bom relevar a importância que tem os democratas, os cidadãos, os europeístas repensarem, de forma livre, séria e rigorosa, hoje, os caminhos da Europa, a psicose austeritária e na medida em que ela está a pôr em causa dezenas e dezenas de anos de social democracia e de conquistas civilizacionais. Todo o democrata deve preocupar-se com isso. Infelizmente, o PCP, ao usar uma linguagem de feição, ao recorrer à mais rasteira vulgata marxista e de comité central,...

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**O Orador:**... quis aqui desvalorizar objetivamente o 25 de Abril.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:** E ao querer estender e apropriar-se das críticas e da crítica que devemos fazer àquilo que são os atuais caminhos da Europa e do país, o Partido Comunista, também objetivamente, desvaloriza a importância, a argumentação e a reflexão sobre este assunto, que é vital.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:** Nessa medida, infelizmente, trata-se de um mau serviço. Reconhecemos, é certo, e até nos orgulhamos, que a única referência pessoal seja aqui ao PS de Mário Soares. O PCP tem efetivamente razões para, 39 anos depois, ainda não ter perdoado a Fonte Luminosa.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

*(Risos do Deputado João Bruto da Costa)*

**O Orador:** Ainda bem! Mas o PS antes, durante, depois e agora, relativamente ao 25 de Abril, relativamente à aprovação da Constituição, relativamente à aprovação das sucessivas revisões constitucionais, que fez com que essa Constituição ainda hoje seja, num Estado de direito, o elemento mais relevante e a última barreira contra a destruição e os piores ataques ao Estado social.

O PS andou bem e o PS sente-se perfeitamente à vontade com o papel histórico que desempenhou no 25 de Abril. Sente-se de tal modo à vontade que não tem qualquer tipo de complexo. Só porque lhe acenam com a expressão “25 de Abril”, o PS não começa a salivar e, com certeza, que não vai votar a favor disto.

Agora, queria lembrar-lhe, Sr. Deputado Aníbal Pires, há também outra virtude, bem vistas as coisas, deste voto, é que o PS de Mário Soares, o PS da Fonte Luminosa, o PS do 25 de Novembro também acautelou...

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** O PS da contrarrevolução!

**O Orador:**... que todos, inclusive os derrotados, tivessem liberdade e tivessem lugar nesta democracia.

**Vozes de alguns deputados da câmara:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** A única saudação que pode resultar daqui é o facto de, 40 anos depois do 25 de Abril, termos um deputado do PCP que pode, à vontade, fazer um voto destes.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns deputados do PS e do Deputado Paulo Estevão (PPM):**  
Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos deputados do PS e dos membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra a Sra. Deputada Zuraida Soares.

**Deputado Berto Messias (PS):** Junte-se ao PS!

(\*) **Deputada Zuraida Soares (BE):** Muito obrigada, Sra. Presidente. Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Salvo melhor opinião, eu penso que aquilo que está em causa neste voto não são as teses ou as pretensões, ou as políticas do PCP do passado, do presente e do futuro.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Olhe que não!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** É, É!

**A Oradora:** Salvo melhor opinião, aquilo que está neste voto de saudação é uma convocação a esta Assembleia, a este Parlamento para que: (1) assinale o 40º aniversário da Revolução de Abril, reafirmando a importância incontornável das conquistas políticas e sociais da Revolução de Abril e declarando o seu firme empenhamento no aprofundamento da democracia, na construção da justiça social, na defesa da soberania e da liberdade do povo português e no seu direito ao desenvolvimento.

Eu, deputada do Bloco de Esquerda, subscrevo, e como também membro desta casa, subscrevo esta convocação e digo-lhe: presente.

Uma outra: (2) que esta Assembleia assinale que a Revolução de Abril foi decisiva para o reconhecimento do direito à livre administração dos Açores pelos próprios açorianos, pelo que a defesa da autonomia dos Açores é inseparável das restantes conquistas de Abril.

Eu, deputada desta casa, em nome do Bloco de Esquerda, subscrevo inteiramente esta convocação.

(3) Que a Assembleia Legislativa dos Açores rejeite todas as limitações à soberania do povo português e o ataque às conquistas civilizacionais e direitos sociais obtidos com a Revolução de Abril.

Eu, deputada desta casa, em nome do Bloco de Esquerda, subscrevo inteiramente esta convocação.

E, finalmente: (4) que a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores apele a todos os açorianos e açorianas, Sr. Deputado, para que se

mobilizem na defesa da democracia, da liberdade, da autonomia e da soberania nacional, como forma de preservar e de projetar no futuro os valores que estiveram na origem da Revolução de Abril.

Eu, deputada desta casa, eleita pelo Bloco de Esquerda, subscrevo inteiramente esta convocação para que este Parlamento aprove estas quatro propostas de manifestação do Parlamento regional dos Açores.

E, portanto, o Bloco de Esquerda vai votar favoravelmente este voto de saudação do PCP.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Deputado José Andrade, tem agora a palavra.

(\*) **Deputado José Andrade (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Aníbal Pires, respondemos a quatro longas páginas, que não podem ser ignoradas, Sra. Deputada Zuraída Soares, apenas com dois brevíssimos parágrafos.

Em louvor e em defesa dos valores de Abril – a liberdade e a justiça social, a democracia e a autonomia regional – o PSD votaria, naturalmente, favoravelmente este voto de saudação, mas não podemos permitir que o PCP pretenda instrumentalizar a celebração nacional do 25 de Abril, que devia ser unânime e consensual, para fazer politiquice sectária colocando uns portugueses contra os outros. Para isso não conta connosco.

**Vozes de alguns deputados do PSD e do Deputado Paulo Estevão (PPM):**

Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Finalmente, então, a palavra ao Sr. Deputado Aníbal Pires.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Começar por lhe dizer, Sr. Deputado Francisco Coelho, que a alusão ao Governo do Dr. Mário Soares, na década de 80, tinha de ser feita, até porque foi nessa altura que se iniciou aquilo que não era possível até essa altura sequer pensar, que foi cortar nos salários dos trabalhadores da administração pública.

Certamente, há aqui muitos de nós que se lembram que o 13º mês do ano de 1983 nos foi roubado pelo Dr. Mário Soares. Isto para não lhe falar nas alianças que o Dr. Mário Soares fez com o Embaixador dos Estados Unidos, Frank Carlucci, que levou à contrarrevolução em Portugal. E o senhor não queria que eu fizesse estas alusões ao Dr. Mário Soares?!

**Deputado Berto Messias (PS):** Não se pode chamar contrarrevolução!

**O Orador:** Não queria?

Depois, há aqui uns equívocos. Há aqui uns equívocos! Não há nos considerandos deste voto nenhuma palavra que indique que eu fiz crer que o 25 de Abril e as conquistas do 25 de Abril eram um património do PCP. Não são um património do PCP! As conquistas do 25 de Abril e a Revolução do 25 de Abril são um património do povo português. Portanto, V. Ex.<sup>as</sup> estão a fazer, de facto, uma leitura sectária, porque o que está aqui escrito é que o património é do povo português.

Depois, julgo que a Deputada Zuraida Soares foi suficientemente clara relativamente àquilo que é a parte do voto e aquilo que efetivamente vamos aprovar, porque não são considerandos, são aqueles quatro pontos que foram aqui referenciados pela Deputada Zuraida Soares.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Vamos então passar à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

**Secretária:** O voto de saudação apresentado foi rejeitado com 28 votos contra do PS; 20 do PSD; 3 do CDS-PP; 1 do PPM; 1 voto a favor do BE; e 1 do PCP.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Passamos ao próximo voto de saudação, do CDS-PP, referente à conquista do galardão de “Melhor dos Melhores” por parte do queijo de São Jorge.

Tem a palavra a Sra. Deputada Ana Espínola.

**Deputada Ana Espínola (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente e Membros do Governo:

## **VOTO DE SAUDAÇÃO**

### **Queijo de São Jorge é o “Melhor dos Melhores”**

O queijo de São Jorge com sete meses de cura acaba de conquistar o mais importante galardão no Concurso Nacional de Queijos Tradicionais Portugueses.

O certame organizado pelo Centro Nacional de Exposições, em Santarém, e pela Qualifica, distinguiu também com uma medalha de prata o Queijo de São Jorge com três meses de cura.

Desde a descoberta dos Açores, povoamento e introdução de gado nas ilhas, em meados do século XV, dadas as excelentes condições de clima e solo que proporcionam férteis pastagens, que os habitantes recorrem ao fabrico de queijos como reserva alimentar.

O Queijo de São Jorge é o mais afamado dos queijos açorianos com classificação DOP (Denominação de Origem Protegida). Para além da sua tradicional receita, contribuem para a sua qualidade inquestionável e sucessivamente premiada, as pastagens e as influências do clima da ilha que lhe conferem características de excepção.

**O Queijo São Jorge** é reconhecido por inúmeros especialistas regionais, nacionais, europeus e internacionais, como um dos queijos com maior personalidade e que, raramente, deixa indiferente quem o aprecia.

Distingue-se dos demais queijos açorianos pelo típico e intenso sabor picante que lhe confere personalidade única e se vai evidenciando e apurando ao longo do tempo de cura.

Agora, mais uma vez, o Queijo de São Jorge é premiado. Depois de nas edições anteriores do Concurso Nacional de Queijos Tradicionais Portugueses, o Queijo de São Jorge com sete meses de cura ter arrecadado medalhas de ouro, desta vez, na quarta edição do certame, o júri que avaliou em prova cega 46 amostras de queijos de várias regiões do País, deliberou pela atribuição do mais importante galardão nacional: “O Melhor dos Melhores”.

De igual modo, o Queijo de São Jorge com três meses de cura voltou a ganhar a medalha de prata do Concurso Nacional que tem como principal objectivo premiar, promover, valorizar e divulgar os queijos tradicionais portugueses.

Assim, ao abrigo das disposições estatutárias e regimentais aplicáveis, o Grupo Parlamentar do CDS-PP propõe o seguinte Voto de Saudação:

A Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores saúda todos os produtores de leite e queijo da ilha de São Jorge, bem como todos os funcionários e administradores da Uniqueijo, Cooperativa da Beira, Cooperativa dos Lourais e Cooperativa Finisterra, pelo árduo trabalho que desenvolvem para produzir dos melhores queijos que Portugal tem, confirmado novamente com a atribuição de importantes prémios nacionais ao Queijo de São Jorge com sete meses de cura (“O Melhor dos Melhores”) e com três meses de cura (Medalha de Prata).

Deste voto deve ser dado conhecimento à Uniqueijo, todos os seus associados, funcionários e administradores; à Cooperativa da Beira, todos os seus associados, funcionários e administradores; à Cooperativa dos Lourais, todos os seus associados, funcionários e administradores; à Cooperativa Finisterra, todos os seus associados, funcionários e administradores; à Assembleia e Câmara Municipal da Calheta; à Assembleia e Câmara Municipal das Velas; à Associação de Agricultores da ilha de São Jorge e à Associação de Jovens Agricultores da Ilha de São Jorge.

Os Deputados Regionais: *Ana Espínola, Artur Lima e Félix Rodrigues*

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem, Sra. Deputada!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Estão abertas as inscrições.

Sr. Deputado André Rodrigues, tem a palavra.

(\*) **Deputado André Rodrigues (PS):** Muito obrigado, Sra. Presidente. Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do Partido Socialista associa-se com grande satisfação a este voto de saudação a todos os intervenientes na produção de queijo de São Jorge, produto que é um ex-líbris da qualidade genuína e um modo de produção único que distingue os Açores no mundo.

A conquista deste importante galardão confirma que as qualidades e características do Queijo de São Jorge mantêm-se intatas, em que o Partido Socialista continuará a promover a sustentabilidade do setor cooperativo, envolvendo os produtores, as cooperativas e o Governo dos Açores, de modo a que o queijo de São Jorge transfira para a economia da ilha de São Jorge rendimento aos produtores, às empresas e às famílias jorgenses, com o objetivo de promover a sustentabilidade, a coesão social e territorial dos Açores.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Não havendo mais inscrições, vamos então passar à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O voto de saudação apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** O próximo voto é também apresentado pelo CDS-PP, é um voto de saudação que se refere à conquista de prémios nacionais pela indústria conserveira de Santa Catarina.

Tem a palavra a Sra. Deputada Ana Espínola.

**Deputada Ana Espínola (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Vice-Presidente e Membros do Governo:

## VOTO DE SAUDAÇÃO

### Santa Catarina conquista prémios nacionais

A indústria conserveira de Santa Catarina, da ilha de São Jorge, acaba de ver vários dos seus produtos premiados, pelo segundo ano consecutivo, no Concurso Nacional de Conservas de Pescado.

Na terceira edição deste concurso, realizada em Santarém, a Santa Catarina – Indústria Conserveira, S.A, conquistou cinco prémios, inclusive, na categoria o “Melhor dos Melhores”, conseguindo assim conquistar a distinção de todos os produtos com que se apresentou ao concurso.

A empresa, com sede no Concelho da Calheta, e que é a maior empregadora da ilha, foi distinguida com o mais importante galardão do certame, tendo o Filete de Atum em azeite com sementes de funcho ganho o prémio de “Melhor dos Melhores”, sendo que a distinção deste produto da linha ‘gourmet’ da Santa Catarina confere o rótulo de “conserva de maior excelência”.

Para além do mais importante prémio, atribuído após avaliação de um júri em prova cega de 19 amostras de várias conserveiras portuguesas, a Santa Catarina ganhou duas medalhas de ouro com o Filete de Atum em Azeite Biológico, 250g, em frasco de vidro, e com o Filete de Atum com Molho Cru.

A conserveira Jorgense conquistou também duas medalhas de prata com o Filete de Atum em Azeite com Rama de Funcho e com o Paté de Atum com Orégãos.

Recorde-se, a propósito, que já na edição do ano passado do Concurso Nacional de Conservas de Pescado, a fábrica açoriana tinha averbado quatro galardões, entre os quais também o de "Melhor dos Melhores" na categoria de Conservas de Atum, com o produto Filete de Atum com tomilho, assim como a Medalha de Ouro e a Medalha de Prata, na categoria Pastas de Peixe, respectivamente, pelo Paté de Atum com Orégãos e pelo Paté de Atum, além de uma Medalha de Prata na categoria Conservas de Atum, pelo Filete de Atum com Molho Cru.

A conquista do principal prémio do concurso confere ainda à conserveira de Santa Catarina o direito a um stand na próxima edição da Feira Nacional de Agricultura, que vai ter lugar em Santarém, no próximo mês de Junho.

A Santa Catarina foi identificada, em Abril de 2013, como uma "marca que cria valor acrescentado para o País", no âmbito do projecto "Portugal Inspira".

Assim, ao abrigo das disposições estatutárias e regimentais aplicáveis, o Grupo Parlamentar do CDS-PP propõe o seguinte Voto de Saudação:

A Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores saúda a empresa Santa Catarina – Indústria Conserveira, S.A.,...

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Sérgio Ávila*): E o Governo Regional não?

**A Oradora:**... todos os seus funcionários e administradores, bem como ao Povo da ilha de São Jorge, com especial destaque aos profissionais da pesca, pela conquista de cinco prémios, entre eles o mais importante da competição ("O Melhor dos Melhores"), no Concurso Nacional de Conservas de Pescado.

Deste voto deve ser dado conhecimento à Santa Catarina – Indústria Conserveira, S.A., seus funcionários e administradores, à Assembleia e Câmara Municipal da Calheta, à Assembleia e Câmara Municipal das Velas e à Associação de Pescadores da ilha de São Jorge.

Os Deputados Regionais: *Ana Espínola, Artur Lima e Félix Rodrigues*

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Sérgio Ávila*): E ao acionista nada!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Deputado Rogério Veiros, tem a palavra.

(\*) **Deputado Rogério Veiros** (*PS*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O que me apraz dizer neste voto, no início, é que nos congratulamos e dizemos ao CDS-PP e à direita "Bem-vindos ao clube! Até que enfim que acreditam nos nossos projetos e naquilo que de bem estamos a fazer pelos Açores!".

**Deputado André Bradford e Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):**

Muito bem!

**O Orador:** Eu gostaria de dizer que “Bem-vindos ao clube”, porque, outrora, quando o Governo teve a determinação, a coragem de salvar a Santa Catarina, de participar no capital da Santa Catarina e salvar aquela indústria, muitas foram as vozes críticas e que não souberam estar ao lado do Governo num momento de grande coragem política.

**Deputado André Bradford (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Esta é uma política que marca a diferença...

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**O Orador:**... entre a direita neoliberal que governa este país e a esquerda que governa os Açores; esta é uma política que demonstra a Via Açoriana para o desenvolvimento.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Mais um momento “Rogério Veiros”!

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Estamos a falar só de conservas com orégãos!

**O Orador:** Srs. Deputados, também queria aqui dizer que além...

*(Burburinho das bancadas)*

**O Orador:** Sra. Presidente, posso continuar?

**Presidente:** Pode continuar, Sr. Deputado.

**O Orador:** Também queria aqui dizer que, com muito orgulho, foram premiados produtos de São Jorge, mas não só. Houve produtos de outras ilhas que também foram premiados e que merecem, desta bancada, o reconhecimento pelo trabalho que é feito em outras ilhas e pelos Açores fora.

Mas este prémio não é um prémio só que diga respeito a algumas entidades, é, sobretudo, um prémio daquelas mulheres e daqueles homens que, outrora, com cinco meses de ordenados em atraso, nunca deixaram de acreditar no futuro daquela fábrica...

**Deputado André Bradford (PS):** Muito bem!

**O Orador:**... e aguardaram pela intervenção do Governo para salvar a fábrica de conservas Santa Catarina.

Por isso, às trabalhadoras, aos trabalhadores da Santa Catarina, aos seus administradores e aos açorianos em geral e ao Governo Regional o nosso voto de congratulação também e estaremos associados a este voto do CDS e ainda bem e bem-vindos ao clube dos restantes partidos que, outrora, não souberam acreditar no futuro da Santa Catarina.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Não existem mais inscrições.

Sr. Deputado Artur Lima, tem a palavra.

**Deputado André Bradford (PS):** Para?

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Para? Para falar! Olha que conversa!

**Deputado Berto Messias (PS):** Não é para fazer conservas!

*(Risos do Vice-Presidente do Governo Regional)*

**O Orador:** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Efetivamente, para dizer que, felizmente, o Governo interveio para salvar a Santa Catarina, embora não tanto nem o quanto devia, mas salvou a Santa Catarina, e era preciso saber de onde é que ela veio, como é que lá chegou e, sobretudo, quem é que não tem memória e quem é que, tendo sido administrador daquela fábrica de Santa Catarina, daquela fábrica de conservas, num outro tempo, que a levou à falência, sendo administrador,...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Mas quem é que estava na câmara?

**O Orador:**... vem hoje, aqui, congratular-se que, efetivamente, o Governo tenha tomado nota disso e que a tenha salvado.

Portanto, é a confissão que estava na falência uma fábrica devido à sua administração anterior e que foi o Governo da esquerda do Partido Socialista

que a veio salvar. E, portanto, é preciso também enfatizar este facto que aqui foi referido pelo Sr. Deputado Rogério Veiros.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Não havendo mais inscrições, vamos então passar à votação.

*(Pausa)*

Sr. Deputado Rogério Veiros, pediu a palavra para?

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Para defesa da honra.

**Presidente:** Defesa da honra em relação?

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Fui administrador daquela empresa, no tempo em que ela era propriedade da Câmara Municipal e fui sócio-gerente daquela fábrica.

**Presidente:** Sr. Deputado, pede a palavra para defesa da honra. Tem a palavra. Tem três minutos.

**(\*) Deputado Rogério Veiros (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Srs. Deputados, eu trabalhei, com muita honra, na fábrica de conservas Santa Catarina no tempo em que a fábrica de conservas Santa Catarina era propriedade da Câmara Municipal da Calheta, saí da administração da fábrica no ano de 2002, estão patentes os resultados, a situação económica e financeira da fábrica à altura e quando saí a fábrica gozava de autonomia financeira e gozava de boa condição económica. Por isso, Sr. Deputado, não tenho vergonha absolutamente nenhuma do meu trabalho e as pessoas que ainda lá trabalham do meu tempo também se recordam bem do trabalho que lá fiz e tenho muita honra e muito orgulho naquilo que lá fiz.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto ao Sr. Deputado Artur Lima se quer usar da palavra para proceder às explicações.

Tem a palavra. Dispõe de três minutos, Sr. Deputado.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Não gostava era do acionista, não era do administrador!

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Diga, Sr. Deputado Francisco Coelho.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Não gostava era do acionista, não era do administrador!

**O Orador:** Exatamente! Está a ver como me compreende?!

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

O Sr. Deputado Rogério Veiros defende a honra de um ataque que ele próprio fez à sua honra,...

*(Risos do Deputado Paulo Estêvão)*

... porque quem disse, afirmou aqui que a fábrica estava falida, que já não tinha salvação, que foi o Governo da esquerda do Partido Socialista que salvou a fábrica...

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** E é verdade!

**Deputado Rogério Veiros (PS):** O senhor não está a ser sério!

**O Orador:**... de Santa Catarina, foi aqui dito pelo Sr. Deputado Rogério Veiros que a fábrica estava falida, e foi salva pelo Governo de esquerda do Partido Socialista.

Ora, se a fábrica estava falida,...

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Seja sério!

**O Orador:**... é normal concluir-se que foram as anteriores administrações que levaram a fábrica à falência...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:**... e que o Partido Socialista, o Governo do Partido Socialista da esquerda açoriana, o Governo de esquerda do Partido Socialista é que salvou uma fábrica que vinha falida das administrações anteriores. E quem afirmou isto aqui foi o Sr. Deputado Rogério Veiros, não fui eu.

Muito obrigado.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** É uma conclusão irrefutável!

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Eu não sei se posso esclarecer, mas eu saí em 2006!

**Presidente:** Nós não vamos eternizar o debate sobre essa matéria, porque, aliás, nem é sobre isso que estamos aqui, hoje, a debater, é sobre um voto de saudação aos prémios da empresa de Santa Catarina.

Vamos então passar à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O voto de saudação apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Muito bem.

Continuamos em São Jorge com um voto de congratulação apresentado pelo PSD referente à conquista de prémios em concurso nacional de produtos jorgenses.

Tem a palavra o Sr. Deputado António Pedroso.

**Deputado António Pedroso (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

### **Voto de congratulação**

#### **Produtos Jorgenses conquistam prémios em concurso nacional**

Os produtos de origem açoriana são únicos e de qualidade reconhecida, sempre foram e sempre serão.

A indústria conserveira e o sector cooperativo Jorgense apesar de atravessarem um período de grandes dificuldades financeiras conseguem obter galardões de qualidade ao mais alto nível.

Santa Catarina, herdeira da antiga tradição conserveira da ilha de S. Jorge e pioneira no respeito pelo mar e pelo ambiente, apresenta no mercado o melhor atum preparado segundo os métodos artesanais usados pelos antigos mestres conserveiros.

O Atum, sendo pescado de “Salto e Vara” no mar dos Açores, sem qualquer atividade predatória, é a única pesca que pode ser considerada Dolphin Safe e ambientalmente sustentável.

A marca “Santa Catarina”, além de ter ganho o prémio das conservas mais sustentáveis do mundo, atribuído pela Greenpeace, tem conseguido arrecadar outros distintos prémios.

No ano de 2013, as conservas de Santa Catarina foram o único produto açoriano a bordo do cacilheiro que representou Portugal na Bienal de Veneza. Esta participação permitiu a divulgação e identificação desta marca num evento de excelência mundial, representando este produto jorgense numa cidade que foi, durante meses, a capital artística mundial.

Agora, a indústria conserveira Santa Catarina conquistou cinco prémios no 3º concurso nacional de conservas realizado em Santarém.

Numa produção considerada Groumet, o “Filete de Atum em azeite com sementes de Funcho” e o “Paté de Atum com Oregãos” foram agraciados com a medalha de prata.

Já o “Filete de Atum em Azeite Biológico em frasco de vidro” e o “Filete de Atum com Molho Cru” obteve duas medalhas de ouro.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Está a deixar-me com fome!

**O Orador:** Outro produto, pilar na economia jorgense é o Queijo de S. Jorge, cuja origem remonta ao século dezasseis, e ainda hoje se mantem os métodos artesanais e os ingredientes tradicionais que caracterizam o seu fabrico.

No corrente mês de Abril, o queijo de S. Jorge com 7 meses de cura, este produto jorgense de excelência, foi distinguido com o prémio “Melhor dos Melhores” na 4ª edição do Concurso Nacional de Queijos Tradicionais Portugueses que decorreu no Centro Nacional de Exposições, em Santarém, e o queijo com 3 meses de cura conquistou a Medalha de Prata.

A qualidade de queijo de S. Jorge é o resultado do esforço dos produtores, num quadro cheio de dificuldades, merecendo mais apoio e carinho das entidades públicas.

Assim, o Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata, ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis, propõe que a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores emita o seguinte voto:

**A Assembleia Legislativa Regional dos Açores congratula-se pelo facto da “Santa Catarina Industria Conserveira” ter sido distinguida com cinco prémios no 3º Concurso Nacional de Conservas de Pescado, recebendo 2 medalhas de prata e 2 medalhas de ouro, bem como o prémio “ Melhor dos Melhores”; congratula-se também com o facto de o queijo de S. Jorge ter sido distinguido pela medalha de prata, e pelo prémio “Melhor dos melhores”.**

A presente congratulação deve ser comunicada aos diretores e trabalhadores da “Santa Catarina”, bem como às Cooperativas de S. Jorge e respetivos trabalhadores que se têm esforçado para manter e aumentar a qualidade do produto Jorgense.

Horta, sala das sessões, 10 de Abril de 2014

Os Deputados: *Duarte Freitas, António Marinho, António Ventura, António Pedroso, Bruno Belo e Luís Garcia*

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há inscrições.

Sr. Deputado Rogério Veiros, tem a palavra.

(\*) **Deputado Rogério Veiros (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Após o voto aqui apresentado pelo CDS-PP, também assistimos, hoje, a um voto do PSD sobre os produtos de São Jorge, e aproveito para referir que houve mais produtos açorianos que foram também premiados neste certame e que nos orgulha, a jorgenses em particular, mas a todos os açorianos de uma forma em geral.

E dizer que, realmente, este voto hoje só é possível porque em São Jorge está a fazer-se um trabalho profundo, um trabalho na Santa Catarina que tem a ver com a aposta no gourmet, na inovação e transformando aquilo que é o saber-

fazer das senhoras que lá trabalham, acrescentando inovação, criando produtos de excelência que estão a ser um autêntico sucesso nos mercados nacionais e internacionais e que isso tem levado a que a Santa Catarina, no ano que terminou, tenha tido resultados de exploração positivos e o que quer dizer que a Santa Catarina está, efetivamente, no bom caminho.

Parabéns a São Jorge, parabéns às trabalhadoras e aos trabalhadores, parabéns à sua administração, parabéns ao Governo.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Oh!

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** O Governo colocou os orégãos!

*(Risos das bancadas do PPM e do PSD)*

**O Orador:** No que diz respeito à...

Srs. Deputados, parabéns ao Governo porque se algo estivesse mal, e quando algo estava a correr mal e a decisão do Governo, os senhores souberam vir aqui apontar o dedo ao Governo e agora que as coisas correm bem, o Governo já não pode fazer parte da festa.

**Deputado José Ávila (PS) e Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Muito bem!

**O Orador:** Mas que contradição é essa, Srs. Deputados?

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** É azia!

**O Orador:** E no que diz respeito ao setor cooperativo, também é preciso dizer-se que a evolução que existe na qualidade do produto “Queijo de São Jorge” e na sua classificação também tem a ver com o trabalho que tem sido feito, sobretudo pelos produtores de leite em São Jorge, melhorando a sua qualidade, e isso tem sido uma evolução excecional, também melhorando ao nível da transformação e a reestruturação que foi feita na transformação tem permitido melhorar a qualidade do produto. Temos hoje um produto mais homogéneo, com melhores características e que responde às necessidades do mercado da grande distribuição, que é extremamente exigente naquilo que diz respeito às qualidades de comercialização e de controlo alimentar.

E, por isso, Srs. Deputados, esse é um trabalho que tem sido feito e que nós todos (todos!) esperemos que esta evolução também permita que os produtores venham a ser ressarcidos em melhor rendimento para a sua produção, que é para eles que isso importa.

O Partido Socialista associa-se, obviamente, a este voto de congratulação e é um voto de todos os jorgenses, com o qual não podíamos deixar de estar de pleno acordo.

Obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Vamos então votar.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O voto apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** O próximo voto de congratulação refere-se à campeã nacional de mega salto, Mainara Rodrigues.

Tem a palavra, pelo Partido Socialista, o Sr. Deputado Ricardo Ramalho.

**Deputado Ricardo Ramalho (PS):** Senhora Presidente da Assembleia, Senhoras e Senhores Deputados, Senhora e Senhores Membros do Governo:

### **VOTO DE CONGRATULAÇÃO**

#### **Mainara Rodrigues, campeã nacional de Mega Salto**

A jovem Mainara Rodrigues, da Escola Básica e Secundária da Graciosa, sagrou-se, no passado dia 29 de março, campeã nacional na prova de Mega Salto escolar, com a marca de 4 metros e 58 cm no escalão de Infantis B femininos.

Estes são feitos a que esta atleta já nos tem vindo a habituar. Em 2013 sagrou-se campeã regional nesta mesma modalidade, na categoria de infantis A femininos, e, este ano, repetiu o feito sagrando-se campeã regional na prova de Mega Sprint.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Muito bem!

**O Orador:** A prova nacional, intitulada Mega Nestlé é uma iniciativa do Desporto Escolar Nacional, em colaboração com a Federação Portuguesa de Atletismo, à qual a Direção Regional do Desporto, no âmbito das atividades do Desporto Escolar, se associa, com as adaptações ao regulamento julgadas convenientes, em função da realidade geográfica da Região.

Este projeto visa, entre outros objetivos, a deteção de jovens com capacidade ao nível da velocidade, já que esta é uma capacidade motora transversal à grande maioria das modalidades desportivas, aumentar a oferta de atividade física desportiva em meio escolar e apurar os representantes da Região Autónoma dos Açores no Mega Salto Nacional.

A final nacional da X Edição do Mega Nestlé reuniu, na pista de atletismo do Estádio da Bela Vista, no Parchal, Algarve, mais de 900 participantes, que passaram por várias fases de seleção para estarem presentes na final nacional que foi apadrinhada por três medalhados olímpicos, Nelson Évora, Francis Obikwelu e Rui Silva.

Assim, ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista propõe que a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, reunida em plenário de abril de 2014, emita o seguinte voto de congratulação:

“A Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores congratula a jovem Mainara Rodrigues, e os seus professores, pela conquista do título nacional, nas provas do Mega Salto escolar, no escalão de Infantis B femininos, em representação da Escola Básica e Secundária da Graciosa.”

Do presente voto deve ser dado conhecimento à atleta, à Federação Portuguesa de Atletismo, Direção Regional do Desporto, Escola Básica e Secundária da Graciosa, Câmara e Assembleia Municipal de Santa Cruz da Graciosa.

Disse.

Horta, sala das sessões, 9 de abril de 2014

Os Deputados Regionais: *Ricardo Ramalho, José Ávila e Berto Messias*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado João Bruto da Costa.

(\*) **Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Srs. Membros do Governo:

O PSD associa-se a este voto de congratulação pela brilhante vitória da atleta graciosense da Escola Secundária da Graciosa, Mainara, nascida no ano de 2002, na prova de mega salto escolar.

Esta jovem tem, de facto, o mérito de, com o seu esforço e com o trabalho que tem sido desenvolvido naquela escola no âmbito desportivo, conquistar este prémio a nível nacional.

E citando o coordenador do Departamento de Educação Física, o professor Pedro Silveira, na homenagem que foi feita pela escola, nada como dizer que, e cito, “Ser a melhor de Portugal no desporto escolar, no salto em comprimento com 4,58m no escalão de infantil B significa ser a melhor entre milhares de alunos em todo o país”. E, por isso mesmo, o PSD associa-se e felicita tanto a atleta...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:**... Mainara Rodrigues, como todo o Departamento de Educação Física da Escola Secundária da Graciosa por esta brilhante conquista e por este brilhante lugar.

**Deputados Paulo Estêvão (PPM) e Jorge Macedo (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Não havendo mais inscrições, vamos então passar à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O voto de congratulação apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Vamos fazer agora um intervalo. Regressamos ao meio-dia.

*Eram 11 horas e 27 minutos.*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, vamos recomeçar os nossos trabalhos.

*Eram 12 horas e 06 minutos.*

Vamos então continuar com a apresentação de votos.

O próximo é um voto de congratulação apresentado pelo CDS-PP referente 150º aniversário da publicação do último volume dos *Anais da Ilha Terceira* de Francisco Ferreira Drummond.

Tem a palavra o Sr. Deputado Félix Rodrigues.

**Deputado Félix Rodrigues (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

### **VOTO DE CONGRATULAÇÃO**

#### **Centésimo quinquagésimo aniversário da publicação do último volume dos *Anais da Ilha Terceira* de Francisco Ferreira Drummond**

Francisco Ferreira Drummond, natural da Vila de São Sebastião foi historiógrafo, paleógrafo, músico, organeiro e político no século XIX. Foi um homem com intensa atividade cívica e cultural e uma obra vasta, mas pouco conhecida.

A 14 de Outubro de 1951, a Câmara Municipal de Angra do Heroísmo erigiu no lugar do Rossio, na Vila de São Sebastião, um monumento em sua homenagem. Essa primeira homenagem a Ferreira Drummond ocorreu 155 anos após o seu nascimento, e 93 anos após a sua morte. Decorreu demasiado tempo para se reconhecer o talento desse ilustre terceirense e o valor inegável da sua obra.

Francisco Ferreira Drummond foi organista da Matriz da Vila da Praia da Vitória, desde os 15 anos de idade, cargo que exerceu durante 47 anos, até ao seu falecimento.

Músico por vocação, Francisco Ferreira Drummond, dispunha de profundos conhecimentos musicais práticos e teóricos, pois a ele recorriam na ilha, sempre que dos respetivos serviços se carecia, vários párocos e músicos. Na sua residência, tinha cravo e manicórdio, em que sempre se exercitou até aos últimos anos de vida.

Em 1822, tendo-se procedido à eleição da Câmara Municipal de S. Sebastião, segundo o novo sistema constitucional, Ferreira Drummond foi eleito seu secretário. Deste modo, aderiu ao novo regime implantado no País, como consequência do triunfo da Revolução Liberal de 1820. No ano seguinte, banida como foi a constituição e restituído a D. João VI aos seus antigos direitos, foi este aclamado, e por toda a parte se iniciou a perseguição aos constitucionais. Na Vila da Praia, então um baluarte absolutista, essas perseguições populares foram violentas, sendo por elas também atingido Ferreira Drummond, que ali se encontrava.

Em 1836, foi eleito Presidente da Câmara Municipal da Vila de São Sebastião, tendo desempenhado essas funções até 1839. Neste último ano, foi eleito Procurador à Junta Geral do Distrito, e durante vários anos exerceu também o cargo de Provedor da Misericórdia da Vila de São Sebastião.

A grande obra de Francisco Ferreira Drummond foi sem dúvida “Os Anais da Ilha Terceira”, obra que contém declarações históricas circunstanciadas e minuciosas desde o descobrimento destas ilhas até ao ano de 1832. Os quatro volumes dos *Anais da ilha Terceira* foram oferecidos pelo seu autor à Câmara Municipal de Angra do Heroísmo que os publicou de forma faseada em 1850, 1856, 1859 e 1864, não tendo chegado o autor a ver a publicação dos dois últimos volumes da obra.

Quase tudo quanto é possível investigar-se acerca da história da ilha Terceira, desde o descobrimento das ilhas dos Açores, até à data anteriormente referida, consta dos *Anais da Ilha Terceira*, por ter havido consulta da história insulana de Cordeiro, de Frutuoso e de várias memórias antigas, como do padre Maldonado e do padre Chagas, e até dos arquivos das Câmaras Municipais, das alfandegas, do Cabido da Sé de Angra, e dos papéis antiquíssimos de casas ilustres.

Em 2014 comemora-se o 150º aniversário da publicação do último volume dos *Anais da Ilha Terceira*, cuja consulta é obrigatória para uma profunda compreensão da história da Terceira e dos Açores. Na ausência de justas homenagens a tão insigne historiógrafo Açoriano, por ter deixado em mãos

alheias tão sublime obra que só voltou a ser reeditada pela Secretaria Regional da Educação e Cultura em 1981, numa edição fac-similada, congratulamo-nos pela efeméride aqui referida.

Assim, ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis, o Grupo Parlamentar do CDS-PP propõe à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores a aprovação de um Voto de Congratulação pelo centésimo quinquagésimo aniversário da publicação do último volume dos *Anais da Ilha Terceira*, do qual deve ser dado conhecimento formal à Assembleia e Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, à Assembleia e Câmara Municipal da Praia da Vitória, à Junta de Freguesia da Vila de São Sebastião, à Mesa da Santa Casa da Misericórdia de São Sebastião, responsável pela Casa-Museu Francisco Ferreira Drummond e à Casa do Povo da freguesia da Vila de São Sebastião.

Os Deputados: *Félix Rodrigues, Ana Espínola e Artur Lima*

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem dito!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Rendeiro.

(\*) **Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Ferreira Drummond é uma personalidade incontornável da história e cultura dos Açores e, de facto, como muito bem está explicado no texto do voto apresentado pelo CDS-PP, decorreu demasiado tempo para se reconhecer o talento deste ilustre açoriano da Terceira e o valor inegável da sua obra.

A sua grande obra, *Anais da Ilha Terceira*, é um dos documentos históricos mais importantes publicados desde o descobrimento das ilhas. Pena é que tão ilustre figura da açorianidade não tenha vivido para ver a publicação completa da obra que realizou.

É com muita naturalidade e regozijo e também justiça perante a história e cultura dos Açores que nos curvamos perante a memória de Ferreira Drummond e com muita naturalidade nos vamos associar a este voto.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sra. Deputada Cláudia Cardoso, tem a palavra.

(\*) **Deputada Cláudia Cardoso (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Também para associar, naturalmente, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista a este voto apresentado sobre uma figura que, tal como foi dito, foi tardiamente e ainda hoje pouco reconhecida nos Açores. Foi, efetivamente, dado o seu nascimento numa família que tinha ligações fortes ao magistério primário e à cultura da ilha Terceira em particular e à cultura em geral, uma figura ímpar para a história da nossa ilha e para a história dos Açores, atrevo-me a dizer, uma vez que muito daquilo, ou quase tudo aquilo que conhecemos sobre a história do povoamento da ilha Terceira é devido a esta obra, que agora se comemora o 150º aniversário.

Ele foi também e foi pela sua mão, com as atividades cívicas que desempenhou com muito denodo, que conseguimos ter, por exemplo, e curiosamente, na Vila de São Sebastião, que então era sede do município, acesso à recolha e a condutas de água da primeira grande obra hidráulica feita na ilha Terceira, seguramente, e, eventualmente, nos Açores.

Dele já foi dito que foi um dos primeiros historiadores científicos da açorianidade, porque precisamente prezava as fontes e tinha um detalhe e um recorte naquilo que era a fidedignidade daquilo que dizia e afirmava. Tanto assim foi que esta obra que, hoje, aqui, este voto comemora o 150º aniversário foi sendo gradualmente divulgada e o último volume sai precisamente há 150 anos e é publicado postumamente.

Portanto, julgo, hoje temos uma escola cujo patrono é precisamente na Vila de São Sebastião. Francisco Ferreira Drummond é uma figura ímpar que merece, com inteira justiça, este voto e talvez outras comemorações.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Julgo não haver mais inscrições. Vamos então votar.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O voto de congratulação apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Passamos agora para um voto de protesto apresentado pelo Bloco de Esquerda. Tem a palavra a Sra. Deputada Zuraída Soares.

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Sra. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

### **VOTO DE PROTESTO**

O Despacho do Senhor Secretário Regional da Saúde nº 289/2013, de 15 de Fevereiro, determina que as prescrições para a área da Medicina Física e de Reabilitação devem ser efectuadas por médicos desta especialidade. Nas Unidades de Saúde em que não há especialista, no quadro de pessoal, podem os médicos de Medicina Física e de Reabilitação, do Hospital de referência, enviar as requisições para a Unidade de Saúde, por e-mail ou fax, após consulta telefónica ou telemedicina.

Este é, na essência, o teor do Ponto 2, da cláusula 9ª, do referido Despacho.

O Ponto 3 do mesmo Despacho determina que, para efeitos da respectiva Convenção, no âmbito das entidades privadas, as prescrições só podem ser efectuadas, por médicos da especialidade de Medicina Física e de Reabilitação.

No entanto, a vida mostra como o referido Despacho está desajustado da realidade e, até, como a sua aplicação é completamente subvertida, na Região, por manifesta impossibilidade do seu cumprimento.

Temos testemunhos concretos, de pessoas em ilhas com médicos especialistas que, a partir do seu Médico de Família, têm acesso a estabelecimentos privados de cuidados de Medicina Física e de Reabilitação.

Encontramos o mesmo tipo de testemunhos em ilhas que não têm médico desta especialidade mas que, através do Médico de Família, têm acesso ao tratamento, nesta área.

Na Ilha do Faial, onde existe um médico da especialidade, no Hospital desta ilha – o qual não chega para as necessidades –, o Despacho é cumprido na íntegra.

No Centro de Saúde da Horta, por exemplo, os Médicos de Família não podem prescrever. Neste caso, os doentes, ou vão para a lista de espera do Hospital ou, como a dor aperta, vão ao Médico de Família, no seu consultório particular, onde pagam a consulta e obtêm a pretendida “receita”.

Com esta receita, apresentam-se nas entidades privadas da cidade da Horta, as quais ministram os referidos tratamentos, exigindo o pagamento integral de todos os tratamentos prescritos, logo na primeira sessão.

Com este recibo, os doentes dirigem-se, depois, aos Serviços de Acção Social, onde são ressarcidos das verbas despendidas.

Toda esta situação mostra as incongruências e contradições do Despacho em causa. Como, facilmente, se intui, o Despacho está errado por não responder à realidade sendo, por isso, ultrapassado, de todas as maneiras.

Assim, das duas, uma:

- Ou é aplicado, na íntegra, como na situação do Faial – o que obriga quem sofre (em regra, pessoas mais idosas e de poucos recursos) a pagarem uma consulta para terem acesso a um tratamento que deveria ser universal e tendencialmente gratuito.

- Ou o Despacho é anulado, por perverso, inadequado à realidade da Região e promotor de subversões inevitáveis.

Este quadro mostra, de forma clara, que os cortes sem nexos e cegos, na Saúde, potenciam aproveitamentos abusivos, fazem sofrer os mais necessitados e que, com tudo isto, o Governo Regional é conivente.

**Assim, a Representação Parlamentar do Bloco de Esquerda propõe que a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores manifeste o seu repúdio, por um Despacho que é contrário aos utentes do Serviço Regional de Saúde, por ser incongruente face à realidade objectiva da Região e padecer de uma lógica tecnocrática e economicista, indutora de práticas que lesam os utentes mais desfavorecidos deste Serviço.**

**Propõe-se, ainda, que deste Voto seja dado conhecimento ao Senhor Secretário Regional da Saúde, ao Presidente do Governo Regional e a todas as Unidades de Saúde da Região.**

Horta, Sala das Sessões, 10 de Abril de 2014

Disse.

A Deputada: *Zuraida Soares*

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Estão abertas as inscrições.

Sr. Secretário Regional, pede a palavra para?

**Secretário Regional da Saúde (*Luís Cabral*):** Para intervir no debate.

**Presidente:** Sr. Secretário, neste período regimental de apresentação de votos o Governo não pode intervir, por isso não lhe posso dar a palavra.

**Deputado Artur Lima (*CDS-PP*):** Aprendeu depressa!

**Presidente:** Estão abertas as inscrições.

Sr. Deputado Ricardo Cabral, tem a palavra.

**Deputado João Bruto da Costa (*PSD*):** Nem sequer quis ouvir o deputado do PS!

(\*) **Deputado Ricardo Cabral (*PS*):** Excelentíssima Senhora Presidente da Assembleia, Excelentíssimos Senhores Deputados, Excelentíssimas Senhoras Deputadas, Excelentíssima Senhora Membro do Governo e Excelentíssimos Membros do Governo:

O Despacho nº. 289/2013, de 15 de fevereiro, determina que as prescrições para a área da medicina física e de reabilitação devem ser efetuadas pelos médicos dessa especialidade. É um despacho que tem como objetivo garantir a qualidade da prescrição e dos tratamentos no sistema público.

Existem três sistemas de acesso dos doentes aos tratamentos de fisioterapia no Sistema Regional de Saúde da Região Autónoma dos Açores: o sistema público, que está a funcionar normalmente nos hospitais de Ponta Delgada e de Angra do Heroísmo; o sistema convencionado, quando o sistema público não responde favoravelmente, que é o caso da ilha do Faial. Aqui, os doentes são orientados para o sistema privado contratualizado sob orientação do Serviço de

Medicina Física e de Reabilitação do Hospital da Horta. E ainda há o sistema totalmente privado, onde os doentes recorrem aos profissionais de saúde na privada e os doentes são respetivamente reembolsados pelo...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** São, são! Muito bem reembolsados!

**O Orador:**... Serviço Regional de Saúde. E lembro que muitos tratamentos efetuados são reembolsados a 100%.

Quanto às prescrições serem feitas somente pelos médicos com especialidade de medicina física e de reabilitação, é uma questão de qualidade do sistema de saúde da região.

A especialidade de medicina física de reabilitação é igual a todas as outras especialidades. É uma especialidade reconhecida internacionalmente e mundialmente aceite.

Srs. Deputados e Sras. Deputadas, não pode ser um neurocirurgião a prescrever tratamentos subsequentes de outra especialidade como, por exemplo, um enfarte do miocárdio.

O que se pretende é garantir um acesso ao tratamento com qualidade, com igualdade e com segurança. Nas ilhas sem hospital, é necessário um incremento na deslocação dos especialistas de medicina física e de reabilitação e é isso que está sendo feito.

E sabemos mais. O Sr. Secretário da Saúde negociou recentemente com os sindicatos dos médicos e houve um entendimento profícuo nesta matéria de deslocação de especialistas às ilhas sem hospitais.

Por essas razões, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista não vai votar favoravelmente este voto de protesto da Representação Parlamentar do Bloco de Esquerda.

Disse.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições.

*(Pausa)*

Não havendo, vamos então...

Sr. Deputado Luís Maurício, tem a palavra.

(\*) **Deputado Luís Maurício (PSD)**: Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O despacho de 15 de fevereiro, publicado em Jornal Oficial, II série, pretende regular a prescrição no âmbito da medicina física e de reabilitação - é esse o seu objeto - e tem como consequência imediata o seguinte. Para que os utentes do Serviço Regional de Saúde que necessitem de tratamentos na área da medicina e reabilitação tenham direito a reembolso, essa prescrição só pode ser feita única e exclusivamente por médicos com a especialidade de medicina física e reabilitação. Este é o objeto do despacho do Sr. Secretário e a consequência imediata do seu conteúdo.

Em função disso, encontramos três tipos de incongruências no despacho. Uma que deriva do facto associado às ilhas sem hospital e, portanto, sem terem médico de medicina física e de reabilitação nos seus quadros (estou a referir-me às ilhas de São Jorge, Graciosa, Flores, Santa Maria, por exemplo) e que em função disso, naturalmente, dependem da deslocação regular de médicos desta especialidade, portanto, ao local, o que significa que essa regularidade, por menor período de intervalo de deslocação que seja feito, não garante a permanência de um médico de medicina física e de reabilitação no local.

E, portanto, se se pretende uma qualidade na prescrição, não se entende que em função desta realidade - ausência de médicos de medicina física e reabilitação nas unidades sem hospital e, por conseguinte, estamos a falar de centros de saúde, sem que tenham médicos desta especialidade nos seus quadros - seja possível, na defesa da qualidade, aqui colocada pelo Sr. Deputado Ricardo Viveiros Cabral, que essa prescrição, afinal, possa ser feita por telefone. Então, onde é que está a qualidade? Então, reconhece-se, de forma implícita, que um médico de medicina geral e familiar, no seu centro de saúde, tem capacidade para avaliar aquele doente, transmitir uma informação clínica, que se subentende correta, ao médico especialista de medicina física e reabilitação e que se submete a um ato mecânico de prescrição por fax ou telefone.

A segunda incongruência deste despacho diz respeito à realidade das ilhas com hospital e que possuem nos seus quadros médicos de medicina física e de reabilitação, mas que não têm capacidade de resposta perante os utentes que os procuram, nomeadamente o caso citado no voto de protesto do Bloco de Esquerda, no que à ilha do Faial diz respeito. E, portanto, estamos aqui a agravar a espera de doentes que necessitam de tratamento.

Terceira incongruência do despacho. O facto de se limitar a prescrição de tratamentos na área da medicina física e de reabilitação a esses especialistas e de se impossibilitar a mesma prescrição por parte de outras especialidades médicas, quer no setor público, quer no setor privado (sublinho, impossibilidade, não, impossibilidade de prescrição na perspetiva dessa prescrição dar direito a um reembolso, porque a prescrição não é, na verdade, impedida), a terceira incongruência, dizia, diz respeito a outras áreas complementares que, no âmbito da sua formação, fazem formação na área da medicina física e de reabilitação.

Pode-se perceber que o contexto da publicação deste despacho pode querer fazer combater abusos ou desvios à prescrição adequada de tratamentos nesta área, mas, naturalmente, a Secretaria Regional da Saúde, como o tem feito em outras áreas e publicamente temos tido conhecimento, tem mecanismos ao seu alcance para que esses abusos e desvios sejam identificados e identificados os seus responsáveis.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Em nenhuma circunstância podem os doentes ser a consequência de atos abusivos e da desresponsabilização de quem os pratica e da ausência tutelar da regulação por parte da Secretaria Regional da Saúde.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Por conseguinte, que cenário é que encontramos? Um despacho, como bem diz o voto de protesto, publicado há mais de um ano, mas inaplicável na região. Inaplicável na região! E, na verdade,...

**Presidente:** Agradeço que termine, Sr. Deputado.

**O Orador:** Já termino, Sra. Presidente.

... Sr. Secretário Regional, embora reconheça aqui esta figura regimental, embora permitindo-lhe a ausência da Sala do Plenário, não permite uma intervenção direta no debate, naturalmente, tenho que lhe dizer o seguinte: ela revela o desconhecimento da realidade concreta do Serviço Regional de Saúde.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Infelizmente, este não é o único exemplo. E sabe quem são os prejudicados? Os doentes dos Açores.

Muito obrigado.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Artur Lima, tem a palavra.

**(\*) Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito obrigado, Sra. Presidente. Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Começamos a assistir à ditadura socialista da austeridade na saúde. E, em primeiro lugar, eu queria prestar o reconhecimento a todos os médicos de medicina geral e familiar que têm prestado serviço nos centros de saúde das ilhas sem hospital e que têm prescrito aos seus doentes tratamentos de fisioterapia. Não conheço, até hoje, nenhum caso de nenhum médico que tenha sido acusado de negligência ou de ter prescrito mal um tratamento ou de ter prejudicado o seu doente.

O que se está a fazer é um atentado à dignidade profissional dos médicos de medicina geral e familiar nas ilhas sem hospital. E há uma coisa que o Sr. Deputado Ricardo Viveiros Cabral erra e erra profundamente, é que o Governo não pode regular a competência e a atividade dos profissionais de saúde; e o Governo não pode proibir a um médico de medicina geral e familiar que prescreva qualquer exame que ele ache que tem competência para prescrever. Pode sempre prescrever, o que não pode é ser reembolsado porque o Governo

não quer. Agora, o Governo não pode proibir que esse profissional prescreva. O que o Governo faz é proibir que o doente seja reembolsado, e é isso que prejudica. Prejudica o doente no seu direito ao reembolso e vai prejudicar ainda mais na nova tabela de reembolsos e convenções que aí vem, que é absolutamente mais uma prova da austeridade ditatorial do Partido Socialista para a saúde.

Tudo isto se resume a uma coisa: falta de dinheiro. E quem vai pagar são os doentes na Região Autónoma dos Açores.

Para um partido que se diz defensor do Serviço Regional de Saúde, Manuel Alegre, Berto Messias e tantos outros, que criticaram, estão exatamente a aplicar na saúde austeridade, austeridade e austeridade.

*(Burburinho da câmara)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Estêvão, tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Estamos numa figura regimental em que o Governo não pode intervir. E eu percebo perfeitamente que a Sra. Presidente não pode fazer coisa diferente daquilo que o Regimento escreve em relação a esta situação e estabelece em relação a esta situação.

Não há nada a fazer em relação a esta matéria a não ser, da parte do PPM, dizer o seguinte: eu gosto sempre, quando faço uma intervenção, que aqueles que eu critico ou que faço um reparo tenham o direito do contraditório. Mas estas são as regras, e estas são as regras que estão em vigor desde que o PPM, o Bloco de Esquerda e o PCP integraram esta casa. E, portanto, estas são as regras que foram, na altura, com certeza, estabelecidas pelos partidos que cá estavam. E, portanto, nós respeitamos as regras e não podemos fazer outra coisa e temos que o fazer com elegância e aproveitando, depois, outros mecanismos para poder responder.

Obviamente, da minha parte, eu considero que era importante que o Governo tivesse oportunidade de exercer o contraditório, mas não é possível e estas regras não foram definidas pela oposição.

Devo dizer também o seguinte, dar aqui o meu testemunho em relação a esta matéria na ilha do Corvo.

Este despacho está a provocar atrasos muito significativos. Alguns utentes da ilha do Corvo dirigiram-se no sentido de exercer, em relação a esta matéria, um pedido de informação na medida em que já estavam há dois, três meses, entre dois a três meses, para ser mais preciso, à espera de ter uma intervenção nesta matéria. E, portanto, é um atraso muito significativo, o que significa que estas regras que este despacho estabelece não estão a funcionar e estão, sobretudo, a prejudicar os doentes que precisam destas intervenções.

Portanto, é evidente que aqui, nesta matéria, algo se tem que alterar no sentido de permitir que estas intervenções se façam com a celeridade e que estes processos corram com a celeridade que todos nós devemos à população dos Açores e temos que ter, em relação a esta matéria, exigência, rigor e, sobretudo, solidariedade com aqueles que estão a sofrer.

E, portanto, a intervenção tem que se fazer o mais rapidamente possível e não é isso que está a acontecer, e posso aqui testemunhar, na ilha do Corvo: vários utentes ficaram entre dois a três meses à espera que os seus processos se iniciassem.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Aníbal Pires, tem a palavra, mas tem que ser mesmo muito breve.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sim, sim, Sra. Presidente. Muito obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Calma, senão não percebemos nada!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Não precisa!

**Presidente:** Precisa, precisa!

*(Risos)*

**O Orador:** Eu peço que me conceda uma “toleranciazinha” face ao início da minha intervenção.

Há uma questão que fica clara dos considerandos do voto de protesto que o Bloco de Esquerda aqui apresenta e que tem a ver com o seguinte. O próprio despacho favorece (favorece!) a iniciativa privada. Isto é, não há poupança nenhuma em termos do serviço público e os doentes são empurrados para os consultórios privados para depois obterem as receitas e levarem os tratamentos. É isso que fica claro e isso o Partido Socialista tem de resolver, de uma vez por todas, que é acabar com esse favorecimento à iniciativa privada e acabar com a promiscuidade entre aquilo que é serviço público e que é serviço privado. Porque isto resulta em prejuízo das finanças da Região Autónoma dos Açores e, sobretudo, resulta, em prejuízo dos próprios doentes.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Deputado.

A Mesa não tem mais inscrições. Sra. Deputada Zuraída Soares, tem a palavra.

**(\*) Deputada Zuraída Soares (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Eu queria começar por dizer o seguinte. Começa a ser prática nesta casa o Governo Regional amuar sempre que não pode falar durante um voto de protesto. E eu acho isto uma coisa extraordinária, porque o Governo Regional só quer falar exatamente durante os votos de protesto, porque fora dos votos de protesto...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:**... o Governo Regional tem todo o tempo, toda a legitimidade, todas as oportunidades para se explicar, para fundamentar, para pedir esclarecimentos. Não o faz. Chega o voto de protesto, ai ai ai que agora que nós queríamos falar é que não falamos.

*(Risos da bancada do PSD)*

Srs. Membros do Governo, alguma coisa está errada nisto. O voto de protesto é uma figura regimental legítima e os Srs. Membros do Governo não podem amuar porque neste momento do voto de protesto não podem falar. Aproveitem para falar em todas as outras oportunidades.

**Deputado André Bradford (PS):** Imagine se houvesse uma figura que a senhora não pudesse falar!

**A Oradora:** Depois, relativamente ao conteúdo do voto. O problema, Sras. e Srs. Deputados, não é o despacho, o despacho nas suas intenções, aliás, nas suas louváveis intenções de trazer qualidade e rigor para o Serviço Regional de Saúde, o problema são as incongruências que o despacho contém e que foram aqui muito bem esclarecidas (eu não vou repeti-las) pelo Deputado Luís Maurício, e o problema é o facto de ele ser cumprido numa ilha, neste momento, com todo o rigor, que é a ilha do Faial, e subvertido de todas as maneiras e contornado de todas as maneiras em todas as outras ilhas. E o problema é também que é verdade que os doentes são ressarcidos dos tratamentos, como disse o Sr. Deputado, mas a verdade é que têm de ter dinheiro do bolso para os pagar à cabeça antes sequer de os iniciar e têm de ter dinheiro no bolso para pagar uma consulta privada, da qual não são ressarcidos. E, portanto, este despacho, das duas, uma: ou tem um objetivo concreto que é penalizar os doentes e favorecer os privados, ou então é um despacho que urge rever, corrigir ou, senão, deitá-lo no caixote do lixo e começar do princípio.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Vamos então passar à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

**Secretária:** O voto de protesto apresentado foi rejeitado com 27 votos contra do PS; 19 a favor do PSD; 3 do CDS-PP; 1 do BE; 1 do PCP; e 1 do PPM.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Passamos para o último voto, um voto de pesar referente ao falecimento de Artur Tavares, apresentado pelo PSD. Tem a palavra o Sr. Deputado José Andrade.

**Deputado José Andrade (PSD):**

## **VOTO DE PESAR**

### **Artur Tavares**

Pouco se falou da sua morte mas muito se fala da sua obra.

Artur Tavares foi um dos primeiros e principais responsáveis por termos hoje um SATA Rallye Açores.

Tudo começou em Ponta Delgada por volta de 1960, com a constituição do Grupo Desportivo Comercial, de que foi membro da Comissão Instaladora, conjuntamente com Carlos Rebelo, Virgílio Sousa e António Medeiros.

No ano seguinte, com a eleição dos primeiros órgãos dirigentes, o seu nome surge associado à mesa da Assembleia Geral mas depressa substitui José de Freitas Alves como presidente da Direção.

Desde então, Artur Tavares preside ao Grupo Desportivo Comercial durante cerca de 25 anos consecutivos, até ser substituído por Manuel Arruda já em 1985.

No quarto de século da sua presidência, a associação que nasceu com vocação futebolística e derivou para diferentes modalidades, como hóquei em patins e ténis de campo, afirma-se definitivamente no automobilismo, graças também ao envolvimento de António Aguiar Machado, Albano Neto Viveiros e João de Brito Zeferino, entre outros.

Ao “Rally de Iniciação” em 1960 segue-se o 1º Rallye Oficial em São Miguel no ano de 1963 e, em 65, a “1ª Volta à Ilha de São Miguel”, curiosamente, com uma equipa vencedora constituída pelo Eng. Luís Toste e pelo Dr. Jaime Gama num Fiat 1500.

É também na presidência de Artur Tavares que o Grupo Desportivo Comercial se torna clube fundador da Federação Portuguesa de Automobilismo e que a sua

prova anual integra o Campeonato Nacional em 1970 e passa a Rallye Internacional de São Miguel em 1972.

A partir daí, entra para o Campeonato Europeu de Ralis em 1985 e passa a integrar o IRC, uma das maiores competições automobilísticas do mundo, em 2009, já como SATA Rallye Açores.

O evento desportivo que hoje mais projeta a Região Autónoma dos Açores no exterior nasceu, afinal, da exemplar dedicação de Artur Maria Tavares, um dinâmico comerciante micaelense que esta semana, a 6 de abril, nos deixou com 92 anos de vida.

Proprietário da popular Papelaria Lusitana e presidente também da Associação de Patinagem de Ponta Delgada e do Ateneu Comercial de Ponta Delgada, deixa o seu nome para sempre gravado em letras douradas nos primeiros e decisivos capítulos da história importante do automobilismo açoriano.

Assim, ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis, o Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata propõe à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores um Voto de Pesar pelo falecimento de Artur Maria Tavares, reconhecendo e distinguindo a sua dedicação à causa pública, do qual deve ser dado conhecimento formal à sua família e ao Grupo Desportivo Comercial.

Horta, Sala das Sessões, 10 de abril de 2014

Os Deputados Regionais: *Duarte Freitas, António Marinho, António Ventura, José Andrade, Bruno Belo e Luís Garcia*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Estão abertas as inscrições.

Sr. Deputado Pedro Moura, tem a palavra.

(\*) **Deputado Pedro Moura (PS):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Apenas e muito rapidamente para dizer que o Grupo Parlamentar do Partido Socialista se associa inteiramente a este voto de pesar, como foi referido pelo Deputado José Andrade, pela dedicação à causa pública do Sr. Artur Tavares. E queríamos salientar a maneira como o Sr. Artur Tavares concretizou essa sua

dedicação à causa pública numa altura em que os governos civis, as câmaras municipais e as juntas gerais não tinham possibilidade nem estavam vocacionados para apoiar eventos desportivos de natureza cultural ou até mesmo de animação.

A geração do Sr. Artur Tavares, nas décadas de 60, 70, concretizou uma série de eventos de carácter desportivo, como aqui foi referido em termos do automobilismo e da patinagem, e também eventos relacionados, por exemplo, com a animação do dia das montras, o dia 8 de dezembro, mantendo sempre, a suas expensas próprias, uma série de atos e de eventos que muito contribuíram para a dinamização do comércio e da baixa de Ponta Delgada.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições.

Não havendo, vamos então votar.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O voto de pesar apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Terminámos assim a apresentação de votos e vamos avançar com as declarações políticas.

A primeira é do...

Está a pedir a palavra, Sr. Deputado Berto Messias?

Tem a palavra, Sr. Deputado.

(\*) **Deputado Berto Messias (PS):** Sra. Presidente, é o Partido Socialista que fará a declaração política, e poderá fazê-lo, alerta apenas para o facto de, tendo em conta a hora, depois não haver tempo para que todos os partidos se pronunciem sobre essa declaração política. E, portanto, coloco esta questão à Mesa.

**Presidente:** Faltam 15 minutos. Nem todas as bancadas têm tempo, mas, naturalmente, que se entenderem que não vale a pena fazer a declaração política, não se fará.

*(Pausa)*

Então, tem a palavra o Sr. Deputado Berto Messias para uma declaração política.

**Deputado Berto Messias (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Já por várias vezes abordamos desta tribuna o grande desafio que temos pela frente da sustentabilidade da nossa Autonomia.

Neste contexto, a defesa dos nossos recursos naturais assume especial relevância, onde o Mar dos Açores tem um papel de destaque.

A Região Atlântica, na qual se situam os Açores, tem um elevado potencial de geração de riqueza. A União Europeia e o País têm, hoje, uma noção clara das virtualidades de uma aposta forte na denominada estratégia para o “crescimento azul” e na “economia do mar”.

Falar nos Açores é falar no Mar. Num recurso que tem de ser central na nossa actuação política e governativa. Para mais quando se sabe que este é um recurso cada vez mais cobiçado devido às imensas riquezas que tem, tanto nas actividades tradicionais, como a Pesca, mas sobretudo em áreas de exploração emergentes.

São cerca de um milhão de quilómetros quadrados que constituem o nosso Mar com um conjunto de recursos, de riquezas, de mais-valias muito relevantes para as nossas dinâmicas económicas futuras.

Mas é muito mais do que isso. O Mar dos Açores assegura a verdadeira dimensão atlântica de Portugal e deve ser, por isso, olhado de forma diferente pelo país.

Sobre esta matéria, recentemente o Governo dos Açores apresentou a este Parlamento o Decreto Legislativo Regional 21/2012/A que estabelece o Regime Jurídico de Revelação e Aproveitamento de Bens Naturais na Crosta Terrestre. Esse Diploma suscitou, como se sabe, um pedido de fiscalização sucessiva ao

Tribunal Constitucional por parte do Senhor Representante da República Embaixador Pedro Catarino.

Esta semana, o Tribunal Constitucional emanou um Acórdão no âmbito desse pedido de fiscalização que, pese embora as reservas legais manifestadas por uma visão restritiva de alguns conceitos, consagra uma questão absolutamente fundamental para os Açores, ou seja, o reconhecimento de que a gestão dos recursos minerais marinhos na Região não é uma competência exclusiva do Estado, mas deve ter uma gestão partilhada conforme sempre defendemos.

É, por isso, imperativo, a definição clara e concreta em que termos essa gestão partilhada deve ser feita, acautelando a participação e audição permanente dos Açores.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

A estratégia para o Mar elenca um conjunto de objetivos sobre os quais a Região se considera, quer legal quer funcionalmente, competente para desenvolver. Trata-se daqueles que contendem com a preservação do ambiente marinho, com vista a alcançar, ou sustentar, o bom estado ambiental das águas marinhas do atlântico em 2020; Com a viabilidade técnica e económica da exploração dos recursos minerais marinhos do atlântico bem como o respetivo impacto ambiental, e o desenvolvimento e teste de tecnologias inovadoras de mineração;

É assim, com base nestes eixos que têm, naturalmente, repercussão também ao nível da alocação de fundos europeus para desenvolvimento dos projetos com os quais temos que nos “alinhar” de forma a maximizarmos as potencialidades da nossa posição geoestratégica e dos nossos recursos endógenos.

Trata-se, em larga medida, da materialização de uma estratégia de Especialização Inteligente que atribui grande preponderância à adequação dos incentivos públicos ao estímulo de processos de inovação, que conjuguem as competências instaladas, e as oportunidades tecnológicas e de mercado.

Nunca é demais salientar que estamos, hoje, colocados perante esta oportunidade porque soubemos, quer através da participação qualificada nos diversos fóruns europeus em que os Açores dispõem de representação, quer da

nossa capacidade de influenciar decisões ao nível da União mas também do Estado português, fazer valer esta nossa visão atlantista que radica na, felizmente, cada vez mais reconhecida necessidade, da Europa e Portugal, se voltarem para o Atlântico focalizando-se nas suas enormes potencialidades.

Neste sentido, não podemos deixar de destacar o trabalho desenvolvido pela Universidade dos Açores, por via do Departamento de Oceanografia e Pescas (DOP) que desde a sua fundação assumiu como lema “o conhecimento científico, a conservação da vida marinha e o uso sustentável do Oceano Atlântico na Região dos Açores”.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Olha a campanha eleitoral!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Era previsível!

**O Orador:** Também no cumprimento do objetivo de melhorar a competitividade deste sector e procurando chamar mais emprego para os jovens nesta área realçamos também o investimento do Governo na escola marítima que será criada a curto prazo aqui, nos Açores.

Outra questão relevante, na nossa perspetiva, são as chamadas autoestradas do mar que visam, sobretudo, melhorar a acessibilidade e a conetividade, aumentando o tráfego marítimo que, como sabemos, é ambientalmente bastante mais sustentável do que outros meios de transporte e também, como fica plasmado, enquanto um dos objetivos centrais, da Política Marítima Integrada, como se sabe, desenvolver portos enquanto placas giratórias da “economia azul”, apostando na modernização das infra estruturas a fim de melhorar as ligações, fomentando a intermodalidade, reduzindo com isso o tempo de rotação dos navios, sendo importante, também, analisar e promover redes portuárias e novas rotas marítimas entre portos europeus.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Mar enquanto alavanca de desenvolvimento não é um tema novo para os Açorianos. Desde há muito que o Partido Socialista promove uma discussão pública acerca desta temática. Temos uma clara noção das potencialidades das estratégias centradas no “crescimento azul” e da influência que os Açores

podem ter no sucesso deste desígnio, que é Regional, Nacional, mas também europeu.

Ao longo dos anos desenvolvemos um conjunto de iniciativas que tiveram como objetivo discutir os impactos, na economia das nossas ilhas, de uma exploração sustentável dos recursos marítimos e marinhos.

A este propósito, também, já tivemos a oportunidade de ouvir o Sr. Presidente da República afirmar a importância dos Assuntos do Mar para o futuro de Portugal.

Ainda ontem, ouvimos a Sra. Ministra da Agricultura e Pescas a referir que pretende duplicar a importância e o peso do Mar no PIB Português, até 2020.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** E vai duplicar! Como fez na agricultura!

**O Orador:** Mas, não temos dúvidas. Os Órgãos de Soberania do nosso País não se podem distrair,...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** O Governo Regional não se distrai!

**O Orador:**... e têm de perceber que não poderão falar do Mar, sem falar dos Açores e sem considerar as nossas especificidades, as nossas mais-valias e as nossas pretensões e as nossas preocupações nesse domínio.

Temos, assim, nesta área, grandes desafios pela frente.

É por isso fundamental ter a capacidade de influenciar decisões sobre estas matérias nas plataformas nacionais, mas sobretudo nas plataformas europeias e mundiais. Como já referimos, este é um recurso cada vez mais valorizado e cobiçado. A nossa representação externa e os nossos interlocutores nas instâncias comunitárias têm de estar preparados, ao mais alto nível, para defender os nossos interesses numa questão tão importante para o presente e para o futuro, integrando as redes negociais e de decisão sobre esta questão e, também, abrindo portas na resolução e desbloqueio de problemas que, por incapacidade ou por falta de vontade, por vezes não são resolvidos pelo Governo da República.

Valorizamos, também, a este propósito, o debate e as reflexões que representem mais-valias e mais conhecimento para a Região. Desta forma, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista iniciará, já este mês, o Roteiro da Economia

do Mar, onde promoveremos um conjunto de visitas, reuniões e debates sobre esta matéria, recolhendo informações, falando com especialistas, acompanhando de perto todo o trabalho que tem sido desenvolvido, percebendo o trabalho que ainda falta fazer e aproveitando também o Know-how e conhecimento que vários deputados do nosso Grupo Parlamentar têm sobre esta matéria, nas suas diversas dimensões, num contributo que julgamos pertinente para a acção executiva do Governo dos Açores e para a sociedade açoriana.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Falar da sustentabilidade e da afirmação da nossa Autonomia será sempre falar do Mar, do nosso Mar. Porque o Mar dos Açores é dos açorianos e teremos de ser nós os principais beneficiários das suas mais-valias.

E não abdicaremos dos nossos direitos e das nossas competências.

Tal como a Constituição da República Portuguesa é hoje uma das mais importantes manifestações da nossa soberania, a nossa Autonomia protegida nessa Constituição tem de ser a fortaleza preservada onde construímos formas alternativas de solidariedade e de desenvolvimento.

A defesa da dimensão atlântica e marítima de Portugal só é possível com uma autonomia vigorosa que não seja comprometida pela visão redutora e pela estreiteza de pensamento estratégico que reduz Portugal à pequenez das circunstâncias financeiras.

Dessa forma, viveremos sem ambição de futuro, sem respeito pela herança histórica e sem sentido de Estado numa manifesta diminuição da nossa identidade política e cultural enquanto povo.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Muito bem!

**O Orador:** E esta tarefa tem de ser uma prioridade de todos, de todos os agentes do sistema político dos Açores que devem estar comprometidos com a afirmação da nossa Autonomia, associada à defesa dos nossos recursos naturais, onde o Mar tem especial relevância.

Disse.

**Deputada Benilde Oliveira (PS) e Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Muito bem!

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Deputado.

Estão abertas as inscrições.

*(Pausa)*

Pergunto se há inscrições.

Sr. Deputado Aníbal Piões, pede a palavra para?

**Deputado Aníbal Piões (PCP):** Para intervir, Sra. Presidente.

**Presidente:** Sr. Deputado Aníbal Piões, esgotou o seu tempo, há pouco, ainda nos votos.

**Deputado Aníbal Piões (PCP):** Já não tenho tempo para intervir?

**Presidente:** Não tem tempo para intervir.

**Deputado Aníbal Piões (PCP):** Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** E não havendo inscrições, também não sei se o Sr. Deputado Berto Messias quer usar da palavra. Não.

Então, sendo assim, encerramos os nossos trabalhos por esta manhã e regressamos às 15 horas com a Agenda.

*Eram 12 horas e 59 minutos.*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, boa tarde a todos.

Agradeço que ocupem os vossos lugares para recomeçarmos os nossos trabalhos.

*Eram 15 horas e 08 minutos.*

Vamos então recomeçar os nossos trabalhos.

Entramos agora no ponto 7 da nossa Agenda: **Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 24/X – “Cria o Conselho Regional da Cultura dos Açores”**, apresentado pela Representação Parlamentar do PCP.

Para a apresentação do diploma, tem a palavra o Sr. Deputado Aníbal Pires.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sr. Membro do Governo:

Discutimos hoje a proposta do PCP para criar o Conselho Regional de Cultura. Digo “criar” deliberadamente porque o que o Governo instituiu em Março foi um conselho governamental para a cultura, de natureza muito diferente, como adiante demonstrarei.

De facto, parece-nos existir um acordo alargado em relação à existência de um Conselho para os agentes culturais da Região. No entanto, se existe consenso em relação a criar-se UM Conselho de Cultura, o mesmo já não sucede quando discutimos QUE Conselho de Cultura, com que composição e com que competências.

As diferenças de opinião, em Democracia, são saudáveis, especialmente se forem esclarecedoras e permitam tornar mais claras a posição de cada uma das forças em presença. E julgamos que é o que sucede ou sucederá neste caso.

As divergências de opinião que existem, nomeadamente entre o PCP, o PS e o PSD, radicam em diferenças de posição política, direi mesmo em diferenças ideológicas, em relação à forma de encarar não só a cultura, mas também o papel e a intervenção dos parceiros sociais e a sua relação com os poderes públicos.

Esse é que é o fundo significativo, em nossa opinião, é claro, desta discussão. Que papel e que responsabilidades queremos atribuir aos agentes culturais da Região e que poder e influência é que estes devem ter sobre a actuação dos poderes públicos regionais. Se quisermos, trata-se da permanente questão da relação entre Estado e Sociedade Civil, no campo da cultura, neste caso.

Senhora Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, Senhores Membros do Governo,

Para nós, PCP, quando propomos a criação de um Conselho de Cultura estamos a falar da abertura da Região para partilhar poder com os cidadãos e as suas organizações. Não achamos que a Democracia se resume à eleição, de quatro em quatro anos, de uma Assembleia e um Governo e, portanto reconhecemos o direito aos cidadãos de participarem de forma efectiva e directa na governação. Assim, estamos a falar de partilhar efectivamente responsabilidades, de reconhecer a maioria, capacidade e competência dos agentes culturais açorianos para assumirem um papel decisivo na condução das políticas culturais da Região. É esse o fundamento da nossa proposta: dar poder aos cidadãos, através das suas organizações, neste caso, no campo das políticas culturais.

Para o PSD – que se limitou a recomendar ao Governo que delineasse um Conselho de Cultura – e para o PS, um Conselho de Cultura é uma coisa muito diferente. Não pretendem, longe disso, partilhar com os cidadãos o poder que tão cuidadosamente guardam para si. E, em relação às responsabilidades, reduzem-nas apenas à possibilidade de emitir opinião sobre as propostas que o Governo apresenta.

Para o PSD e para o PS, um Conselho de Cultura deve ser um mero órgão consultivo que serve apenas para legitimar as opções políticas de quem estiver no poder num dado momento e, talvez, para dar alguma sugestão que o Governo possa achar útil.

Enquanto PS e PSD pretendem legitimar as opções da administração, o que o PCP pretende é dar espaço para que os cidadãos tenham um papel decisivo na formação da política regional para a cultura. O que o PCP pretende é que a sociedade civil possa decidir,...

**Deputado André Bradford (PS):** Isso é uma falácia!

**O Orador:**... de forma vinculativa, sobre as opções para a área cultural. Para nós, que não temos medo da participação activa dos cidadãos, trata-se de uma natural garantia democrática de que nenhum Governo possa decidir contra a vontade dos próprios agentes culturais e tentar impor, de forma autoritária, uma determinada política cultural.

Senhora Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, Senhores Membros do Governo,

Esta postura do PS, que o PSD recomendou, demonstra-se facilmente no articulado do Decreto Regulamentar Regional 6/2014/A, de 28 de Março, pelo qual o Governo Regional criou o SEU conselho de cultura.

Generosamente, o Governo Regional permite que o seu Conselho “aprecie” e “emita parecer”, mas só sobre “matérias que lhe sejam submetidas” pelo próprio Governo Regional. Por outro lado, o direito de iniciativa própria desse conselho consultivo governamental é limitado à mera formulação sugestões ao Governo.

Mas também a sua composição demonstra a preocupação do Governo Regional em garantir o alinhamento do conselho com as suas políticas. Se cinco dos seus membros são por inerência directamente nomeados pelo Governo (refiro-me aos representantes dos museus, das bibliotecas, ao Director Regional da Cultura e ao respectivo membro do Governo), a verdade é que também as dez distintas personalidades referidas na alínea i) do artigo 4º do DRR 6/2014/A são convidadas directamente pelo Governo! Portanto, em 18 membros, 15 são de nomeação governamental! É assim que se vai fazer um Conselho de Cultura “plural”? É assim que se dá importância ao “papel activo da sociedade civil”?

O medo indisfarçável que o Governo Regional tem de toda e qualquer voz independente ou manifestação de discordância deixa-se resvalar para o total absurdo um pouco mais à frente no aludido DRR, na alínea b) do nº2 do artigo 10º, quando se prescreve que os membros do Conselho “tem o dever de manter o sigilo em relação às matérias discutidas em plenário do Conselho de Cultura Governamental”!

Repito: os membros do Conselho “tem o dever de manter o sigilo em relação às matérias discutidas”! Portanto, se apesar dos cuidados que o Governo pôs em garantir o alinhamento disciplinado deste conselho houver uma, uma voz que seja discordante, ela será obrigatoriamente silenciada, pelo dever de sigilo, imposto pelos zelosos inquisidores do regime!

De tão incrível, esta norma acaba por revelar muito bem o que é a visão que o PS tem da cultura: Uma manifestação disciplinada de apoio ao poder instalado no momento. Uma ocasião para discursos de circunstância. Um adorno na lapela dos membros Governo!

Senhora Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, Senhores Membros do Governo,

Esta não é a visão que o PCP tem da cultura e da liberdade dos agentes culturais. Nós entendemos que são a sua participação e a sua opinião livre e independente que podem contribuir para políticas culturais abrangentes e pluralistas, que não estejam sujeitas ao ditame ideológico do poder que no momento estiver instalado. 40 anos depois do 25 de Abril, a luta pela liberdade de criação e fruição cultural continua.

O PCP entende que é preciso garantir aos agentes culturais e às suas organizações o direito de participarem activamente e de forma independente na formulação das políticas e nas grandes decisões sobre o sector da cultura.

As leis criam-se justamente para proteger os direitos dos cidadãos e é justamente por isso que achamos que este Conselho deve ser criado através do veículo legislativo próprio: o Decreto Legislativo Regional.

É esta a dignidade que este Conselho merece. Aliás, à semelhança do que se passou com o Conselho Regional de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (CRADS). Apesar do esvaziamento a que o Governo Regional tem sujeitado esse Conselho, não é de certeza mais digno, nem mais importante do que um Conselho Regional de Cultura.

Assim, atribuímos-lhe um conjunto de competências alargadas que lhe permitam tomar posição, quando requerido ou por sua própria iniciativa, sobre todas as grandes decisões para o sector.

Igualmente, em relação à sua composição, procurámos dar-lhe a maior abrangência possível e evitar a instrumentalização da cultura por parte de um qualquer Governo. Não pensamos que esta proposta não possa ser melhorada, também neste campo, mas estamos seguros de que é uma boa solução e temos a

certeza absoluta de que é uma solução muitíssimo melhor do que o corpo de conselheiros governamentais que o PS criou.

Mas, em boa verdade, a oposição da maioria à nossa proposta não decorre dos pormenores de funcionamento do Conselho Regional que propomos. Não! Se assim fosse, poderia ter feito propostas de alteração, que receberíamos certamente de bom grado.

O problema é outro e a divergência é de fundo:

A maioria não concorda com a proposta do PCP porque esta cria um organismo que o Governo não pode controlar!

A maioria não concorda com a proposta do PCP porque não está interessada na participação livre e independente dos agentes culturais!

Essa será, certamente, a razão do chumbo da nossa proposta que, com todo o orgulho, assumimos!

Disse!

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Mas o PS já disse que ia chumbar?

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Está no relatório da comissão!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Estão abertas as inscrições.

Sr. Deputado José Andrade, tem a palavra.

**Deputado José Andrade (PSD):** Senhora Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Sr. Deputado Aníbal Pires, custa-me fazer a intervenção que o senhor nos obriga a fazer aqui e agora, mas tem que ser, até porque ela decorre da constatação do que é óbvio.

E, de facto, o Conselho Regional de Cultura, em boa verdade, já se encontra oficialmente criado nos Açores desde fevereiro de 2014. Por recomendação apresentada pelo PSD e aprovada pelo Parlamento dos Açores. E por deliberação do Conselho do Governo.

Portanto, o objeto principal deste Projeto de Decreto Legislativo que nos é proposto pela Representação Parlamentar do PCP encontra-se, desde logo, naturalmente, prejudicado.

Acresce ainda o parecer recebido do Instituto Histórico da Ilha Terceira – elaborado pelo seu sócio efetivo, Dr. Álvaro Monjardino, ilustre jurista e primeiro presidente do Parlamento dos Açores – que conclui “no sentido de as definições relativas ao Conselho Regional de Cultura serem da competência exclusiva do Governo Regional”.

Mas, mesmo que assim não fosse, o Projeto do PCP não poderia merecer o voto favorável do PSD também pelas razões substantivas que foram suscitadas pelo senhor Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura, imagine-se, em sede de audição na Comissão Parlamentar de Assuntos Sociais, com as quais, neste caso, concordamos.

De facto, este Projeto pretende atribuir ao Conselho Regional de Cultura competências que são próprias da Assembleia Legislativa, como sejam, por exemplo, a definição dos critérios para a atribuição dos apoios e a fiscalização de uma forma geral da atividade governativa em matéria cultural.

Aliás, a própria composição do Conselho poderia ser igualmente questionada, quando opta pelo critério estritamente territorial para a seleção das entidades a representar.

Por muito que se compreenda a bondade da intenção, não seria sequer justo representar os 19 concelhos açorianos de uma forma igualitária e não proporcional – duas associações por cada concelho.

Nos termos propostos, por exemplo, os concelhos de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo, com um movimento associativo proporcional a mais de 100.000 habitantes, estariam representados por duas associações, tal como os concelhos de Corvo e Lajes das Flores, que somam menos de 2.000 habitantes.

Temos assim, e em suma, que a presente proposta do PCP pretende a criação de um Conselho que não respeita a representatividade açoriana, que se apropria de competências parlamentares e que, inclusivamente, já existe enquanto órgão consultivo.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Valha-me Deus!

**O Orador:** São razões suficientes para determinar o voto contra do PSD.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra a Sra. Deputada Renata Correia Botelho.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Aníbal Pires, esta é, se não me trai a memória, a primeira vez que venho a debater no âmbito de um projeto da autoria da Representação Parlamentar do PCP. Deixe-me dizer-lhe, antes de mais, que é com grande gosto que o faço, pelo muito que o estimo em termos pessoais e pela admiração política que, com todas as diferenças que possam existir entre as nossas posições, por si tenho.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Olha! Eu nunca ouvi isso!

**A Oradora:** Debrucemo-nos...

**Deputado Manuel Pereira (PS):** Está a ver? Ficou a saber!

**A Oradora:** Com certeza, já ouviu alguma coisa similar, Sra. Deputada. Com certeza, já ouviu alguma coisa similar.

**Deputado Manuel Pereira (PS):** Queria em exclusivo só para ela! Queria exclusivo só para si!

**A Oradora:** A estima e o respeito político são absolutamente idênticos.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Obrigada!

**A Oradora:** Debrucemo-nos, então, sobre o diploma.

Não haverá muito a acrescentar em termos genéricos às várias considerações tidas já nesta câmara sobre a criação do Conselho Regional de Cultura e cuja resenha já o Sr. Deputado Aníbal Pires fez e o Sr. Deputado José Andrade corroborou.

Não podemos, no entanto, deixar de reiterar o inegável consenso em redor da criação deste órgão, cuja constituição contou com um projeto de resolução da iniciativa do PSD, aprovado e publicado posteriormente sobre a forma de Resolução da Assembleia n.º 9/2014/A, de 18 de março, que visava recomendar ao Governo Regional a criação do Conselho Regional de Cultura dos Açores

como órgão consultivo do Governo Regional e agora surge-nos, por proposta de DLR, numa iniciativa do Partido Comunista Português, quando, diga-se em abono da verdade, estava já previsto no Decreto Regulamentar Regional 8/2013/A, que visa a orgânica da Secretaria Regional da Educação, Ciência e Cultura, que foi criado agora, como já aqui foi dito, por DLR publicado em Diário da República a 28 de março, depois de um período de consulta pública.

A iniciativa agora em discussão tem precisamente por objeto (e isto é o que está patente logo no seu artigo 1º) o seguinte: “Pelo presente, é criado o Conselho Regional de Cultura dos Açores”.

Neste sentido, conclui-se que na presente data já se encontra em vigor o Conselho Regional de Cultura, como órgão consultivo do Governo Regional, daqui resultando, se outros argumentos não houvesse, a objetiva extemporaneidade da iniciativa do PCP.

Mas, para além desta extemporaneidade, há várias diferenças de fundo e que já foram aqui esplanadas, mas que convém deixar explícitas no que toca à posição do PS.

Em primeiro lugar, para o PS, este deve ser, de facto, um conselho verdadeiramente consultivo e não de pendor fiscalizador, sobretudo no que concerne aos apoios concedidos às atividades culturais, como o projeto do PCP de alguma forma prevê, nem executivo. Um órgão, portanto, verdadeiramente consultivo.

Em segundo lugar, para o PS, este órgão consultivo deve contar, de forma significativa, com personalidades independentes de reconhecido mérito e oriundas de várias áreas artísticas.

Para o PS, a definição do principal edifício legislativo que presidirá à atribuição dos apoios e mesmo a sua fiscalização, pela relevância e pela transparência a que obrigam, têm de ser competência desta Assembleia, o que acontecerá, desejavelmente, com a aprovação da proposta de DLR, que, ainda hoje à tarde, segundo creio, iremos discutir, e não como competências de um conselho regional de cultura.

Ora, o Governo Regional responde já, perante a Assembleia Legislativa, e assim tem de ser, e assim será, mas tem as suas competências próprias, que lhe são conferidas, quer pelo artigo 89º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, quer pela Constituição da República Portuguesa no seu artigo 231º, e criar um conselho regional de cultura é, goste ou não o Sr. Deputado Aníbal Pires, uma dessas competências, um conselho que ajude a pensar criticamente a política cultural da região.

Divergimos, pois, nas competências, mas também, é verdade, na constituição deste órgão. Consideramos a constituição do Conselho Regional de Cultura, tal como está previsto no DLR, mais abrangente e mais abrangente e mais plural, um conselho que deverá emitir parecer quando solicitado, que deverá emitir parecer por iniciativa própria e que funcione de forma verdadeiramente independente e crítica.

Há outros aspetos já aqui frisados pelo Sr. Deputado José Andrade que se prendem com outros detalhes do articulado, mas para isso penso que entraríamos demasiado na discussão na especialidade.

Por último, não posso deixar de referir que o único parecer rececionado, como também já aqui foi dito, é desfavorável, coincidindo com muitas das razões que aqui explanei.

Ora, o PS votará, assim, contra este projeto de decreto legislativo regional, subscrevendo as palavras do Sr. Deputado Aníbal Pires quando diz que a luta pela liberdade e a fruição cultural continuam sempre e infatigavelmente e não será, em caso algum, este conselho consultivo que as beliscará.

Muito obrigada.

**Vozes de alguns deputados do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Passo agora a palavra à Sra. Deputada Ana Espínola.

**Deputada Ana Espínola (CDS-PP):** Senhora Presidente; Senhoras e Senhores Deputados; Sr. Vice-Presidente e Membros do Governo;

Esta iniciativa do PCP traz novamente, a esta Casa, um tema que, à partida, já se sabe qual será o desfecho final.

E tal como a Deputada Renata Correia Botelho já fez o apanhado geral do que é que tinha sido esta história do Conselho Regional de Cultura, começou com o Governo Regional, que já tinha uma iniciativa no sentido de criar o Conselho Regional de Cultura, o PSD recomendou ao Governo que fizesse aquilo que ele já tinha dito que queria fazer e agora o PCP também quis dar um contributo e propôs que a Assembleia aprovasse aquilo que o Governo Regional já tinha dito que ia fazer e que depois o PSD já tinha recomendado.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** O PSD já tinha recomendado!

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Às vezes acontece, Sra. Deputada!

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Já está tudo confundido!

**A Oradora:** Já está tudo confundido!

E esta saga terminou, então, com o chumbo à recomendação do PSD; à publicação de um Decreto Regulamentar Regional (que fugiu ao escrutínio deste Parlamento) para dar execução ao Conselho - que até foi o Governo o primeiro a dizer que queria fazer – e agora com a discussão e votação do projecto do PCP que é o que agora vamos aqui fazer...

A iniciativa do PCP não é, de todo, de menosprezar, porque tira, ou pelo menos tenta tirar, do Conselho Regional de Cultura proposto pelo Governo “as amarras” que prendem actualmente os agentes culturais açorianos...

O problema é que como forma de conferir maior independência a este órgão e torná-la livre de orientações políticas, o PCP propõe que o Conselho seja constituído por um número mais elevado de elementos.

A cultura é de todos e a representação no Conselho de Cultura deveria ser feita de forma equitativa por todas as ilhas.

Trazer um representante por ilha dos agentes culturais, que até poderiam ser rotativos, seria uma forma de não deixar ninguém de fora, e contribuir para a pluralidade do Conselho Regional de Cultura.

As definições de cultura e das políticas a seguir por um Governo não devem ter apenas em conta o que se passa nas ilhas de maior dimensão e com maior número de habitantes.

Felizmente somos uma Região que encerra em cada uma das suas ilhas especificidades que caracterizam o nosso modo de viver e das suas manifestações culturais. O que serve para uma ilha nem sempre pode ser replicado da mesma forma e na mesma dimensão em outra.

O Conselho Regional de Cultura deve ser um órgão consultivo que indique os caminhos possíveis, mais favoráveis para o desenvolvimento de todas as manifestações culturais em cada ilha, que promova os Açores, que seja capaz de oferecer uma articulação e não uma imposição entre o que são as políticas para a cultura e o interesse da comunidade em cada uma das ilhas...

Mas, sobretudo, o Conselho Regional de Cultura não pode jamais estar manietado pela cor política que rege os destinos da nossa Região. **Deputado**

**Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Como é que vão votar?

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

A Mesa não tem mais inscrições.

Sr. Deputado Aníbal Pires, tem a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Srs. Membros do Governo:

As minhas primeiras palavras vão para o Sr. Deputado José Andrade. Eu gostaria de lhe lembrar o seguinte. Como V. Ex.<sup>a</sup> muito bem sabe, esta iniciativa do PCP deu entrada nos serviços da Assembleia ainda antes da publicação do decreto regulamentar regional que criou o Conselho do Governo para os Assuntos da Cultura.

Mas tem uma outra questão, Sr. Deputado José Andrade. Se bem se lembra, porque foram distribuídas, penso que ainda ontem, durante o dia de ontem, propostas de alteração pelo PCP à nossa própria iniciativa e uma delas é exatamente a revogação do decreto regulamentar regional que criou aquele conselho de conselheiros para a cultura do Sr. Secretário Regional que tutela esta área.

Depois, uma outra questão, Sr. Deputado José Andrade, que, aliás, a Deputada Ana Espínola acabou por abordar, ainda que ligeiramente, mas que temos que clarificar aqui uma questão relativamente às questões da proporcionalidade.

Esta Assembleia, como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, também não representa exatamente a proporcionalidade direta e não advém daí nenhum mal ao mundo, antes pelo contrário. A composição desta Assembleia respeita os círculos eleitorais, respeita as particularidades de cada uma das ilhas exatamente com a eleição pelos círculos eleitorais regionais.

E, portanto, Sr. Deputado José Andrade, aliás, sabia-se antecipadamente qual é que era a posição do PSD relativamente a esta matéria, aliás, em perfeita sintonia com o Governo do Partido Socialista. A proximidade ideológica entre o Partido Social Democrata e o PS é por demais evidente e, portanto, não há grandes questões a acrescentar, até porque...

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Quando foi o diploma dos professores o senhor não se queixou de diferenças ideológicas!

**O Orador:**... a minha intervenção inicial foi perfeitamente clara quando juntei o PS ao PSD.

Sra. Deputada Renata Correia Botelho, deixe-me dizer-lhe que lhe retribuo o cumprimento que me foi endossado e que a minha admiração e respeito por V. Ex.<sup>a</sup> são incomensuráveis.

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Também nunca me disse isso! É uma coisa impressionante! (*Risos*)

**O Orador:** Direi, direi!

Agora, Sra. Deputada Renata Correia Botelho, temos aqui, de facto, algumas divergências; divergências que ficaram claras por aquilo que foi afirmado, desde logo, na minha intervenção inicial e que depois foram, algumas delas, contrariadas pela argumentação de V. Ex.<sup>a</sup>, mas que eu, se me permite, resumiria desta forma. O Partido Socialista quer cultura, mas com rédea curta.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Depois da declaração de amor vem a crise de ciúmes!

*(Risos do Deputado Paulo Estêvão)*

**O Orador:** E eu ficaria, para já, por aqui.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Deputado Bruno Belo (PSD):** Perdeu o raciocínio!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Secretário Regional, tem a palavra.

**(\*) Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura (Luiz Fagundes Duarte):** Obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu gostaria de, naturalmente, cumprimentar o Sr. Deputado Aníbal Pires pela sua iniciativa.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Obrigado!

**O Orador:** É sempre bom sabermos que os nossos deputados apresentam iniciativas a esta casa, mas, como deve calcular, e os factos demonstram, há aqui uma incompatibilidade de datas. Ou seja, a proposta de decreto regional que cria o Conselho Regional de Cultura estava em consulta pública há já bastante tempo, portanto, era do conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> quando V. Ex.<sup>a</sup> entregou o seu projeto nesta casa.

Ainda bem que o fez, porque tentou fazer exatamente, porque aqui contribuiu para se delimitarem as águas. Ou seja, nós temos aqui, e não quero que entenda isto como um sarcasmo, mas temos aqui uma perspetiva soviética da cultura.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Grande elogio!

**O Orador:** Ou seja, o Sr. Deputado acha que o Governo tem as suas competências desde que tenha uma tutela. E qual é essa tutela? É uma tutela que, por acaso, é presidida, no projeto de V. Ex.<sup>a</sup>, por um diretor regional que depende de um membro do Governo que tutela a cultura. Portanto, já temos aqui uma situação um pouco bizarra.

Eu poderia tecer várias considerações, mas o Sr. Deputado José Andrade, a Sra. Deputada Renata Correia Botelho e a Sra. Deputada Ana Espínola, cada um na sua perspetiva, já disseram o suficiente sobre esta matéria e eu gostaria de fazer

aqui um bocadinho de exercício de leitura, já que ambos, Sr. Deputado, somos professores.

V. Ex.<sup>a</sup> quer que o Conselho Regional de Cultura seja um órgão de tutela do Governo, mas de acordo com os Estatutos da Região Autónoma dos Açores, o Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, o Governo responde é perante a Assembleia, não responde perante um órgão presidido por um diretor regional. E por que é que eu digo isso? Porque V. Ex.<sup>a</sup>, ao definir as competências, faz aquilo a que o povo chama “gato escondido com rabo de fora”. Só que o senhor tem vários, permita-me a ironia, neste caso não é sarcasmo, rabos neste conjunto, nesta perspetiva da metáfora popular. Ou seja, é situação para dizermos que aqui há gato!

Começa por dizer, Sr. Deputado, que compete ao Conselho Regional de Cultura, no sonho de V. Ex.<sup>a</sup>, pronunciar-se sobre as orientações gerais da política cultural para a região. Sr. Deputado, as orientações gerais da política cultural da região, para já, fizeram parte do programa eleitoral, fazem parte do Programa do Governo, que foi apresentado a esta Assembleia, fazem parte do Plano Anual, que é discutido e aprovado nesta Assembleia, e, então, vem um órgão, presidido por um diretor regional, pronunciar-se sobre as orientações que saem desta casa, Sr. Deputado? Não sei se teria que constituir o Diretor Regional uma espécie de agente “controleiro” para controlar as cabeças pensantes desta região.

Depois, a alínea b) diz: “Colaborar na definição e execução das políticas de cultura, tendo como princípio a necessária articulação e coordenação com outras políticas setoriais”. Então, para que é que existe um Governo? Então, por que é que eu tutelo uma secretaria que tem cinco áreas? Essas cinco são articuladas entre si, também são articulados com outras. Então, é o Conselho Regional de Cultura, designado pela Assembleia, presidido por um diretor regional, que vai colaborar na definição das políticas da cultura?

Depois, também temos: “Apreciar e dar parecer sobre propostas de diplomas respeitantes à área cultural”. E, então, e a consulta pública, Sr. Deputado? E a posição das Sras. e Srs. Deputados desta casa, onde é que fica? Ficam à espera

que venha o parecer do Diretor Regional da Cultura para saberem o que é que devem dizer, nesta casa?

Alínea d): “Emitir parecer sobre o Plano Anual de Investimentos do Governo Regional nas áreas que incidam sobre a cultura”. E, então, e o Plano e Orçamento da Região, qual é o papel dessa discussão, nesta casa? Qual é o papel da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores?

Alínea e): “Definir os critérios para atribuição de apoios e subsídios a atividades e instituições da área cultural”. Hoje mesmo, espero eu, vamos discutir essa matéria. Também já foi discutida quando se aprovou o decreto que define o estatuto das sociedades, o regime jurídico dos apoios às sociedades filarmónicas.

Portanto, é o Conselho Regional de Cultura que vai definir os critérios para atribuição de apoios? Então, a Assembleia Legislativa vai ceder as suas competências?

Alínea f): “Acompanhar e ser informado regularmente sobre a atribuição de apoios ao abrigo dos sistemas de apoios às atividades culturais”. Estes apoios são todos publicados em Jornal Oficial. Quaisquer apoios que sejam concedidos a qualquer agente cultural, ou outros, são, obrigatoriamente publicados, portanto, aquilo que o conselho, na sua perspetiva, faria nesta matéria seria estar sentadinho a ler os Jornais Oficiais para saber o que é que tinha sido publicado, porque mais nada tem a fazer do que isso. Esses apoios são publicados.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Por exemplo!

**O Orador:** Portanto, acompanha como qualquer cidadão o poderá fazer.

Alínea g): “Pronunciar-se sobre a realização de atividades culturais de iniciativa governamental”. Porque não? Mas acontece que quem participa e quem colabora e quem toma iniciativas que são apoiadas pelo Governo são os agentes culturais; o Governo apenas tem dinamizado. Neste momento, estão a decorrer concertos e outras atividades por todas as ilhas, e continuarão, que são os músicos, os artistas locais que estão a trabalhar. A Direção Regional apenas faz a logística que o coordena.

“Pronunciar-se sobre a criação, ampliação, remodelação ou encerramento de equipamentos culturais.” Cá está. É mais um órgão presidido pelo Diretor Regional, que vai dar uma pronúncia ao seu Presidente, que é o Diretor Regional, para ele depois mandar o Secretário fechar ou abrir determinada coisa. Isto há aqui um bocado de, enfim, não digo de inversão, mas um pouco de, enfim... Eu tenho dificuldade em encontrar uma palavra que designe especificamente aquilo que V. Ex.<sup>a</sup> tão claramente pôs aqui.

Alínea i): “Apreciar anualmente um relatório de atividades, elaborado pela Direção Regional da Cultura, detalhando as atividades envolvidas nos apoios...”, ou seja, o Conselho Regional de Cultura, na perspetiva de V. Ex.<sup>a</sup>, presidido pelo Diretor Regional da Cultura, vai apreciar anualmente o relatório do Diretor Regional da Cultura! Isto é a Olívia patroa, Olívia criada? Não sei o que é que V. Ex.<sup>a</sup> pensa, mas não me parece que pense grande coisa nesta matéria.

Mas vamos ver quem é que integra, na sua perspetiva, o Conselho Regional de Cultura.

O Diretor Regional da Cultura, como a gente já viu, que, de acordo com a nossa orgânica, depende do membro do Governo que tutela a cultura. Portanto, teríamos aqui um membro do Governo que tutela a cultura a funcionar sobre as ordens de um órgão que tutela.

O Diretor Regional da Educação. V. Ex.<sup>a</sup> entende que a cultura tem a ver com a educação. Mas porquê o Diretor Regional da Educação? Porquê? Porque não o Diretor Regional do Ambiente? Porque não o Diretor Regional do Trabalho? Porque não outro qualquer diretor regional? Porquê a educação? Da juventude?

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** É preciso explicar-lhe isso, Sr. Secretário? Vai ser necessário explicar-lhe isso?

**O Orador:** Por acaso, seria interessante. Por acaso seria interessante.

Aqui já vão dois mais os oito diretores dos museus que integram a Rede Regional dos Museus (em breve serão nove, com a criação do Museu do Corvo), depois, mais três, que são os diretores das bibliotecas públicas e arquivos. Tudo bem. Cá está a máquina a funcionar, como, de resto,

entendemos que seja, porque o Conselho Regional de Cultura, como já foi claramente dito, é um órgão de consulta do Governo, é o Governo que, na sua orgânica, definiu que iria ter este órgão e não deve ser de iniciativa, aliás, todos os órgãos, os conselhos regionais da área da minha secretaria, nenhum deles foi criado por diploma legislativo próprio. Constan de diplomas, de decretos legislativos, mas no meio de outras matérias.

Ainda dentro dos elementos que na sua perspectiva devem integrar o conselho regional.

Representantes de duas associações sedeadas em cada um dos concelhos da Região Autónoma. Isso já foi claramente demonstrado pelas Sras. e Sr. Deputados que me antecederam. O Corvo não é propriamente Ponta Delgada e eu pergunto quantas associações culturais existem no Corvo. É verdade que o Sr. Deputado diz, “Ah, se não forem associações podem ser agentes isolados”. Pois, com certeza, “quem não tem cão caça com gato”. Mas, então, ou vamos para o critério da associação ou vamos para o critério do indivíduo. Não é à vontade, depende se o concelho é maior ou menor.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Está a chamar-me ao debate.

**O Orador:** Depois diz: “Três personalidades de reconhecido mérito cultural designadas pela Assembleia”. Muito bem! Três! O diploma regulamentar do Governo define dez que são escolhidos e aí, Sr. Deputado, fará o favor de atribuir às pessoas que, muito em breve, eu irei convidar para constituírem este conselho, vai verificar que essas pessoas que eu vou convidar são fiéis e obedientes às perspectivas do Partido Socialista e do Governo.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** De V. Ex.<sup>a</sup>!

**O Orador:** Mas, se continuar a dizer isso, terá que se justificar perante essas personalidades.

E depois vêm as cinco associações ou entidades sem fins lucrativos. Tudo muito bem. Associações. Estamos a falar também da entidade que se vai pronunciar sobre os apoios a dar. Ora bem, se nós envolvemos as associações que estão no terreno a trabalhar, sejam a representar os concelhos, como V. Ex.<sup>a</sup> quer, aquelas que têm atividade relevante na área cultural, essas associações ficam, à

partida, inibidas de poderem concorrer a apoios que, depois, iriam ser fiscalizados pelo conselho soviético que V. Ex.<sup>a</sup> pretende instituir.

Por isso, Sras. e Srs. Deputados, o Governo fez o que tinha a fazer. Logo no início, tomou a posição que foi, consignada na sua orgânica, um conselho regional de cultura. Esse conselho tem, por definição, obrigação de aconselhar, de ser consultado pelo membro do Governo que tutela a área da cultura. São pessoas do terreno e sobretudo serão pessoas que, por definição, não são candidatas a apoios, porque aí, sim, ficariam inibidas ou então estariam a decidir em causa própria.

Em dezembro, agora não sei precisar se foi a 19 ou 20 de dezembro, foi colocado em discussão pública, no caso, era um projeto que era um decreto regulamentar do Governo, e foram recolhidos pareceres. Portanto, V. Ex.<sup>a</sup> o que é que fez? Bom, já que o Governo fez isto, então, eu vou fazer o contrário que é para ver se pega. Mas, muito obrigado, porque, de facto, vejo que leu com muita atenção, aliás, como provou aqui, a proposta do Governo e andou a elaborar, de acordo com a sua visão do mundo, uma alternativa. Agradecemos muito essa alternativa, mas o Governo responde é perante esta Assembleia, não é perante um órgão presidido por um diretor regional dependente desse mesmo Governo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Sr. Deputado Aníbal Pires, tem a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Srs. Membros do Governo:

Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura, vou começar por lhe dar um elogio. Eu reconheço a V. Ex.<sup>a</sup> uma grande dimensão intelectual e tenho muito respeito por esse aspeto que reconheço.

Sr. Secretário, contraria, há aqui qualquer coisa que não está bem. O Sr. Secretário fez uma ressalva na sua intervenção dizendo que, e foi uma ressalva, a proposta do PCP era uma perspetiva de sovietação da cultura, e, mais tarde, durante a sua intervenção, não se inibiu de voltar a referir, e nessa altura já sem

ressalva e de uma forma acintosa, e a adjetivar a proposta do PCP como um conselho de cultura soviético.

Oh, Sr. Secretário, se alguma coisa, mal ou bem, porque não é isso que está em discussão, criticava às repúblicas que compunham a União Soviética era exatamente o excesso, o peso do Estado, e estatização dos diferentes aspetos...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** O “mal ou bem” é que eu não percebi!

**O Orador:**... da vida social, cultural e económica daquelas repúblicas.

Ora bem, oh, Sr. Secretário Regional da Educação, Cultura e Ciência...

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Ciência e Cultura!

**O Orador:**... (Ciência e Cultura), comparando aquilo que é o conselho que V. Ex.<sup>a</sup> criou com a proposta do PCP, e comparando de uma forma intelectualmente honesta, a adjectivação que V. Ex.<sup>a</sup> faz à proposta do PCP é, claramente, adequada mas é exactamente ao órgão que V. Ex.<sup>as</sup> criaram. Aquilo que o PCP propõe é uma coisa completamente diferente e é, de facto, o envolvimento e a participação dos cidadãos.

Portanto, V. Ex.<sup>a</sup>, e eu reconheço-lhe a tal dimensão intelectual que disse e que reafirmo, muito me espanta, Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura, que V. Ex.<sup>a</sup> tenha de recorrer a esses lugares comuns para tentar desconstruir a proposta do PCP. Lamentavelmente, Sr. Secretário, lamentavelmente.

Mas isto tem um significado, Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura, tem um significado, é porque só se utilizam esses lugares comuns, esses clichés à falta de melhor argumentação. E é isso exactamente que caracteriza a sua intervenção. Foi a falta de argumentos para desconstruir a proposta do PCP.

E eu dou-lhe aqui apenas um exemplo, retirado da sua intervenção, quando V. Ex.<sup>a</sup> diz como é que um diretor regional que preside a um órgão vai, depois, submeter o seu próprio relatório àquele órgão. Ora bem, há aqui uma diferençazinha de substância e que tem a ver com o seguinte: é que no conselho que V. Ex.<sup>a</sup> criou as coisas são assim, na proposta do PCP não.

E, portanto, não há nenhuma incongruência no facto de um órgão que é presidido por um diretor regional poder ser o Conselho Regional de Cultura da forma como o PCP o está a propor que ele seja submetido, porque o órgão tem competências que lhe são atribuídas nesta proposta, ou teria competências no órgão que estamos a propor substantivamente diferentes.

E, portanto, Sr. Secretário Regional, parece-me a mim que a argumentação que V. Ex.<sup>a</sup> utiliza, até pelos lugares comuns, pelos clichés que utilizou, fica muito aquém daquilo que seria esperado de uma personalidade com a dimensão intelectual que V. Ex.<sup>a</sup> tem.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Quem?

**O Orador:** E mais, Sr. Secretário Regional, eu vou-me dispensar de explicar por que é que a Direção Regional da Educação deveria ficar neste Conselho Regional de Cultura que o PCP propõe. Vou-me dispensar, porque penso que qualquer cidadão percebe que educação e cultura são inseparáveis, Sr. Secretário, são inseparáveis. Aliás, também se percebe uma outra coisa, que a escola tem funções transversais para outras áreas que V. Ex.<sup>a</sup> aí referiu.

Sr. Secretário Regional, eu vou-me ficar por aqui, repetindo a frase que há pouco disse à Deputada Renata Correia Botelho: V. Ex.<sup>a</sup> e o seu Governo querem cultura mas é com rédea curta.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Estêvão, tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu devo dizer que estou espantado com o rumo desta discussão, porque, às vezes, chega a parecer, perdoem a expressão, um teatro burlesco, porque um dos intervenientes faz uma intervenção em que chama praticamente fascistas ao partido do Governo,...

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Não foi bem isso! Também não exagere!

**O Orador:**... na medida em que mantém uma censura em toda a atividade cultural na região e que controla a atividade cultural. Resposta do Partido

Socialista: tenho a maior admiração cívica pela intervenção de V. Ex.<sup>a</sup> e revejo-me em muita da sua intervenção.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Eu não disse nada disso!

**O Orador:** A seguir, o Sr. Secretário Regional diz que considera que a proposta do PCP é uma proposta soviética e, portanto, totalitária, e a seguir o Sr. Deputado diz que respeita a grandeza intelectual do Sr. Secretário,...

*(Risos da câmara)*

... embora não se reveja na afirmação.

E, portanto, eu penso que não estamos a tirar as ilações das nossas próprias conclusões em relação às afirmações e aos discursos que aqui são pronunciados, porque não se pode ter uma admiração tão grande por quem se considera soviético ou praticamente fascista.

Mas considero que em relação a esta matéria o PCP tem razão em duas áreas. A primeira é a descentralização. Dizia o Sr. Secretário (lembrou-se do Corvo), “Bom, São Miguel tem uma grandeza cultural demográfica e tudo isso; o Corvo, nem sei se tem duas associações para poder responder”. Em primeiro lugar, deveria saber. É a primeira questão que se coloca em relação a esta matéria. E, depois, a história da cultura e da defesa da cultura da região nesta matéria é algo que o Sr. Secretário não se devia ter lembrado, porque foi de uma negligência atroz com a defesa da cultura das ilhas mais pequenas, nomeadamente com a cultura do Corvo.

Graças também ao empenho por parte...

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** De S. Jorge, e da Graciosa, e de Santa Maria!

**O Orador:**... deste Governo, a verdade é esta, foi aqui aprovado um projeto de resolução nesta matéria e há um empenho do Governo Regional, que, aliás, também está no Orçamento da Região, em que vai ser criado, finalmente, o equipamento cultural, o equipamento museológico que vai defender a identidade cultural do Corvo e o património cultural da ilha do Corvo. Mas, meus senhores, nós estamos em 2014 e esses equipamentos há muito que estão

construídos noutras ilhas e, portanto, se há um mérito do PCP de dizer “Sim, sim, as ilhas mais pequenas, as ilhas que têm menor dimensão e que têm um património cultural que é importantíssimo para a defesa de uma identidade açoriana completa”, porque para ser completa tem que dizer respeito a todas as parcelas territoriais da nossa região e isso é algo que não tem sido feito com total eficácia. Isso é algo que não tem sido feito com total eficácia.

Mas eu não deixo de reconhecer o mérito que este Governo também tem nessa matéria, porque uma das coisas que eu não sou é mal agradecido em relação a estas matérias. E, portanto, o que eu devo dizer é que há aqui, finalmente, um Governo que assumiu esse compromisso. É este Governo. Este Governo dos Açores assumiu esse compromisso em relação à ilha do Corvo, mas durante muitos e muitos anos o património da ilha do Corvo foi delapidado, delapidado ao longo de muitos anos, e o Sr. Secretário sabe do que é que eu estou a falar, por muita gente que levou peças, instrumentos culturais absolutamente únicos, que hoje nós já não os conseguimos proteger porque eles desapareceram.

E, portanto, é verdade que esta perspetiva que o PCP nos traz aqui de termos uma entidade descentralizada é importante, porque os Açores são isto, são uma insularidade dispersa com uma desigualdade territorial e demográfica muito grande. Mas a riqueza dos Açores, a força da cultura dos Açores é a nossa diversidade e é também a nossa unidade, a preocupação que temos uns com os outros.

E, portanto, eu acho que esta visão é uma visão positiva.

E, por outro lado, a segunda perspetiva que o PCP aqui nos traz também nesta proposta é uma perspetiva de menor controlo por parte do Governo em relação às entidades culturais. Eu acho que isso é fundamental. Uma cultura democrática que não está controlada pelas entidades, que não está controlada, porque pode estar controlada pela concessão de subsídios, pode estar controlada através da presença de membros do partido governante nos diversos órgãos de gestão das diversas entidades e isso faz com que exista menor pluralismo. E a riqueza da cultura está sempre... A cultura e a liberdade são indissociáveis (a cultura e a liberdade) e isso, de facto, na nossa região, há um défice nesta

matéria, um défice de independência do ponto de vista da produção cultural. E a proposta do PCP também tem esse mérito.

E, por isso, Sr. Deputado, embora eu considere que a sua proposta peca por algumas sobreposições e alguma burocracia excessiva, eu, da minha parte, porque acho que é um avanço, no sentido, correto, tem o apoio do PPM.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Aníbal Pires, pede a palavra para?

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Solicitar um intervalo regimental de 15 minutos.

**Presidente:** É regimental. Regressamos às 16 horas e 15 minutos.

*Eram 16 horas e 03 minutos.*

**Presidente:** Boa tarde, Sras. e Srs. Deputados.

Vamos recomeçar os nossos trabalhos.

*Eram 16 horas e 23 minutos.*

Estava inscrita a Sra. Deputada Renata Correia Botelho.

Tem a palavra, Sra. Deputada.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Aníbal Pires, pegando na sua afirmação de que o PS quer cultura, mas com rédea curta, e para além de a considerar tremendamente injusta, pergunto: onde é que a rédea será mais curta? Se convidando, para além das entidades que constituirão o Conselho Regional de Cultura, criado por decreto regulamentar regional, portanto, para além das entidades por inerência, convidar personalidades independentes que não vão pugnar por interesses próprios, com uma visão crítica e lúcida sobre a realidade cultural, ou se colocando, por exemplo, no Conselho Regional de Cultura que o PCP prevê, duas associações ou entidades sedeadas em cada um dos concelhos da região,

sendo que eu desconfio que em todos os concelhos isso seja, sequer, exequível, o que as inibe, à partida, pela nossa interpretação do articulado, de concorrer a apoios controlados por essas associações, enquanto tiverem assento no Conselho Regional de Cultura?

Ora, o mesmo é dizer que ou as associações não aceitam, ou, se aceitam, ficam privadas dos apoios, ou, se aceitam, vão conflitar com os seus próprios interesses enquanto integrarem esse conselho que o Sr. Deputado e a Representação Parlamentar do PCP defendem.

Portanto, se o Sr. Deputado considera que num caso a rédea é curta, eu acho que no outro caso a rédea é absoluta.

Ao Sr. Deputado Paulo Estêvão. Gostaria de me dirigir agora ao Sr. Deputado Paulo Estêvão (a quem muito agradeço a celeridade do regresso ao seu lugar), para além de lhe repetir que V. Ex.<sup>a</sup> não me conhece, lamento que não me oiça, o que é obviamente um direito que lhe assiste e que também devo confessar que muitas vezes não oiço o Sr. Deputado.

*(Risos da câmara)*

Mas quero dizer-lhe duas coisas.

Primeiro, que, em matéria de burlesco, tenho muito a aprender com V. Ex.<sup>a</sup> e dizer-lhe, ainda, na esperança de que, pelo menos, neste breve minuto me dispense alguma da sua atenção, que o Sr. Deputado mentiu e que eu não disse aquilo que me atribuiu. Nunca disse que subscrevia grande parte da intervenção do Sr. Deputado Aníbal Pires, mas que julgo ter, assim espero, a plasticidade intelectual necessária para admirar, nos limites que considero razoável, pessoas que defendem visões do mundo diferentes das minhas.

**Deputada Benilde Oliveira e Deputado André Bradford (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** É nesta lógica que, sem quaisquer reservas, se insere a minha admiração pelo Deputado Aníbal Pires, com tudo aquilo que possa distanciar-nos.

Muito obrigada.

**Vozes de alguns deputados do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos deputados do PS)*

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Isto ainda vai acabar em beijinhos!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Tem agora a palavra o Sr. Secretário Regional.

**(\*) Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura (Luiz Fagundes Duarte):** Muito obrigado, Sra. Presidente. Sras. e Srs. Deputados, Sr. Membro do Governo:

Muito rapidamente, dirigindo-me ao Sr. Deputado Aníbal Pires, de facto, estávamos, há pouco, num regime ameno e, portanto, eu chamei a atenção para o facto de a minha expressão ser irónica. De qualquer maneira, eu disse muito mais do que esse adjetivo que tanto ofendeu V. Ex.<sup>a</sup>, mas a história é assim.

Retribuindo os elogios que o Sr. Deputado me fez relativamente às capacidades intelectuais, também quero reconhecer a capacidade de autocrítica do Sr. Deputado, porque, na sequência da minha intervenção na Comissão de Assuntos Sociais, o Sr. Deputado apresentou uma proposta de alteração ao seu diploma, o que prova que é um bom leitor e atento. Reconheço isso. E apresentou uma adenda, um aditamento, um artigo 3º-A, onde diz: “No caso de discussão de projetos de iniciativas culturais concretas que envolvam de forma direta qualquer uma das entidades referidas no artigo 3º do presente diploma, os respetivos representantes estão impedidos de exercer o direito de voto na respetiva deliberação”. Excelente. De facto, tinha chamado a atenção para isso, porque eles estariam a julgar em casa própria.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Responda à Deputada Renata Botelho!

**O Orador:** Só que V. Ex.<sup>a</sup> meteu-se num buraco sem saída, porque, pelas minhas contas, trata-se de, e tendo em conta que não há nenhuma associação cultural nesta região, nenhum grupo cultural que não peça apoios à cultura, estaremos perante a possibilidade, que não é teórica, de que os 46 membros do seu conselho que estão incluídos no artigo 3º, num determinado momento, seria

perfeitamente possível que os 46 elementos estivessem impedidos de votar, ou seja, apenas restariam, pelas minhas contas, 13. Ou seja, quem iria decidir seriam exatamente aquelas pessoas que V. Ex.<sup>a</sup> não quer que decidam, que são os representantes do Governo ou dos organismos externos da Direção Regional da Cultura.

Portanto, a sua fuga para a frente, como dizia o Sr. Deputado, digamos, é um beco sem saída.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

A Mesa não tem mais inscrições.

Sr. Deputado Aníbal Pires, tem a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sra. Deputada Renata Correia Botelho, apenas dois ou três considerandos sobre a intervenção de V. Ex.<sup>a</sup> naquilo que diz respeito, desde logo, relativamente à questão da rédea curta e da rédea absoluta, dizer-lhe o seguinte.

Corremos aqui um risco e, de facto, este debate serve, de alguma forma, para, e digamos que um dos grandes objetivos, se não o principal objetivo desta iniciativa do PCP, aliás, como foi dito logo de início, da tribuna, tinha a ver ou tem a ver com visões diferentes daquilo que deve ser a participação e o envolvimento dos agentes e dos produtores culturais na definição das políticas culturais da região.

Aquilo que V. Ex.<sup>as</sup> propõem, eu continuo a insistir que será uma rédea curta, eventualmente até diria que nem será rédea, talvez grilhetas (talvez grilhetas!), relativamente à forma como V. Ex.<sup>as</sup> desenham o vosso conselho de consultores para a cultura, e dizer-lhe o seguinte. Eu não tenho nenhum problema relativamente às personalidades e à inclusão das personalidades num conselho de cultura, agora, eu penso é que corre-se aí um risco. O facto de não se estar a envolver toda a região e apenas constituir um conselho regional de cultura da forma como V. Ex.<sup>as</sup> o constituíram pode tender também a alguma elitização da cultura, e julgo que ninguém pretende isso, nem mesmo o Partido Socialista.

Quanto à questão da impossibilidade das associações serem alvo de apoio, o Sr. Secretário acabou por, de alguma forma, responder à Deputada Renata Correia Botelho, mas eu queria apenas tecer um comentário àquilo que V. Ex.<sup>a</sup> disse, e o Sr. Secretário sabe bem que a história não é assim.

A história tem, ou deve ter, e, na minha perspetiva, tem uma visão que deve ser multilateral e não unilateral, como V. Ex.<sup>a</sup> fez crer quando disse que a história é assim. Não, Sr. Secretário, e V. Ex.<sup>a</sup> sabe muito bem que a história não é assim.

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Qual história?

**Deputado André Bradford (PS):** Estava a pensar exatamente isso!

**O Orador:** A história é...

*(Risos do orador)*

Não ouviram o Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura, portanto agora estão com essas dificuldades.

Portanto, Sr. Secretário, a história não tem, nem a história, nem o mundo se pode olhar para ele com uma visão unilateral, como V. Ex.<sup>a</sup> muito bem sabe, sob pena de estarmos a errar profundamente sobre aquilo que é ou que pode vir a ser o nosso futuro.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

A Mesa não tem mais inscrições. Pelo que, não havendo, vamos passar à votação.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** O meu apoiante não está cá?

*(Risos da câmara)*

*(Pausa)*

**Presidente:** As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

A Sra. Deputada que se abstém faça o favor de se sentar.

**Secretária:** O projeto de DLR foi rejeitado com 28 votos contra do PS; 17 do PSD; 2 do CDS-PP; 1 voto a favor do PCP; 1 abstenção do BE.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Vamos então avançar com a nossa Agenda.

Entramos, assim, no ponto 8: **Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 28/X – “Cria o Programa Regional de Apoio aos Grupos Folclóricos da Região Autónoma dos Açores”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD.

Para a apresentação do diploma, tem a palavra o Sr. Deputado José Andrade.

**Deputado José Andrade (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O PSD propõe ao Parlamento dos Açores a criação de um programa Regional de Apoio aos Grupos Folclóricos da Região – com fundamentação, com enquadramento e com objetividade.

Desde logo, na própria estrutura que orientará esta apresentação:

- Em primeiro lugar, a estranheza e a pertinência de investir na cultura em tempo de crise;
- Em segundo lugar, a cultura popular em geral e o folclore em particular – pela importância que tem, pela dificuldade que enfrenta, pelo apoio que precisa;
- Em terceiro lugar, a discriminação positiva que filarmónicas e folclore merecem nos Açores;
- Em quarto lugar, o precedente da diferenciação que o Parlamento já criou por iniciativa meritória do CDS, o esforço de adequação que o PS e o Governo demonstraram e o cuidado de articulação legislativa que o PSD acautelou na sua proposta;
- Em quinto e último lugar, as vantagens concretas que esta proposta acrescenta no quadro geral da legislação atual e futura.

Vamos então à primeira questão:

Faz sentido investir na cultura em tempo de crise?

Faz. Por causa de Winston Churchill e de Sérgio Ávila.

O antigo primeiro-ministro britânico dizia que não se pode transferir o orçamento cultural para outros setores aparentemente mais prioritários porque é exatamente em nome da cultura que se travam as grandes batalhas pela sobrevivência.

O atual vice-presidente do governo açoriano diz que a Região não tem dificuldades financeiras.

Portanto, devemos e podemos investir na cultura, sempre, e na cultura popular, em especial.

É a cultura popular que nos distingue e valoriza enquanto povo com identidade própria.

E, na cultura popular, é o folclore que mais concorre para a nossa afirmação cultural, dentro e fora da Região.

O folclore açoriano simboliza um património coletivo que assume e acumula identidade etnográfica, importância cultural, longevidade histórica, abrangência social, representatividade geográfica, representação regional.

- Identidade etnográfica, porque preserva e apresenta os traços característicos do nosso povo, quer nas suas ambiências comuns, quer nas suas especificidades locais;

- Importância cultural, porque recupera e valoriza a nossa diferença identitária e ancestral num tempo tendencialmente uniformizado pela globalização;

- Longevidade histórica, porque representa uma ininterrupta tradição açoriana que remonta a meados do século passado;

- Abrangência social, porque existem atualmente nos Açores cerca de 60 grupos folclóricos em atividade, mobilizando assim mais de 2.000 componentes de diferentes gerações;

- Representatividade geográfica, porque há grupos folclóricos em meia centena de freguesias de todos os 19 concelhos das 9 ilhas dos Açores, desde Santa Maria até ao Corvo;

- Representação regional, porque um grupo folclórico de qualquer ilha dos Açores que represente a Região no exterior assume-se como verdadeiro embaixador cultural da Região.

Apesar da sua comprovada importância, os grupos folclóricos dos Açores confrontam-se hoje com dificuldades financeiras generalizadas em todas as ilhas, que nalguns casos condicionam e noutros casos até ameaçam a sua própria sobrevivência.

Pudemos testemunhar isso mesmo quando no ano passado visitámos 34 grupos folclóricos em 13 concelhos açorianos para reunirmos com as suas direções.

Destaco aqui o concelho da Madalena do Pico, com 6 grupos folclóricos nas suas 6 freguesias, incluindo o mais antigo dos Açores – o Grupo Folclórico da Casa do Povo da Candelária, fundado em 1949.

As dificuldades que têm e as necessidades que sentem, em todos os concelhos de todas as ilhas, correspondem essencialmente aos objetivos que nos foram suscitados pelos agentes no terreno e que nos cumpre traduzir no presente Projeto de Decreto Legislativo Regional:

- a) Apoio à aquisição e reparação de trajes com rigor etnográfico utilizados na prossecução da sua atividade cultural;
- b) Apoio à aquisição e reparação de instrumentos musicais construídos nos Açores e utilizados na prossecução da sua atividade cultural;
- c) Apoio à aquisição e reparação de viaturas utilizadas na prossecução da sua atividade cultural;
- d) Apoio às despesas correntes com fornecimento de eletricidade para os grupos folclóricos que têm sede própria e atividade cultural regular;
- e) Apoio às despesas de gravação e edição de registo discográfico, videográfico ou bibliográfico do grupo folclórico destinado a divulgação pública;
- f) Apoio às despesas de deslocação para representação da Região Autónoma dos Açores em festivais nacionais ou internacionais de folclore realizados no território português e na diáspora açoriana;
- g) Apoio às despesas locais de organização de festival regional, nacional ou internacional de folclore.

Estas sete alíneas do artigo 3º constituem, aliás, a única particularidade de todo o texto normativo.

Todos os demais 16 artigos, essencialmente de caráter processual, foram rigorosa e integralmente transcritos da proposta de alteração conjunta CDS/PS, aprovada por unanimidade no plenário de janeiro, que, por sua vez, já tinha sido articulada com os critérios normativos da proposta governamental que estabelece o regime jurídico de apoio a atividades culturais, que vamos debater de seguida no presente plenário.

Significa isto que o nosso projeto de apoio ao Folclore está equiparado ao projeto do CDS de apoio às Filarmónicas e que ambos se encontram articulados com a proposta do Governo de apoio à cultura em geral.

Com a aprovação deste diploma e do seguinte na nossa agenda de trabalho, os Açores passam a contar com um decreto de apoio geral à cultura, de que dependem dois decretos de apoio específico às sociedades filarmónicas e aos grupos folclóricos.

Ficam assim respeitados e salvaguardados os dois segmentos mais representativos da cultura açoriana – que se identificam um com o outro e que se distinguem de todos os demais.

É certo que o Governo pretendia ter um diploma único de apoio à cultura, como o próprio Secretário assumiu em Comissão.

Mas também é verdade que o Parlamento entendeu, por unanimidade, abrir o precedente de assegurar um tratamento diferenciado para as filarmónicas.

Fê-lo por iniciativa legislativas do CDS-PP e com as alterações propostas em conjunto com o PS.

Ora, o projeto que agora propomos para o Folclore segue os mesmos princípios do CDS-PP e já inclui os mesmos artigos do PS.

Como, certamente, também o Bloco de Esquerda, o PCP e o PPM entenderão que os nossos grupos folclóricos não são menos importantes do que as nossas filarmónicas, este projeto de Decreto Legislativo Regional tem todas as razões e tem todas as condições para ser aprovado por unanimidade.

Se, mesmo assim, ainda alguém tentar argumentar que o diploma do governo dispensa o diploma do PSD, então só falta demonstrar que os dois diplomas não se anulam mas antes se complementam.

É certo que alguns dos apoios previstos são comuns – como, por exemplo, a participação dos trajes etnográficos e dos instrumentos musicais.

Mas é verdade também que, se o diploma que propomos não for aprovado, os nossos grupos folclóricos não terão apoio para as suas viaturas associativas, para o funcionamento das suas sedes sociais ou para a sua deslocação ao continente português e à diáspora açoriana em representação da Região Autónoma dos Açores.

Assim, os nossos grupos folclóricos e a nossa cultura popular esperam agora uma prova concreta da consideração que merecem do Parlamento dos Açores.

Disse.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos deputados do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Estêvão, tem a palavra.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, é para uma interpelação à Mesa.

**Presidente:** Pensei que se tinha inscrito.

É para uma interpelação. Tem a palavra, Sr. Deputado.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Bom, eu quero pedir desculpa à câmara e também esclarecer este assunto em relação à minha ausência da última votação.

Eu tinha dito que ia votar a favor. Pode o assunto ficar mal esclarecido e que eu me ausentei por qualquer outro motivo. Mantenho o apoio ao diploma.

Saí para rever as imagens daquilo que eu tinha dito e que a Sra. Deputada Renata Botelho tinha dito no sentido de lhe responder e a conclusão que eu tiro é que estas repetições não dão bom resultado, do ponto de vista de trabalho parlamentar, porque, depois, rapidamente se terminou a discussão e a votação foi efetuada. E, portanto, evidentemente, com prejuízo também da votação do PPM e com prejuízo também do PCP, já que eu tinha dito que iria apoiar este diploma.

Portanto, não tenho nenhuma razão política, é um atraso. Peço desculpa à câmara pelo sucedido.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Fica registado aqui a sua justificação.

Então, para participar agora no debate, tem a palavra a Sra. Deputada Ana Espínola.

**Deputada Ana Espínola (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura:

É com agrado que constatamos que as iniciativas do CDS-PP têm servido de modelo para que outros partidos, nesta Casa, apresentem iniciativas que promovam a continuidade e apoiem as actividades culturais como é o caso dos grupos folclóricos que dada a sua peculiaridade devem ser alvo de uma atenção especial.

O PSD tentou conciliar a sua proposta de diploma com o diploma aprovado recentemente nesta Assembleia, por proposta do CDS-PP, que criou o regime jurídico de apoio às bandas filarmónicas das sociedades recreativas da Região de forma a gerar consensos e a proteger o folclore que carece de apoios específicos.

Os grupos folclóricos são, de facto, o retrato cultural do que são as nossas raízes. Divulgam as nossas danças e cantares são forma de nos identificar enquanto Região e dão a conhecê-las aos mais novos, fazendo-os valorizar esta forma de cultura que nos marca enquanto povo e que acaba por nos fazer regressar ao nosso passado e aos nossos antepassados em tempo real.

Tendo em conta as inúmeras dificuldades que os grupos folclóricos atravessam e que ameaçam a sua existência é de relevante importância que lhes seja concedida uma discriminação positiva salvaguardando a sua condição de promotor da nossa identidade como Povo Açoriano.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sra. Deputada Renata Correia Botelho, tem agora a palavra.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente do Governo, Sr. Membro do Governo: Sr. Deputado José Andrade, cá estamos. Eu creio que um dia que um de nós desapareça deste cenário o outro terá de enfrentar um luto difícil.

*(Risos da oradora e de alguns deputados da câmara)*

Eu começo por dizer que em ponto algum desta discussão está em causa a total admiração que o Partido Socialista nutre pelos grupos folclóricos da região, que são, sem dúvida, absolutamente preciosos na nossa cultura.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Isso vamos ver!

**O Orador:** Uma parte dos argumentos que pudéssemos aqui expor remete, como, aliás, o Sr. Deputado José Andrade já referiu, para o ponto seguinte da Agenda, ou seja, uma parcela significativa dos apoios aqui previstos neste projeto de DLR agora em discussão, encontra resposta na proposta de DLR que veremos já a seguir. É certo que nem todos, mas uma boa parte.

No entanto, e porque percebemos muito bem a estratégia astuta, aliás, que está por detrás da apresentação deste diploma, é importante fazermos alusão, como já o Sr. Deputado José Andrade fez, ao Decreto Legislativo Regional nº. 3/2014/A, que cria o programa regional de apoio às sociedades recreativas e filarmónicas da Região Autónoma dos Açores.

A aprovação deste decreto legislativo regional constituiu, é verdade, é certo, uma exceção à legislação una da atribuição dos apoios. No entanto, a exceção justificou-se por várias razões. A saber: fomos da opinião que as filarmónicas, pela sua presença secular, pelo seu papel de escolas artísticas e cívicas, sem demérito, obviamente, dos grupos folclóricos (mas esta é uma constatação), pela sua expressão social contundente (são cerca de 130, de acordo com os números da federação de bandas), mereciam, e numa altura muito específica, aquela exceção.

Ora, esta exceção tem uma cronologia também que a justifica. O projeto de decreto legislativo regional apresentado pelo CDS-PP, e aprovado, sob o nome

de SOREFIL, viu ser aprovada uma verba específica, no Plano e Orçamento, em novembro, tendo sido, posteriormente, aprovado nesta câmara, em janeiro (esse DLR) e publicado a 14 de fevereiro em Diário da República.

**Deputada Benilde Oliveira (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Ora, em julho, quando o processo se iniciou, portanto, o processo do SOREFIL, a proposta do Governo, que veremos no ponto seguinte, era apenas uma referência verdadeira e consistente, como agora se prova, mas era, em julho, apenas uma referência. Entretanto, a proposta do Governo entra em consulta pública, entre fins de dezembro e inícios de janeiro (dela falaremos no seu tempo próprio). No entanto, não posso deixar de referir que há um grupo folclórico, de referência obrigatória – o Grupo Ilha Verde –, que, ainda que dando parecer favorável a este projeto de DLR, concorda integralmente com a proposta do Governo Regional, pelo que, deduzo, deve ver as suas principais preocupações ali contempladas. Qual não é, contudo, o nosso espanto (ou não, ou não!), neste arrazoado de datas, quando nos surge, a 19 de fevereiro, cinco dias depois da publicação do SOREFIL em Diário da República, este projeto de DLR dedicado aos grupos folclóricos, que, sublinhe-se novamente, muito respeitamos, muito admiramos e que tem contado sempre, invariavelmente, com o apoio do Governo Regional. Mas quando digo para nosso espantou ou não, digo porque, respeitando e saudando, aliás, a iniciativa do PSD, entendemos perfeitamente o truque, digamos, político do PSD, que quer agora, permitam-me a informalidade, surfar a onda de uma exceção que teve todo o contexto que acabei de expor.

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Não podemos, todavia, embarcar nesta sucessão de exceções, sob pena de fazermos ruir um edifício que, para o bem de todos e em especial dos agentes culturais da região (porque é para eles que estamos a falar no cerne da questão que aqui debatemos),...

**Deputada Benilde Oliveira (PS):** Muito bem!

**A Oradora:**... deve ser consistente, abrangente e coeso, sem se dispersar por decretos soltos.

Iremos, pois, por todas estas razões, dar um voto desfavorável, ainda que compreendamos as vossas razões, ao projeto de decreto legislativo.

**Vozes de alguns deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Passo agora a palavra ao Sr. Secretário Regional.

(\*) **Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura** (*Luiz Fagundes Duarte*): Muito obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente do Governo:

Quero, em primeiro lugar, cumprimentar o PSD por ter tomado esta iniciativa que, como se pode verificar, se fizemos uma colação entre o texto deste projeto do PSD e o texto da proposta do Governo, são idênticos. Ou seja, o PSD fez aquilo que já tinha sido feito para as filarmónicas: foi ao diploma, à proposta do Governo, retirou aquilo que tinha a ver com os grupos folclóricos e constituiu um projeto autónomo.

**Deputado José Andrade (PSD):** Não só!

**O Orador:** Eu devo louvar a iniciativa porque assim tenho a certeza que fez um bom trabalho, ou seja, a fonte era tão boa que copiou diretamente, o que só fala a favor da iniciativa.

No entanto, há aqui duas perspetivas diferentes que eu gostaria de salientar. Em primeiro lugar, é uma preocupação do Governo, e concretamente das áreas que eu tutelo, funcionarmos de uma maneira sistémica, organizada, holística mesmo, de maneira a evitar que hajam exceções que transformem os agentes culturais, no caso, em filhos, enteados, primos, de acordo com determinados valores pontuais, determinados interesses pontuais que possam surgir, mas que vão contra aquele princípio geral que é: estamos perante uma responsabilidade do Estado, no caso, da região, perante aquelas pessoas que, no terreno, exercem atividades culturais praticamente sempre a título gratuito, a título de voluntariado, e que, sejam filarmónicas, sejam grupos folclóricos, sejam grupos de teatro, seja um bailinho de Carnaval da Terceira, seja o que for, funcionam de uma maneira voluntária, empenhada, à custa de muito sacrifício pessoal, mas que produzem aquilo a que nós chamamos vulgarmente de cultura popular.

Entendemos que a região deve ter uma perspetiva global para todos eles. É verdade que há exceção das filarmónicas, foi decidida aqui, mas a perspetiva do Governo, inicial, e mantém, é essa. Ou seja, todos estes órgãos, todos estes representantes da cultura popular devem ser tratados na mesma perspetiva e depois cada um, de acordo com as suas características, com os meios que tem, com as suas capacidades, exercerá a sua atividade, que será avaliada por júris independentes e apresentará as suas candidaturas.

Eu acho que a exceção, como já disse a Sra. Deputada Renata Correia Botelho, para as filarmónicas tem mais a ver, não propriamente com o facto de as filarmónicas serem grupos (Eu não consigo ver através do Sr. Presidente do PSD! Muito obrigado.) ... As filarmónicas não são grupos musicais em si, são muito mais do que isso.

No momento histórico, em vários momentos históricos em que não havia instrução pública sistematizada, em que não havia direito, não havia liberdade, não havia democracia na escolha de quem dirige, as filarmónicas já tinham esse papel, há mais de 150, 170, 180 anos, de verdadeiras escolas cívicas nos meios rurais. Ensinavam música, mas também ensinavam a ler e a escrever em muitos casos, davam formação e ensinavam as pessoas a serem responsáveis, organizadas (basta ver a ordem unida em que funcionam) e também a serem respeitadoras do princípio da maioria. As sociedades filarmónicas, tradicionalmente, têm os seus corpos eleitos por lista, por voto dos seus membros.

Isso é um valor patrimonial que vai muito para além da música, e foi por isso que o Governo aceitou a proposta que foi avançada aqui, a decisão que foi avançada aqui de separar as filarmónicas desse conjunto, embora continue a achar que... Mas isso resolve-se através do decreto regulamentar que vai definir o modelo de apoio, o funcionamento de modo igual para todos, ou seja, o funcionamento para todos, mas cada um terá as suas especificidades.

Esta proposta que aparece agora vem, de certa maneira, a reboque (de resto, foi dito pelo Sr. Deputado José Andrade) da iniciativa desta Assembleia relativamente às filarmónicas.

Mas foi uma iniciativa do PSD (vou dar apenas um exemplo), a proposta de classificação das Danças e Bailinhos de Carnaval da Terceira como Património Imaterial da Humanidade. Foi uma ideia louvável do PSD. Com base nisso, o PSD não apresentou nenhuma proposta para as filarmónicas nem para os ranchos folclóricos, apresentou para os bailinhos de Carnaval da Terceira. Então, aqui teríamos os bailinhos de Carnaval, que não recebem apoios, este tipo de apoios, mas por que não terem um regime jurídico próprio, uma vez que têm tanta dignidade, que é o próprio PSD que propõe essa classificação?

E os grupos de teatro que nós queremos e que, neste momento, já está no terreno, em São Miguel, que depois será alargado às outras ilhas, um programa de apoio, no terreno, de formação aos grupos de teatro? E as bandas de rock ou de outro tipo qualquer de música, que são (o Sr. Deputado pode não gostar) emergências da sociedade civil?

Sr. Deputado, eu reconheço o mérito porque, enfim, repôs no seu texto aquilo que nós tínhamos feito no nosso. Portanto, se eu concordo com ele, não poderei deixar de concordar com o seu; não concordo é com a perspetiva, que é esta: não pode haver tratamentos diferenciados da região perante os agentes culturais. A diferenciação será feita mediante fatores e parâmetros que são definidos no decreto regulamentar e que já estão, grosso modo, definidos na proposta do Governo que vai ser discutida de seguida. Ou seja, os grupos, sejam filarmónicas ou grupos folclóricos ou o que quer que seja, serão apoiados de acordo com o cumprimento ou não de determinados parâmetros que nós pretendemos que sejam justos e a decisão de apoio é tomada não pelo Governo, mas pelos júris, que são independentes, que vão propor ao Governo determinados apoios. De resto, isso já está a funcionar atualmente, as comissões de apoio dos júris sabem, à partida, qual é a verba disponível para uma determinada atividade e quando fazem o seu relatório já propõem: propomos cinco mil para aqui, dez mil para ali. Fazem a sua proposta. E o membro do Governo praticamente limita-se a homologar.

Portanto, aqui é que está, de facto, feita essa avaliação. Se é uma filarmónica que tem 40 elementos, ou se é um grupo folclórico que tem 30, ou se é um

grupo de violas que tem 10, a quantidade não interessa, interessará tendo em conta os custos que eventualmente acarreta em deslocações, etc., desses grupos, mas o que interessa, sobretudo, é a qualidade, é a formação, e é para isso que nós estamos a trabalhar.

Sr. Deputado, está muito preocupado com os apoios aos grupos folclóricos. Os grupos folclóricos têm sido apoiados como todas as outras atividades, nos últimos oito anos (são os dados que eu tenho aqui), ou seja, de 2006 a 2013, inclusive, a região investiu, nos grupos folclóricos, 354 mil 257 euros, que dá uma média de 44 mil 282 euros por ano. É um apoio considerável. E em que é que consiste esse apoio? Deslocações inter-ilhas e para o continente.

O Sr. Deputado está muito preocupado que não apoiávamos. Mas estão, gastou-se bastante dinheiro, não está aqui especificado por atividade. Deslocações inter-ilhas e para o continente; aquisição de trajes e de instrumentos; reparação de trajes (nos grupos folclóricos é importante); realização de festivais e edição de CDs. E ainda mais uma outra atividade que, normalmente, não é reconhecida nos grupos folclóricos, mas que é fundamental e que na minha opinião é talvez o papel social mais importante dos grupos folclóricos e que eles fazem muito bem que é a realização de cursos de instrumentos de corda. São verdadeiras escolas em que os grupos formam os seus próprios músicos e a região, nestes anos, investiu 17 mil 250 euros, exatamente na formação de músicos para os instrumentos de corda.

O Sr. Deputado também diz que aquilo que distingue o vosso projeto relativamente àquilo que retirou da proposta do Governo era o apoio às deslocações. Sr. Deputado, lamento dizer, mas não é verdade. Isto é um decreto legislativo. A proposta do Governo é uma proposta de decreto legislativo que define áreas, não define atos. As áreas (depois veremos na discussão a seguir) são música, teatro, ou melhor, artes performativas, artes gráficas, visuais, etc., mas depois é o decreto regulamentar que vai definir quais são os atos, porque também depende das candidaturas que forem apresentadas. É evidente que deslocar um grupo folclórico aos Estados Unidos é muito caro, e também temos que ter em conta... Eu, por mim, pessoalmente, acho muito importante que se

desloquem, mas acho que é muito mais importante que trabalhem cá, na região, que se faça formação às novas gerações, que transmitam as músicas tradicionais de uma maneira séria e correta e depois o resultado do seu trabalho será avaliado pelo próprio público. E os apoios que estão previstos para a edição de CDs, por exemplo, ou DVDs, ou de outro meio de divulgação das atividades dos grupos folclóricos, como, de resto, as filarmónicas e de outros, terão ou não lugar no mercado de acordo com a sua qualidade.

Ora, para mim, enquanto decisor político, é muito mais importante investir a sério nas novas gerações, dando-lhes formação, dando até apoio de várias ordens, incluindo também a nível das coreografias, etc., dar um apoio a esse nível e, depois, se se deslocam ou não, já serão casos específicos, que serão avaliados de acordo com o pedido que é feito. Aliás, na proposta de decreto e depois no decreto regulamentar que virá de seguida, um dos fatores de majoração para os apoios para avaliar as candidaturas é exatamente a capacidade que os grupos possam ter para interagir com grupos ou outros, mesmo que não sejam da mesma área, por exemplo, um grupo folclórico interagir com um grupo de violas de outra ilha, ou do continente, ou do estrangeiro. Tudo isso são fatores de majoração. É evidente que está por detrás disso, obviamente podem estar, e terão de estar, deslocações.

Portanto, Sr. Deputado, nem mesmo por aí, que seria a tal pequena diferença que apontou entre o vosso projeto e a proposta do Governo, mas essa também não é verdadeira.

Por isso, Sras. e Srs. Deputados, não gostaria mesmo (não gostaria), mas é, obviamente, a posição do Governo, a Assembleia é soberana, que se perdesse, em nome de interesses, não vou dizer que sejam ilegítimos, são, obviamente, legítimos e saudáveis, mas que não se perdesse a noção de conjunto.

Sr. Deputado, Sras. e Srs. Deputados, eu não tenho números, possivelmente não os teremos, mas se nós, em cada freguesia rural que tem um grupo folclórico, provavelmente grande parte dos membros desse grupo folclórico também fazem parte da filarmónica local e, possivelmente, também fazem parte de um grupo de teatro. Tudo isto está interligado. Por que é que tendo a nossa sociedade, a

nossa cultura tradicional construído uma teia que resiste ao tempo, que funciona harmoniosamente, e por que é que agora nós vamos dividi-los em capelinhas se eles naturalmente funcionam unidos? Vou dar o caso das Sanjoaninas na Terceira, quando é o desfile das marchas. Enquanto as marchas vão a descer a rua da Sé, nós estamos constantemente a ver músicos a subir a rua da Sé, porquê? Porque era o músico da filarmónica que ia acompanhar a primeira marcha e que depois vem atrás porque vai acompanhar a quarta marcha e por aí fora.

**Deputado Renato Cordeiro (PSD):** No folclore é igual! No folclore passa-se exatamente o mesmo!

**O Orador:** Exato! Exatamente por isso. Exatamente por isso. No folclore também. E, provavelmente, até alguns dos membros das marchas também tocam numa filarmónica ou fazem parte de um grupo.

Portanto, naturalmente, a nossa sociedade, como prova de grande vitalidade, organiza-se e tem as suas estruturas sistematizadas. Por que é que agora vamos separar em fatias? Agora filarmónica, ali é grupo folclórico, ali é grupo de teatro. Porque, a partir daí, os grupos de teatro teriam todo o direito em ter um diploma próprio; os bailinhos de Carnaval também, pelos argumentos que foram apresentados.

Sras. e Srs. Deputados, é a posição do Governo, é para isso que estamos a trabalhar, gostaríamos muito que não se perdesse esta noção de conjunto que fomos beber ao povo e que estamos a tentar transformar numa perspetiva política da região.

Eu suponho que não estou a contar anedotas e, portanto, agradeço muito as risadas, mas nós estamos a tentar fazer um trabalho global, como global é a criação cultural artística do nosso povo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

A Mesa não tem mais inscrições.

Sr. Deputado Félix Rodrigues, tem a palavra.

(\*) **Deputado Félix Rodrigues (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura:

A questão que se está aqui a colocar sobre os grupos folclóricos é uma questão importante e que implica, da parte do Governo Regional, uma política. Ou seja, há um conjunto de fatores extremamente importantes na cultura açoriana que interessa considerar, nomeadamente a preservação ou não de indumentária própria, de instrumentos musicais específicos, da música, que é resgatada e que se tem estado a perder no tempo, e também a letra, bem como os ritmos.

Eu não estou a dizer que o Governo Regional tem que apoiar forçosamente os grupos folclóricos. O que o senhor não pode dizer é que não tem que haver tratamentos diferenciados na cultura. Estamos completamente em desacordo deste princípio e porquê? Porque a cultura é muito mais do que filarmónicas e grupos folclóricos; a cultura é a nossa vivência, maneira de estar no nosso ambiente específico,...

**Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura (Luiz Fagundes Duarte):** Não acabei de dizer isso?

**O Orador:**... e, portanto, o senhor quando diz que vamos dividir tudo por capelinhas, é preciso definir quais são as prioridades para garantirmos a nossa identidade cultural. E, portanto, dizer que vamos tratar tudo com equidade, não! O que nós temos que fazer é estabelecer quais são as prioridades culturais, aquilo que deve ser as nossas apostas culturais, e aí compete-lhe definir políticas. E é isso que o senhor tem que dizer se, de facto, entende ou não que o folclore é ou não um património a preservar e que deve ser ajudado de forma a mantermos esse património cultural.

Não podemos comparar, de forma alguma, um património que se pode extinguir com novas realidades culturais ou músicas emergentes. Todas têm valor, evidentemente. Mas o que interessa aqui é saber distinguir uma coisa da outra e estabelecer as políticas corretas para uma e para outra e é isso que não ouvi no discurso do Sr. Secretário. Acho que é extremamente importante percebermos que não é só uma questão de dividir dinheiros e de dividir dinheiros de, por

exemplo, 44 mil 282 euros por ano. Considera avultadíssima, uma verba enorme...

**Deputado José Ávila (PS):** Mas onde é que se vai buscar?

**O Orador:**... apostada no folclore, por exemplo, quando nós sabemos que na região há algumas atividades culturais e que um único evento pode custar 250 mil euros.

São as prioridades que têm de ser definidas em termos de políticas culturais e é isso que eu gostaria de ter ouvido do Sr. Secretário, coisa que não ouvi, na defesa daquilo que é o património cultural açoriano que passa também pelo folclore e quais são os riscos de desaparecimento de alguma dessa cultura popular que corremos na atualidade e que o senhor deve estar ciente para implementar as políticas que são as mais adequadas.

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Tem 60 grupos!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem, agora, a palavra o Sr. Deputado Aníbal Pires.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura:

Esta iniciativa do PSD que estamos a apreciar, na opinião da Representação Parlamentar do PCP, faz todo o sentido. Faz todo o sentido ser encarado como um regime específico no âmbito do regime jurídico de apoio às atividades culturais que o próprio Governo propôs. Aliás, foi dessa forma que o Governo encarou o regime de apoio às filarmónicas, que aqui foi aprovado por unanimidade. E se esse regime de apoio às filarmónicas mereceu a dignidade de um DLR, também as outras atividades devem ter. E ao se criarem regimes específicos por via de decretos legislativos regionais, também se estreita a margem de arbitrariedade regulamentar do Governo, o que, em si mesmo, é positivo.

O precedente foi aberto com o regime de apoio às filarmónicas, portanto, nenhum regime de apoio cultural poderá ou deverá ser muito diferente em termos de apoios, processos e candidaturas.

Assim, na opinião da Representação Parlamentar do PCP, o regime que o PSD aqui nos propõe densifica e desenvolve o regime geral da proposta do Governo, o que, na nossa opinião, está correto e por isso merecerá o nosso voto favorável. Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Deputado.

Passo agora a palavra ao Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu considero que esta proposta do PSD, esta iniciativa, tem um grande interesse, na medida em que considero que todas as áreas da cultura popular são muito importantes para o futuro dos Açores.

A cultura em geral é um dos vetores estratégicos mais importantes para o futuro desenvolvimento económico dos Açores. Não tenho, em relação a esta questão, nenhuma dúvida. Aliás, em relação a este assunto, eu propus, acho que V. Ex.<sup>as</sup> tiveram conhecimento ainda hoje desta iniciativa do PPM, a candidatura dos Açores a membro associado da UNESCO, porque eu considero que a área da cultura é uma área em que os Açores são muito ricos, em que têm grandes capacidades instaladas, em que temos grandes tradições, em que temos um trabalho desenvolvido pelos agentes locais de grande importância. E é reconhecido por todos aqueles que nos visitam e todos aqueles que têm oportunidade de observar as nossas manifestações culturais.

Eu devo dizer-lhe, Sr. Secretário, que a sua argumentação não faz sentido. A argumentação do Governo dos Açores nesta matéria não faz sentido, porque o senhor claramente, como ficou evidente, no âmbito da Comissão Permanente de Assuntos Sociais, a sua posição e a posição do Governo dos Açores, para o qual o senhor arrasta este executivo e também o Partido Socialista, é uma posição que parte de um preconceito.

O Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura o que disse em comissão foi isto: depois de confirmar a questão colocada pela Deputada Renata Correia Botelho, esclareceu que a cultura popular açoriana faz parte de um

processo histórico, que no caso das filarmónicas remonta à primeira metade do século XIX, enquanto o folclore surgiu apenas nos anos 50, no âmbito do Estado Novo. Ou seja, o Sr. Secretário tem, em relação a esta matéria, um claro preconceito (um claro preconceito!). E por isso é que, em relação às filarmónicas, tem uma posição, em relação aos grupos folclóricos tem outra posição completamente diferente e não é perceptível para as centenas de pessoas que se empenham em manter as nossas tradições, a nossa etnografia, a nossa música tradicional, os nossos trajes típicos, não é compreensível este preconceito e esta diferença de tratamento. Não é compreensível! E esta postura em relação aos grupos folclóricos só tem uma explicação, é puro preconceito em relação aos açorianos que estão envolvidos nestas atividades culturais.

E, portanto, eu considero que a posição do Partido Socialista e do Governo Regional é profundamente errada nesta matéria, está profundamente errada e por isso mesmo nós consideramos que V. Ex.<sup>as</sup> deveriam rever essa posição.

De qualquer das formas, o PPM apoia esta iniciativa, valoriza os milhares de pessoas que participam nos grupos folclóricos, valoriza-os, não os minoriza e consideramos que fazem um grande serviço em prol da cultura dos Açores, da preservação dos nossos costumes e da divulgação da cultura popular açoriana.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Renato Cordeiro, tem a palavra.

(\*) **Deputado Renato Cordeiro (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Até há bem pouco, nem estava para entrar neste debate, mas, como dirigente de um grupo folclórico e membro ativo deste, achei que deveria assim o fazer.

A argumentação que eu tenho ouvido até aqui, de facto, é difícil de aceitar.

Se as bandas filarmónicas, pelas quais tenho todo o respeito e onde tenho participado também, portanto, tenho uma grande atividade com elas também, são mais antigas, o meio que a gente tem de apresentar aquilo que é nosso em momentos que eram de lazer, de trabalho, em momentos, até, sociais, o folclore tem sido responsável por isso.

Ouvi ali do Sr. Secretário as ajudas na formação de jovens. A formação de jovens para os grupos é muito importante, porque é o único meio de manter o grupo, é a única forma de, daqui a uns anos, tal e qual como eu também já fui substituir outros que eram mais velhos do que eu, de se manter, mas, Sr. Secretário, essas formações são gratuitas, ninguém recebe, ninguém paga.

**Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura** (*Luiz Fagundes Duarte*): Não! Alguém paga!

**O Orador:** Não é difícil atuar; atua-se por vontade.

Agora, difíceis mesmo são as candidaturas para os trajes. Muitas vezes são recusadas, porque uma banda, quando se candidata, as fardas vêm de uma qualquer fábrica e vem lá a documentação de quanto é que custou, faturas e isso tudo. No folclore não é bem assim. Para ser autêntico muitas vezes temos que ir a costureiras que não têm contabilidade, às vezes são costureiras de fim de semana e muitas vezes estes projetos são...

Pois, a gente faz a nossa parte. Quem nos governa não entende esta área.

**Deputado Joaquim Machado** (*PSD*): Muito bem!

**O Orador:** O que acontece muitas vezes também é isso.

Dificuldade nas deslocações também e este decreto legislativo vinha aqui apenas para facilitar aquilo que tem sido difícil para os grupos: a grande burocracia que existe. Há dirigentes que às vezes nem sabem onde é que se devem dirigir, onde fazer as suas candidaturas, porque é muito disperso. As linhas de apoio que existem para os grupos são muito dispersas e desta forma conseguia-se concentrar.

Obrigado.

**Deputado João Bruto da Costa** (*PSD*): Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Passo agora a palavra ao Sr. Secretário Regional.

(\*) **Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura** (*Luiz Fagundes Duarte*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Eu, de facto, não queria ter contribuído para aquilo que está a acontecer aqui, que é uma total inversão, ou seja, e a partir da intervenção mais sanguínea do

Sr. Deputado Paulo Estêvão, querem pôr na minha boca, e agora da intervenção do Sr. Deputado Renato Cordeiro, uma coisa que eu não disse e que os registos podem comprovar.

Eu não estou aqui, de maneira nenhuma, a pôr filarmónicas contra ranchos folclóricos. Eu acabei a minha intervenção de há pouco a dizer que nós não podemos separar aquilo que o povo uniu, e a cultura popular é uma só.

Agradeço, de facto, a iniciativa do PSD, que veio introduzir esta cunha e separar uma coisa que estava unida.

A posição inicial do Governo é conhecida de toda a gente. Está em consulta pública a nossa proposta, que era exatamente uma visão global e, Sr. Deputado, não tem nada a ver com onde é que as pessoas vão entregar a candidatura. O que nós temos aqui é uma perspetiva global, sistémica para a posição da região perante as atividades culturais. Obviamente que uma filarmónica é uma filarmónica, um rancho folclórico é um rancho folclórico e um grupo de teatro é um grupo de teatro. E os critérios são definidos por decreto regulamentar. Aqui não há filhos nem enteados.

Exatamente, o objetivo era nós termos uma visão global sistémica e o Sr. Deputado Paulo Estêvão, que é um homem inteligente, também não quis perceber isso.

Esta Assembleia decidiu soberanamente separar as filarmónicas; se agora quiser decidir separar os grupos folclóricos, decida. Agora, a posição do Governo é esta, e nós aceitámos. E eu gostaria que pensássemos que não estamos aqui a pôr ninguém contra ninguém, pelo contrário. Esta discussão é que veio levantar essa questão. Nada, nem na proposta do Governo, nem do que aqui foi dito, aponta nesse sentido.

Esta ideia do CDS separar as filarmónicas, e depois agora dos grupos folclóricos, da iniciativa do PSD, veio foi abrir caminho para desmontar um sistema. Se é isso que a Assembleia quer fazer, pois que o faça, é soberana. Agora, não ponham na minha boca aquilo que eu não disse.

E, Sr. Deputado Renato Cordeiro, em todas as ilhas existem órgãos representantes da direção regional, que são os museus, são as bibliotecas, que

recebem as candidaturas. Isso já decorre há muitos anos, desde o tempo em que eu era diretor regional, há 18 anos que isso é assim. Sr. Deputado, não há nenhuma filarmónica nesta região, nenhum grupo folclórico, nenhum agente cultural que não tenha apresentado candidaturas à Direção Regional da Cultura. Sabem muito bem onde é que as vão entregar.

E quando eu há pouco disse que a região tem investido dinheiro na formação musical, tem sim, senhor. Tem sim, senhor! Eu posso provar. Aliás, está publicado. Acredito que os músicos não recebam dinheiro. Não sei para que é que esse dinheiro é utilizado, naturalmente para as despesas correntes, mas eu também não pus as coisas nesses termos. O que eu disse, e vinha na sequência de uma intervenção anterior, de facto, a região, o Governo, desde os tempos do Governo do PSD e todo o Governo PS. Portanto, isto é tradicional na nossa região, a região apoiar os agentes culturais. Apenas o que está aqui a fazer é a definir o regime jurídico para que não sejam uns, porque estão mais próximos do poder, ou porque estão numa ilha com determinadas características têm apoios diferentes.

Portanto, aqui o que nós queremos é dar uma visão sistémica no que diz respeito à perspetiva do Governo perante as atividades culturais.

Portanto, Sras. e Srs. Deputados, já agora, o Sr. Deputado Félix Rodrigues, há bocadinho, quando estava a intervir, parecia que estava a intervir no diploma que vem a seguir. Aí, sim, eu posso explicar-lhe qual é a perspetiva do Governo. Eu aqui estava a explicar a perspetiva do Governo relativamente à iniciativa do PSD, que é separar, abrir um precedente, ou melhor, já foi aberto, havia uma razão, que foi aceite na altura, mas abrir um precedente e, daqui por diante, qualquer das Sras. e Srs. Deputados, nesta casa, poderá apresentar proposta idêntica para qualquer outra atividade cultural.

Sras. e Srs. Deputados, aqui, não ponham, por favor, isto em termos de uma guerra entre oposição e Governo. Estamos a pensar para o mesmo. Eu permito, aliás, como aceito as propostas de toda a gente e discutimos ideias, mas, no essencial, gostaria que decidissem de uma maneira que desse, de facto, a prova de que perceberam a ideia que estava subjacente a esta iniciativa. Obviamente,

a Assembleia é soberana, mas decida por não utilizar ou não colocar na minha pessoa, na minha intervenção argumentos que eu nunca utilizei. Não, por favor, não ponham as coisas em termos de guerras, se é filarmónica, agora é rancho folclórico, porque depois, a seguir, vêm todos os outros. Se é assim que querem, é a vossa decisão. A perspetiva do Governo é a mesma desde o início, que é unir aquilo que nasceu unido.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

A Mesa não tem mais inscrições.

Sra. Deputada Zuraída Soares, tem a palavra.

(\*) **Deputada Zuraída Soares (BE):** Obrigada, Sra. Presidente. Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu não tencionava intervir também neste debate, embora vá votar favoravelmente a iniciativa do PSD, mas não posso deixar de dizer uma coisa ao Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura.

Eu compreendo, penso eu que compreendo bastante bem quando o Sr. Secretário Regional diz que está a procurar criar, elaborar uma política global holística, conforme disse, que no fundo espelha também uma realidade, ela própria, global e holística, que são as manifestações artísticas e culturais dos Açores. Isto é absolutamente compreensível e faz sentido, portanto, pensar holisticamente aquilo que em si próprio também o é, pelas suas interligações, pelas suas harmonizações, completudes, tudo mais. Estamos de acordo. Agora, quando o Sr. Secretário Regional diz que esta proposta do PSD abre um precedente e logo a seguir corrige, “ou melhor, o precedente já tinha sido aberto”, este é que é o problema, Sr. Secretário Regional.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** É que esta proposta teria, terá, para ser justo, para ser correto, para ser equitativo e holístico, tem que ser votada favoravelmente, tal como nós aqui votámos a proposta do CDS relativamente às filarmónicas, porque esse precedente...

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:**... abre todos os outros precedentes e o holístico lá se foi, Sr. Secretário Regional. Estou a fazer-me entender?

Portanto, nós não podemos agora dizer, como aqui tem sido dito por alguns Srs. Deputados, inclusive pelo Sr. Secretário, que esta proposta entra tarde na política holística, mas anteriormente houve uma que saiu fora, e porquê? Por que é que daí vem a exceção? Porque a manifestação das filarmónicas é anterior (eu não vou usar o termo preconceito, como usou o Sr. Deputado Paulo Estêvão, porque nem para aí caminho),...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Caminha, caminha!

**A Oradora:**... mas...

Cada um segue o seu caminho, Sr. Deputado. O senhor segue o seu caminho, eu sigo o meu.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sim, sim, mas por esse caminho chega a Roma!

**A Oradora:** Não vou usar o termo preconceito, de maneira nenhuma, mas eu também gostava de compreender, aceitando que as filarmónicas tiveram (e tiveram) um papel educativo pedagógico e substitutivo daquilo que era a não escola, a não existência de escolas em muitas regiões e em muitas zonas, estamos de acordo, mas o facto de elas remontarem ao século anterior não lhes dá o direito de terem um tratamento diferente, em termos de excecionalidade e apoios, do que os ranchos folclóricos.

Portanto, para terminar, Sr. Secretário, dizer-lhe, estas coisas para serem holísticas e fazerem sentido ou são a sério ou acabam por não fazer sentido nenhum. Eu concordo com a sua visão, agora a sua visão é que não concorda com aquilo que, nesta Assembleia...

O Sr. Secretário não se manifestou contra a aprovação da proposta...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Ora muito bem!

**A Oradora:**... relativamente às filarmónicas, aliás, ninguém o fez nesta casa e o Sr. Secretário também não, mas está a fazê-lo agora em relação aos grupos folclóricos e isso é que é contraditório, isso é incongruente, isso é que é incompreensível, porque ou tinha-se manifestado na anterior votação

relativamente às filarmónicas ou então não o pode fazer agora relativamente aos ranchos folclóricos.

Portanto, a confusão é aquela coisa, Sr. Secretário: o que nasce torto tarde ou nunca se endireita. Começou-se mal e agora vai-se em escadinha, continuamos mal, porque se reprovamos, e evidentemente o sentido de voto do Partido Socialista já foi anunciado, vai ser reprovado, há, de facto, aqui uma desigualdade de tratamento e uma discriminação que é absolutamente incompreensível até pelos agentes, até pelas pessoas que estão implicadas, e não é uma nem duas, são milhares, nos diferentes grupos folclóricos desta região.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Passo agora a palavra à Sra. Deputada Catarina Moniz Furtado.

(\*) **Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu estava atenta a ouvir todo o debate sobre este diploma e não posso deixar de intervir, para já, para dizer que, de facto, se abriu uma exceção às bandas filarmónicas e terá de ser como costuma ser: a exceção que confirma a regra. A regra é estar o resto englobado nas atividades culturais que estão.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** As coisas são o que são em virtude de serem o que são!

**A Oradora:** E, depois, a exceção que se abriu para as filarmónicas tinha razoabilidade. Este projeto de decreto legislativo a mim parece-me muito pouco razoável em alguns dos seus itens.

Quando, por exemplo, se diz que é objetivo deste programa o apoio à aquisição e reparação de viaturas utilizadas única e exclusivamente na persecução da sua atividade cultural, isso parece-me muito pouco sensato, porque o que nós temos estado a fazer ao longo de todo o tempo e os apoios que se dão é para que haja partilha, é para haver sinergias entre os agentes culturais, entre a sociedade. Por que é que se não de apoiar viaturas só de uso exclusivo dos grupos folclóricos? Por que é que se um grupo folclórico tiver uma viatura, não a põe ao serviço da sua comunidade?

*(Apartes inaudíveis de vários deputados da bancada do PSD)*

**A Oradora:** Mas mais, digo mais! Apoio às despesas de deslocação aérea para representação da Região Autónoma dos Açores em eventos etnográficos realizados no território português e na diáspora açoriana. Sem limites, sempre que houver um convite, sempre que acharem necessário? Mas, então? Há os apoios às atividades culturais, o diploma que existe, existe; há o 18/2005, que é no âmbito da promoção da marca Açores e há outros eventuais pontuais.

*(Apartes inaudíveis de vários deputados da bancada do PSD)*

**A Oradora:** Mas mais. O apoio às despesas locais de organização de festival regional, nacional ou internacional. Mas, então, já não há um COFIT? Nós temos um parceiro do COFIT que diz que, no fundo, é extremamente claro, é contra este projeto de decreto legislativo regional por falta de critério do mesmo, porque não se pode, pura e simplesmente, apoiar ou permitir que cada grupo folclórico resolva fazer o seu festival regional, nacional e internacional. Mas mais do que isso, o que me surpreende muito nesta câmara, e é algo reiterado...

Se o Sr. Deputado Aníbal Pires não se importasse, eu estou mesmo a terminar!

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Faça favor, Sra. Deputada!

**A Oradora:** O que é muito comum aqui, nesta câmara, sempre que se fala de cultura, e de algumas bancadas da oposição, é a cultura popular. É a cultura popular! É popular, é a nossa identidade, é assim que nós somos, é assim que nós éramos há 200 anos, é assim que nós devemos continuar a ser.

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** E a senhora é contra isso?

**A Oradora:** Eu não tenho nada contra, acho pouco. Percebe?

*(Apartes inaudíveis de vários deputados da bancada do PSD)*

**A Oradora:** Eu não tenho nada contra, acho pouco. Percebe?

Eu não tenho nada contra, a única coisa que eu acho é que é pouco, é redutor (é redutor!), porque o que eu entendo é que nós devemos basear-nos na nossa identidade cultural popular como uma base de arranque às culturas e às novas movimentações da cultura contemporânea.

Eu não tenho nada contra, mas o património arquitetónico edificado há 200 anos não tem mais nem menos do que o património que se está edificando contemporaneamente. Tem que se preservar uns, os de qualidade, e incentivar os próximos.

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Indo a patrimónios, se formos à Biblioteca Pública de Angra, estamos conversados!

**A Oradora:** O que eu estranho é que os Srs. Deputados nunca falem em escolas de dança, em apoiar artistas plásticos, em apoiar os grupos de teatro, em apoiar, de uma forma diferente, os escritores. Eu não os vejo é falar nas outras expressões culturais, em formas de arte contemporânea. Isso, eu nunca ouço falar. Lamentavelmente, é triste, porque é uma perspetiva cultural redutora.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

A Mesa não tem mais inscrições.

Sr. Deputado Aníbal Pires, tem a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu não posso deixar de vir ao debate novamente, depois desta intervenção da Deputada Catarina Moniz Furtado, porque tentou aqui introduzir algum nevoeiro nesta discussão. O que se trata aqui não é nenhum tipo de confusão entre as manifestações de índole popular, nem valorizá-las, nem desvalorizá-las, estamos a tratar, efetivamente, é de um assunto muito específico:...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Exatamente! Que não invalida o resto!

**O Orador:**... o apoio aos grupos folclóricos. E, portanto, não há nenhum...

A Sra. Deputada Catarina Moniz Furtado fez aqui um exercício, de alguma forma, demagógico,...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:**... ao tentar desvalorizar a iniciativa que estamos a discutir,...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Pode tirar de alguma forma!

**O Orador:**... ao tentar minorizar a iniciativa que estamos a discutir, introduzindo aqui este nevoeiro sobre o que é que é mais importante, o que se quer apoiar ou não se quer apoiar. É evidente que se estamos a tratar de um regime de apoio aos grupos folclóricos, é sobre isso que nós temos de falar.

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Mas não é só isso!

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:** É sobre isso que nós temos de falar. As questões das artes plásticas, da literatura, todas as outras manifestações culturais nas quais a Região Autónoma dos Açores é riquíssima (é riquíssima!)...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:**... devem ser...

Mas estamos a falar agora é do apoio aos grupos folclóricos e...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem, Sr. Deputado!

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** O senhor diz muito bem quando foi o senhor que veio falar em cultura popular!

**O Orador:**... não estamos a falar de outro tipo de manifestações culturais. Aliás, tivemos, há pouco, oportunidade de falar nelas quando discutimos aqui o Conselho Regional de Cultura, a proposta do PCP. Nessa altura, era abrangente e podíamos ter falado de tudo,...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:**... agora não. Agora centra-se, apenas, nesta iniciativa.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem visto!

**O Orador:** E, portanto, eu não poderia vir clarificar, porque as açorianas e açorianos que nos estão a ver têm de perceber que isto foi um exercício de confusão que a Deputada Catarina Moniz Furtado...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** De demagogia mesmo!

**O Orador:**... tentou fazer aqui.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Exatamente!

**O Orador:** Aquilo que estamos a discutir é uma iniciativa, uma proposta de decreto legislativo regional para apoio aos grupos folclóricos, nada mais. É disso que se trata.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem a palavra a Sra. Deputada Renata Correia Botelho.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Srs. Membros do Governo:

Obviamente, todas as manifestações, e é evidente que qualquer pessoa de boa-fé, nesta câmara, percebeu as palavras da Sra. Deputada Catarina Moniz Furtado,...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Não! Exceto na parte que minorizou a cultura popular!

**A Oradora:**... todas as manifestações culturais são fundamentais, não podemos é estar constantemente a defender com grande fervor umas (parece pouco) em detrimento das outras.

No entanto, eu gostaria de recentrar, digamos assim,...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** É melhor, para ver se percebemos!

**A Oradora:**... o debate...

Não! Recentrar o debate, porque também não acho legítimo que daqui, deste debate, saia a impressão de que o PS e o Governo Regional têm alguma coisa, um laivo que seja contra os grupos folclóricos.

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Depois da intervenção da sua colega de bancada, não ficou a menor dúvida!

*(Burburinho geral)*

**A Oradora:** Em absoluto! Aliás, é profundamente injusta essa conclusão, depois de todos sabermos que os grupos folclóricos têm sido alvo dos apoios a que têm todo o direito, e continuarão a ter todo esse direito.

Ora, eu gostaria de tecer aqui, sobretudo, duas ou três considerações.

Primeiro. Todos nós já abrimos, com os benefícios, com as vantagens e com as desvantagens que isso traz, em alguma circunstância da nossa vida, pública ou privada, exceções, e uma exceção, por definição, é exatamente um desvio da regra.

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** O que agora nos interessa é consolidar a regra, e que seja justa para todas as partes, e não multiplicar exceções que esvaziariam essa tão urgente e necessária regra, regra a partir da qual, pelo decreto regulamentar regional, que também esteve em audição pública, se ramificam as realidades inerentes a cada expressão, e ali estão os grupos folclóricos, com todo o direito e com toda a importância que nós lhes conferimos.

**Deputada Benilde Oliveira e Deputado Manuel Pereira (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Gostaria de dizer, não posso deixar de me dirigir ao Sr. Deputado Renato Cordeiro, dizendo-lhe que essa falta de apoio, digamos assim, que poderiam sentir nas candidaturas e que eu compreendo, desaparecerá com a aprovação, no ponto seguinte, que todos desejaremos que aconteça, desaparecerá, porque todo o tempo de candidatura...

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Isto parece o diploma da educação!

**A Oradora:**... vai contar com o apoio dos serviços externos da DRAC, que estarão ali para desburocratizar e facilitar o processo, os procedimentos de candidatura, de modo a que fiquem acessíveis a todo e qualquer agente cultural desta região.

**Deputado Manuel Pereira (PS):** Ainda é melhor!

**Deputado Ricardo Cabral (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Dizer também, pegando um pouco na intervenção do Sr. Deputado Félix Rodrigues, que, com 60 grupos folclóricos,...

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Ativos!

**A Oradora:**... que continuarão, obviamente, a ser apoiados, inevitavelmente, inquestionavelmente, muito dificilmente compreendemos que possa estar em perigo a sua vitalidade. Aliás, se há expressão artística que eu creio que está viva na nossa cultura popular é, como aqui já foi amplamente dito, o folclore.

Finalmente, dizer, e concluirei a minha intervenção neste debate, que grande parte daquilo que está previsto neste projeto de decreto legislativo regional será respondido no diploma seguinte. É uma opção política legítima que esta câmara tem e aqui estaremos, obviamente, para discutir esse diploma e em vez de nos estendermos sempre e infatigavelmente nesta discussão sobre a exceção ou a falta dela.

Muito obrigada.

**Vozes de alguns deputados do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Bom esforço!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

A Mesa não tem mais inscrições.

Vamos, então, passar...

Sr. Deputado José Andrade, tem a palavra.

(\*) **Deputado José Andrade (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Antes de mais, devo registar aqui que só o PS saiu em defesa do seu Secretário da Cultura neste debate sobre folclore.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Que tem sido um folclore!

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** E com pouca convicção!

**O Orador:** É verdade que bastam duas pessoas para dançar o tango, mas são precisas muitas mais para dançar a chamarrita.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** E, portanto, nós temos várias conclusões a retirar aqui.

Depois das intervenções do Partido Socialista e do Governo Regional, impõe-se, simplesmente, perguntar o seguinte: afinal, o que é que o PS e o Governo têm contra os grupos folclóricos dos Açores? Afinal, por que é que para o PS e para o Governo parece que as filarmónicas são filhas e os grupos folclóricos são enteados?

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Essa é que é essa!

**O Orador:** Provavelmente, para encontrarmos esta resposta, é preciso recuar até ao I Governo Socialista dos Açores, em 1996/99, quando o Diretor Regional da Cultura de então fez uma afirmação infeliz, lamentável e absolutamente inadmissível, uma afirmação de que muitos, certamente, se lembram e que os grupos folclóricos, seguramente, não esquecem.

Disse o Sr. Diretor Regional da Cultura do I Governo Socialista dos Açores,...

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Do PS, não?

**O Orador:**... expressamente, o seguinte:...

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Quem era?

**O Orador:** Era o Professor Doutor Luiz Fagundes Duarte.

**Vozes dos deputados da bancada do PSD:** Ah! Ah!

**O Orador:**... “Há grupos folclóricos, nos Açores, que parecem macaquinhos aos pulos em cima de um palco”.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Está explicado!

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Argumentos rasteiros, mas também já nada surpreende vindo desse lado!

**O Orador:** Esta afirmação, vinda do responsável máximo da cultura nos Açores, é a maior falta de respeito que se pode ter pelo esforço e pela dedicação de dezenas, de centenas, de milhares de açorianos que dão de si o melhor, desinteressadamente, com sacrifício pessoal, familiar e profissional para, em nome de todos nós, ajudarem a salvaguardar, a defender, a desenvolver e a preservar uma das nossas mais importantes tradições culturais.

**Deputados Paulo Estêvão (PPM) e Luís Rendeiro (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** A aprovação deste diploma pode ser uma boa oportunidade para o Partido Socialista se redimir do seu passado.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Se ele for reprovado, fica provado que o PS, hoje, como ontem, continua, infelizmente, a desrespeitar o folclore dos Açores.

**Vozes de alguns deputados do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos das bancadas do PSD e do PPM)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Passo agora a palavra ao Sr. Secretário Regional.

(\*) **Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura** (*Luiz Fagundes Duarte*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu não sei se o Governo tem, em termos regimentais, competência para pedir à Sra. Presidente que solicite ao Sr. Deputado José Andrade, de quem eu não esperava este comportamento que teve agora, que entregue, nesta casa, uma fotocópia integral do jornal onde foi publicada a entrevista que utilizou essa palavra, mas não essa frase, e que entregue aqui.

**Deputado José Andrade (PSD):** O senhor disse!

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** O seu passado persegue-o, Sr. Secretário!

**O Orador:** Em primeiro lugar, peço à Sra. Presidente, porque aqui trata-se de um ataque pessoal,...

**Deputado Ricardo Cabral (PS):** Muito bem!

**Deputado Domingos Cunha (PS):** Foi baixinho!

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** São todos iguais!

**O Orador:**... que eu não estava à espera, e que...

(*Burburinho da câmara*)

**O Orador:** Sras. e Srs. Deputados, eu assumo...

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Onde é que a gente já ouviu isto?

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados!

**O Orador:** Sras. e Srs. Deputados, eu assumo os meus comportamentos, sejam eles certos ou errados. São meus. Ninguém, aqui, tem o direito, e não esperava isso do Sr. Deputado José Andrade, que é uma pessoa que merece consideração, que utilizasse um golpe tão baixo, sem saber em que contexto e a frase exata em que foi dita essa palavra que disse e não a expressão em que está. Eu não esperava isso! Um homem que publica livros sobre um conjunto de coisas. Agora, eu, enquanto investigador, na minha atividade profissional, poderei por

em dúvida as afirmações que faz, que escreve nos seus livros, que são, naturalmente, falhas de investigação e de informação de fontes.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Isso é que é um ataque pessoal!

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Ao contrário não era?

**O Orador:** Portanto, Sr. Deputado, não esperava isso de si.

Sra. Presidente, peço que me seja entregue e apresentado a esta casa o documento integral em que são ditas essas frases, que foram atribuídas por um jornalista e que digam exatamente e que possa provar que eu pronunciei essa frase, para já.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Não está a correr muito bem!

**O Orador:** Mas, tirando isso, tirando esse ato de deslealdade baixa com que V. Ex.<sup>a</sup> agora me surpreendeu, eu gostaria de dizer que nada disso,...

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Isso foi uma descida subterrânea!

**O Orador:**... e se o senhor utiliza esse tipo de argumento para desfazer aquilo que eu disse aqui, para desvirtuar aquilo que eu disse aqui, ainda é pior, porque a deslealdade torna-se em, enfim, eu ia dizer...

**Deputado Ricardo Cabral (PS):** Muito bem!

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** E diga!

**O Orador:**... desonestidade intelectual.

O que está em causa aqui, aquilo que eu disse relativamente aos grupos folclóricos, se alguém entendeu que eu tinha algum preconceito contra os grupos folclóricos, é porque não ouviu aquilo que eu disse aqui. E eu vou pedir a transcrição integral desde debate e das minhas palavras e depois o Sr. Deputado vai provar, dizendo aqui, perante as palavras que eu disse, quais foram as frases que eu pronunciei...

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Não está a correr muito bem! Disse ou não disse? Foi uma infelicidade! Mudou de opinião!

**O Orador:**... que pusessem em causa a dignidade, a integridade e o valor e interesse cultural dos grupos folclóricos.

Sr. Deputado, ataque politicamente, não tenho problema nenhum disso, agora, que utilize mentira, que utilize esse golpe baixo do ataque pessoal, não lhe

perdo e nunca aceitarei da sua parte qualquer afirmação que possa parecer de confiança, porque, de certeza, nunca o será.

*(Aplausos dos deputados do PS e dos membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Secretário.

Vou dar agora a palavra ao Sr. Deputado José Andrade.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Para pedir desculpa!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Desculpa de quê?

(\*) **Deputado José Andrade (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Peça desculpa!

**O Orador:** Sr. Secretário Regional, naturalmente que o PSD vai entregar, tão depressa quando possível, na Mesa do Parlamento, a transcrição da declaração que o senhor, então, fez.

Agora, há uma coisa que eu faço questão de deixar clara aqui: nós não fizemos um ataque pessoal ao Professor Fagundes Duarte,...

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Ah, não? O senhor até disse Professor Fagundes Duarte. Não é verdade?

*(Burburinho geral)*

**O Orador:**... nós fizemos um ataque político ao Diretor Regional da Cultura, que não devia ter dito o que disse. Um ataque político não é um ataque pessoal.

*(Aplausos dos deputados do PSD e do PPM)*

São duas situações muito diferentes.

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** O Sr. Deputado Jorge Macedo perguntou quem era e o senhor disse: o Professor Fagundes Duarte. É um ataque pessoal!

**O Orador:** E outra coisa, Sr. Secretário Regional da Cultura, eu não tenho a culpa, nós não temos a culpa que o senhor, num momento de infelicidade, enquanto Diretor Regional da Cultura, tenha associado a palavra “macaquinhos”,...

**Deputado Lúcio Rodrigues (PS):** E o senhor insiste! Peça desculpa!

**O Orador:**... como agora reconheceu, a uma referência alargada aos grupos folclóricos dos Açores. Esse mérito é inteiramente seu.

**Vozes dos deputados do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos deputados do PSD)*

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** O senhor vai ter que explicar o que é um ataque pessoal!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sras. e Srs. Deputados, a Mesa não tem mais inscrições, pelo que vamos proceder à votação.

*(Pausa)*

Sras. e Srs. Deputados, vamos proceder à votação.

*(Pausa)*

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

**Secretária:** O projeto de DLR foi rejeitado com 28 votos contra do PS; 17 a favor do PSD; 3 do CDS-PP; 1 do BE; 1 do PCP; 1 do PPM.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Vamos fazer um intervalo. Regressamos às 18 horas e 15 minutos.

*Eram 17 horas e 51 minutos.*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, muito boa tarde a todos. Vamos recomeçar os nossos trabalhos.

*Eram 18 horas e 24 minutos.*

*(Pausa)*

Entramos agora no ponto 9 da nossa Agenda: **Proposta de Decreto Legislativo Regional n.º 26/X – “Primeira alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 29/2006/A, de 8 de agosto, que estabelece o regime jurídico de apoios a atividades culturais”**.

Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura para a apresentação do diploma.

**Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura** (*Luiz Fagundes Duarte*): Sra. Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, minhas Senhoras e meus Senhores:

O Decreto Legislativo Regional n.º 29/2006/A, de 8 de agosto, estabeleceu o regime jurídico de apoios a atividades culturais, que veio dar consistência a um conjunto de instrumentos legislativos e de atos de governação para o setor que já se encontravam no terreno e que, embora pretendessem, e já o fossem conseguindo, introduzir justiça e, sobretudo, evitar a discricionariedade na atribuição dos apoios aos agentes culturais, funcionavam isoladamente.

Passados mais de sete anos sobre a entrada em vigor deste diploma, que tem produzido bons resultados – entre os quais convém relevar a introdução, e a sua aceitação por parte dos agentes culturais, do princípio da igualdade de oportunidades no acesso aos apoios públicos, e a responsabilização dos agentes pelo cumprimento dos compromissos assumidos – está na hora de se proceder a uma revisão do diploma e à introdução de alguns melhoramentos no seu texto,

mas sobretudo à introdução de algumas alterações na sua arquitetura interna, com o objetivo – estratégico e estrutural – de tornar este decreto um diploma sistémico e dotado de uma visão holística da matéria a que se refere.

É frequente afirmar-se – com razão e com corpo – que os Açores são um terreno fértil em instituições e em atividades culturais de iniciativa popular, com particular relevância para as atividades de caráter coletivo, que se foram desenvolvendo ao longo dos tempos, conciliando a nossa diversidade geográfica, ela própria geradora de diversidade cultural identitária, com a unidade que nos permite a geografia que, embora nos separe enquanto ilhas, nos une enquanto arquipélago: nenhuma das nossas ilhas pode ser completa fora da relação com todas as outras.

Basta ver, por exemplo, como a *chamarrita*, que é, em si, identitária do arquipélago, o é também, nas suas variantes, de cada uma das ilhas, sendo por isso possível identificar-se tantas versões quantas são as nossas ilhas – mas nunca deixando de ser tal variedade aquilo que, no corpo e na alma, de facto é: a *chamarrita*.

Ora, é fundamental que, nas nossas ilhas, todos os agentes culturais – sejam eles de matriz popular, tenham eles um formato erudito – sejam tratados na base do direito à igualdade de oportunidades no acesso aos apoios públicos, mas também na base do dever da prestação de contas que, no entender do Governo, vai muito para além da simples prestação de prova de despesa.

O Governo, no cumprimento do seu programa e do mandato popular que lhe foi conferido, entende que o apoio público às atividades culturais e aos seus agentes deve ser entendido como um investimento na criatividade e na qualidade dos seus projetos, premiando o esforço, reforçando a capacidade de iniciativa e valorizando o intercâmbio entre os agentes, trabalhem eles nas mesmas áreas ou em áreas diferentes, mas de cuja interação possa resultar uma mais-valia para a Região – e a Região somos todos nós.

Por isso, e tal como é considerado no preâmbulo da proposta de alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 29/2006/A que o Governo traz a esta Assembleia, é nossa preocupação criar condições para que os processos de

candidatura a apoios decorram com a maior celeridade e para que a tomada de decisão seja transparente e valorize a qualidade, distinguindo os agentes de acordo com as suas capacidades, tendo em conta os respetivos contextos, e com a relevância dos seus projetos – e aqui devo salientar a importância da introdução do conceito de “projeto cultural”, a que subjazem o princípio da continuidade e a necessidade de planeamento prévio, em substituição do tradicional “ações e eventos culturais”, que aponta para o ato único, isolado e não sistémico.

Sendo sistémica, esta proposta de alteração legislativa procura definir um regime jurídico que seja comum a todos os agentes e projetos culturais – abrangendo o audiovisual e multimédia, as artes performativas, as artes visuais, o património cultural, a realização de eventos destinados à formação de técnicos e artistas e à discussão de assuntos pertinentes para o setor, e programas interdisciplinares, e ainda a edição de obras – e ao mesmo tempo considere e distinga as suas especificidades próprias.

Os apoios serão sempre concedidos na base da comparticipação, incentivando-se os agentes culturais a procurarem, na medida das suas possibilidades, outras fontes de financiamento, e considerarão prioritariamente a firmação de contratos e de protocolos que definam as obrigações de ambas as partes.

Recentemente, foi entendimento desta Assembleia dar um tratamento diferenciado às filarmónicas, dada a especificidade histórica – secular – e cultural destas associações de cariz popular, que vai muito para além da atividade musical, e que ficou devidamente definido no Decreto Legislativo Regional n.º 3/2014/A, de 14 de fevereiro, que criou o Programa Regional de Apoio às Sociedades Recreativas e Filarmónicas da Região Autónoma dos Açores.

Devo, no entanto, recordar às senhoras e senhores deputados que o texto deste último diploma foi harmonizado com o da presente proposta de alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 29/2006/A, de 8 de agosto, que à data já se encontrava em discussão pública e era, por isso, do conhecimento público.

Logo que esta proposta de alteração seja aprovada e o diploma entre em vigor com a sua nova forma, o Governo procederá, como lhe compete, à sua regulamentação, definindo os critérios que presidirão ao processo de candidatura, de avaliação dos projetos por júris independentes e da tomada de decisão, e será aplicado, igualmente, ao Decreto Legislativo Regional n.º3/2014/A, ou seja, aquele das filarmónicas acima referido.

Estou convencido de que esta proposta do Governo merecerá a aprovação da Assembleia e que o diploma dela resultante entrará em vigor em tempo útil para que o Governo possa cumprir as suas obrigações para com os nossos agentes culturais.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Estão abertas as inscrições.

*(Pausa)*

Sra. Deputada Renata Correia Botelho, tem a palavra.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Srs. Membros do Governo:

Posso ser eu a iniciar, com muito gosto, este debate dizendo que este diploma, que todos desejamos seja agora aprovado por esta câmara e que será, seguramente, estruturante para a cultura nos Açores, visa, tendo por base o atual Decreto Legislativo Regional 29/2006/A, que muito contribuiu para o impulso da cultura na região (não nos esqueçamos), grosso modo, a agilização de procedimentos, uma tramitação mais eficaz, uma maior clarificação do âmbito em que os apoios serão concedidos, uma melhoria na calendarização das candidaturas e no processo de apreciação das mesmas, bem como um maior acompanhamento em todo o processo e um maior rigor na sua avaliação.

A aprovação deste diploma é urgente e constituirá uma imensa mais-valia para os agentes culturais dos Açores. Este parece-nos um dado irrefutável e é a prova do empenho do Governo Regional em matéria de cultura (e aqui impõe-se

referir, sem hesitar - não temos como contornar este dado -, que este Governo Regional investe cerca de 1,6% do Orçamento em cultura contra uma absoluta e indesculpável razia nacional que não chega aos 0,2%, a léguas do 1% considerado internacionalmente como o patamar de investimento mínimo).

Há que dizer, igualmente, que poucos terão sido os diplomas com tão amplo debate público, para além da consulta pública a que esteve sujeito, como já aqui foi referido, em conjunto com o decreto regulamentar regional que o operacionaliza, com o Diretor Regional da Cultura a andar por quase todas as ilhas do arquipélago (e aquelas, muito poucas, a que ainda não conseguiu chegar, irá, sabemos, a brevíssimo trecho) a apresentá-lo e a discuti-lo em sessões públicas com os agentes culturais. E, quer eu, quer pelo menos, segundo me lembro, o Sr. Deputado José Andrade, tivemos a oportunidade de assistir a uma dessas sessões, em Ponta Delgada, numa sala cheia de gente da cultura envolvida na discussão, participativa e reivindicativa.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** E única!

**A Oradora:** Apesar de não me querer alongar muito nesta primeira intervenção, não gostaria também de deixar passar que, embora remeta já para a especialidade, os pareceres rececionados pela Comissão dos Assuntos Sociais são, na sua esmagadora maioria, favoráveis, vindos dos mais variados quadrantes. As ressalvas feitas por pareceres menos entusiasmados encontram acolhimento no Partido Socialista, que apresentará (aliás, já disporão, nas vossas secretárias, destas propostas) algumas propostas de alteração que vão, exatamente, ao encontro dessas, chamemos-lhe, chamadas de atenção.

Portanto, o Partido Socialista tem todo o gosto em dar o seu voto favorável a esta proposta de DLR; fá-lo com verdadeira alegria, porque será, com certeza, um instrumento importantíssimo para todo e qualquer agente cultural da nossa região.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Passo agora a palavra à Sra. Deputada Ana Espínola.

**Deputada Ana Espínola (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente e Membros do Governo:

Sra. Presidente, esta alteração a um diploma já existente no nosso quadro legal pretende abranger todas as actividades culturais e fomentar a independência de subsídios, promovendo a qualidade do que é culturalmente produzido nos Açores e, sobretudo, pretende “que a atribuição de apoios seja feita de uma forma equilibrada e justa”.

Ao CDS-PP sobram-nos algumas dúvidas, nomeadamente, em duas questões:

1. Quando faz referência a “interesse relevante”... Importa esclarecer, uma vez que não encontramos no diploma quais os critérios que serão utilizados para quantificar a relevância do interesse, pois este termo é bastante subjectivo, até porque quem define a relevância dos projetos candidatos aos apoios, será a comissão de apreciação... Portanto, a bem da transparência que se deseja é bom que os critérios sejam uniformes e do conhecimento de todos.

2. Outro aspecto que nos levanta algumas dúvidas é a definição dos destinatários do apoio, a indicação das prioridades estratégicas e da temática e dos factores de majoração que não são definidos nesta proposta de decreto legislativo e que serão definidos anualmente, podendo eventualmente deixar à parte projetos que sem apoios provavelmente não serão realizados.

Ou seja, dito de uma forma muito sucinta, o que eu percebi deste diploma, destas alterações é que o Governo Regional cria o seu Conselho de Cultura, que define as linhas orientadoras da cultura nos Açores; depois submete quem quiser candidatar-se aos apoios a actividades culturais a seguir as temáticas impostas, mas deixa à subjectividade de quem avalia estes projetos inferir a sua relevante importância cultural.

Relativamente às propostas de alteração do Partido Socialista, o último ponto, que faz o aditamento a que seja um relatório final, penso que vem implementar muita burocracia a este diploma, uma vez que começam a ser relatórios de relatórios a um relatório.

Portanto, para um diploma que se pretendia que tivesse mais celeridade e que fosse mais claro, acho que desta forma não conseguimos chegar lá.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Continuam abertas as inscrições.

*(Pausa)*

Não havendo, vamos, então...

Sr. Deputado José Andrade, tem a palavra.

(\*) **Deputado José Andrade (PSD)**: Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Quando o Governo Regional anunciou esta primeira grande alteração ao regime jurídico de apoio às atividades culturais nos Açores, oito anos depois da sua publicação, em 2006, esperava-se que essa alteração fosse feita com a devida antecedência e fosse feita para melhorar o que existe e, afinal, nem uma coisa nem outra.

Vejamos, primeiro, a precipitação do processo.

O Governo pretendia que a nova legislação produzisse efeitos já para as candidaturas relativas ao ano económico de 2014. Presume-se, portanto, que devia entrar em vigor no final do ano passado ou, o mais tardar, no início deste ano.

Apesar disso, o Governo só colocou a sua proposta à discussão pública no dia 20 de dezembro de 2013 e só promoveu encontros de esclarecimento com os agentes culturais no final de janeiro de 2014. Uma iniciativa louvável, mas extemporânea. Dá a ideia de que as coisas não são planeadas com a devida antecedência. É como, por exemplo, editar uma agenda em abril.

Além disso, a proposta final só foi aprovada em Conselho de Governo a 10 de fevereiro e só deu entrada no Parlamento a 18 de fevereiro. Cumpriu as habituais diligências parlamentares no mês de março e já se encontra presente ao Plenário de abril.

Mas o que fez o Governo, entretanto, com os pedidos de apoio que ficaram pendentes? Primeiro, tentou suspender a lei, como se isso fosse possível; depois, deu o dito pelo não dito, como se isso fosse normal.

Veja-se o teor de um ofício da Direção Regional da Cultura, enviado em fevereiro de 2014, como pretensa resposta a um pedido de apoio, e passo a citar: “Na sequência do envio da candidatura com o pedido de apoio solicitado por V. Ex.<sup>a</sup>, informo que a Direção Regional da Cultura concede apoios de acordo com a legislação que regulamenta o apoio a atividades culturais e que se encontra em processo de alteração. Mais se informa que é expetável que a legislação possa estar aprovada no final do primeiro trimestre. Logo que seja publicada, comunicaremos qual o prazo de apresentação das candidaturas. Com os melhores cumprimentos”, assina a Sra. Diretora de Serviços Externos e Ação Cultural em regime de substituição com delegação de competências na ausência do Diretor Regional.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Grande nome!

**O Orador:** Ora, estamos aqui perante uma atitude institucionalmente desonesta e politicamente ilegal.

O regime jurídico de apoio a atividades culturais, instituído pelo Decreto Legislativo Regional nº. 29/2006/A, de 8 de agosto, não estava suspenso, continua em vigor até que seja expressamente revogado por legislação subsequente. Portanto, o Governo não podia recusar, nem sequer atrasar candidaturas com a desculpa de uma futura legislação, quando está obrigado a cumprir a legislação em vigor.

Também não fica bem ao Governo dizer uma coisa hoje e amanhã o seu contrário. Depois de três meses de candidaturas legalmente recusadas ou pendentes, o Governo ainda tentou emendar a mão, embora também aqui de forma atrasada e atrapalhada.

**Deputado Luís Garcia (PSD):** O que é que se passa com este Governo? É asneira atrás de asneira!

**O Orador:** No dia 24 de março, o Gabinete de Imprensa do Governo Regional anuncia que as candidaturas aos apoios culturais para 2014, afinal, podem ser apresentadas ao abrigo da legislação em vigor, mas só durante o prazo de uma semana, até 31 de março, que já passou.

Em suma. Primeiro, o Governo atrasa-se no processo de alteração legislativa; depois, tenta que um ofício de uma diretora de serviços possa suspender a legislação aprovada pelo Parlamento dos Açores; e, por fim, diz que os apoios congelados há três meses, afinal, ainda estão em vigor, mas que só se aceitam candidaturas durante os próximos quatro dias.

Convenhamos que todo este processo é, no mínimo, uma inadmissível falta de respeito pelos agentes culturais nos Açores.

Se as trapalhadas processuais desta alteração legislativa fossem o preço a pagar por uma futura lei melhor que a atual, apesar de tudo, teria valido a pena,...

**Deputado André Bradford (PS):** E sobre o diploma, tem alguma coisa a dizer?

**O Orador:** ... infelizmente, nem sequer isso acontece.

Vejam, então, agora e finalmente, a penalização do conteúdo proposto, e aqui, mais do que a nossa opinião partidária, importa considerar o parecer insuspeito do Núcleo Cultural da Horta, assinado pelo seu presidente, Guilherme Marinho Pinto de Sousa, desde logo, com duas importantes questões prévias.

A primeira questão é uma espécie de concorrência desleal entre públicos e privados. Pretenderá a Direção Regional da Cultura continuar a assumir-se como promotora de eventos culturais, esvaziando, assim, frequentes vezes, a iniciativa própria de tantas outras instituições?

A segunda questão é tratar de modo igual situações que são diferentes. Esta proposta coloca em pé de igualdade para acesso aos apoios instituições com mais de meio século de serviço permanente à cultura açoriana, como sejam, por exemplo, os institutos culturais, e outras de existência praticamente circunstancial que se esgotam na realização de um ou outro evento.

Mas os dois grandes problemas do diploma proposto são a subjetividade da avaliação e o dirigismo da orientação. E convenhamos que as propostas de alteração que o PS agora apresentou não minimizam, não só não minimizam, não resolvem o problema de fundo, que passo a demonstrar.

No caso da avaliação das candidaturas, introduz-se como critério de seriação o interesse relevante e a qualidade das obras. Por um lado, o conceito de

relevância cultural é altamente subjetivo, pois aquilo que é pouco relevante numa das principais cidades açorianas poderá ser muito relevante numa das mais pequenas vilas dos Açores. Por outro lado, reserva-se a conceção de bolsas de estudo de formação e de criação para indivíduos que produzam obras de qualidade, mas não se percebe quem, como e porquê determina o que tem ou não tem essa suposta qualidade. Já para não falar na avaliação qualitativa do impacto no público, que consta como critério obrigatório, sem que se perceba se o impacto no público deva ser medido pelo número de palmas numa conferência, como refere o parecer da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, como também não se percebe a introdução de um novo fator de majoração na análise dos projetos, que parece medir a relação entre o investimento realizado e o número de pessoas abrangidas, quando se sabe que não costuma ser critério da própria Direção Regional da Cultura a contabilização do público que assiste aos eventos que ela promove.

Guardo para o fim o que me parece mais grave.

No caso da apresentação dos pedidos, o diploma proposto não resiste à tentação de uma visão controladora da produção cultural. Em vez de promover a livre iniciativa de propositura na área da cultura, valorizando a liberdade criativa como principal capacidade dos agentes culturais, o Governo Regional, por um ato da sua única e exclusiva vontade, determina, à partida, a quem se destinam os apoios do ano e, pior ainda, fixa a sua temática anual.

Como refere o parecer do Núcleo Cultural da Horta, quem não estiver alinhado com esta orientação, por mais relevante atividade cultural que desenvolva e por maior qualidade que possa ter, fica, à partida, afastado ou, pelo menos, prejudicado no acesso aos apoios oficiais.

E como questiona também o parecer do Instituto Açoriano de Cultura, o despacho do Governo Regional, em cada mês de janeiro, a determinar a temática do ano, poderá ser interpretado pelos agentes culturais como dirigismo cultural.

Em coerência com o objeto destas críticas, fazemos nossas as palavras dos agentes culturais. Mais do que o Governo e mais do que os partidos, são os agentes culturais que sabem o que é melhor para a cultura.

Por isso, considerando e subscrevendo estes e outros pareceres recebidos, o PSD não pode votar favoravelmente esta alteração ao regime jurídico de apoios culturais.

Disse.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**Deputado Berto Messias (PS):** E as propostas de alteração do PSD?!

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Não é possível alterar, é muito mau!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

A Mesa não tem mais inscrições.

Sr. Secretário Regional, tem a palavra.

(\*) **Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura (Luiz Fagundes Duarte):** Muito obrigado, Sra. Presidente. Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu gostaria de responder diretamente a algumas questões que foram aqui levantadas e começaria pelas perguntas que me foram colocadas pela Sra. Deputada Ana Espínola. Houve uma que eu, por razões acústicas, não consegui perceber bem, mas que, segundo entendi, tem a ver, sobretudo, com a questão do interesse relevante.

Nós estamos a falar de cultura, de atividades culturais e que não se avaliam por testes de cozinha, por medição de laboratório. É evidente que em qualquer área, em qualquer situação de avaliação, ou melhor, para se dar algum apoio, se valorizar de alguma maneira tem que ser feita uma avaliação. Essa avaliação, como sabem todos aqueles que são professores (e são muitos aqui presentes), tem sempre uma carga grande de subjetividade. Se algumas das Sras. e Srs. Deputados me conseguirem explicar como é que se faz uma distinção entre uma filarmónica que toca bem e uma filarmónica que toca, um grupo de violas que toca “assim-assim” ou melhor, isso aí, naturalmente, vamos ter que recorrer à avaliação, que será sempre subjetiva, mas, naturalmente, por pessoas da área e

que poderão ajuizar. Ou seja, os júris de avaliação são sempre constituídos, sempre que possível, por pares do objeto, da candidatura ou dos proponentes, do agente que é proponente da candidatura. Se houver uma proposta que defina, com maior rigor, o que é a qualidade, muito bem. Agora, também suponho que não pode ser função do Governo Regional não se preocupar com a qualidade, com progresso. De resto, foi por isso que, desde há uns anos a esta parte, se tem vindo a investir bastante na formação, a nível das escolas de música, nas filarmónicas, nas escolas de violas, nos grupos folclóricos, também em formação nos grupos de teatro, etc.

É evidente que o agente cultural depois produz a sua obra e ele depois tem o grande juízo avaliador, que é o juízo do povo, do público. Perguntar-me-ão: mas é pelo número de palmas? É evidente que não é pelo número de palmas, não é por aí. Também nunca ninguém diria isso e não creio que ninguém no seu perfeito juízo fosse fazer uma avaliação pela quantidade de palmas.

É evidente que estamos a falar de coisas sérias. Os júris, que serão constituídos e que funcionarão de uma forma independente, darão a sua opinião, como qualquer professor, perante uma turma de alunos, faz a sua avaliação e que, muitas vezes, não agrada a todos. É essa uma das contingências da avaliação, seja ela de que tipo for.

Agora, eu não sei se alguém põe em dúvida que se deve fazer uma distinção entre aqueles agentes culturais que produzem obras de qualidade, que se esforçam para melhorar e, portanto, incentivar o esforço para a melhoria da qualidade. Suponho que essa é uma função do Governo e que ninguém poderá estar contra isso.

Quanto à avaliação, a avaliação é feita pelos júris e depois há um grande juízo que é, de facto, o público.

O Sr. Deputado José Andrade levantou aqui um conjunto de questões, que eu agradeço, mas gostaria de lhe contrapor uma pergunta. O Sr. Deputado começou e acabou por salientar os aspetos negativos desta proposta do Governo e até disse que ela é má. Mas, como vimos no ponto anterior da Agenda, o Sr. Deputado, na sua proposta, copiou tudo...

**Deputado José Andrade (PSD):** Só a parte processual!

**O Orador:** ... o que vinha na proposta. O Sr. Deputado já reconheceu que isso tinha acontecido.

Portanto, Sr. Deputado, se acha que é mau, que isto é mau, ainda é pior, porque foi copiar e introduzir e assumir...

**Deputado José Andrade (PSD):** Isso não é verdade!

**O Orador:** ... como se fosse uma coisa que não é. Mas tudo se resolve deixando passar.

Sr. Deputado, salientou alguns aspetos, e eu reconheço, enquanto titular da área da cultura, que houve aqui alguma perturbação neste processo legislativo. Porquê? Como sabe, a proposta do Governo estava pronta por meados de dezembro de 2013 e pouco depois foi colocada em discussão pública. Entretanto, houve a decisão de retirar, desta Assembleia, a parte que dizia respeito às filarmónicas para constituir um novo decreto. Como deve calcular e como eu sempre tenho salientado isso, este diploma, na sua origem, tinha uma arquitetura sistémica, e, como o Sr. Deputado sabe, quando temos uma estrutura sistémica, se lhe tiramos uma parte, destabiliza tudo. Portanto, foi necessário reformular o diploma para que ele funcionasse bem sem aquela parte que, entretanto, tinha sido separada para o novo diploma para apoio às filarmónicas. Deve reconhecer, e sejamos honestos na matéria, que isso obrigou a uma revisão de tudo, a uma reestruturação, uma reorganização da arquitetura do documento. Naturalmente, tivemos esse impedimento ou esse prejuízo que foi haver um atraso.

Depois, fomos confrontados, e o Sr. Deputado levantou a questão, com uma situação que era: por um lado, tínhamos uma legislação pronta, e o regulamentar também está pronto, obviamente só será aprovado e publicado depois do diploma (como espero) ser aprovado. Estávamos, e estamos, convencidos que este novo decreto, esta alteração ao decreto dos apoios é melhor do que a anterior, senão não teríamos feito, e que era mais vantajoso para os agentes culturais. E foi por isso que propusemos, por carta (portanto, não tem, obviamente, valor legal, foi um ato administrativo), que esses projetos

fossem já tratados ao abrigo de uma legislação que nós sabíamos que era melhor do que a atualmente existente e que iria a favor dos agentes culturais. Com a demora que houve, só agora foi possível que este diploma fosse discutido na Assembleia. Isso foi comunicado aos agentes e chegou-se à conclusão de que já havia um atraso demasiado evidente para dar as respostas às candidaturas que tinham sido apresentadas.

Quando foi feita essa nota, todos os agentes culturais que tinham apresentado candidatura foram contactados a dizer que, dado esta situação (e eu assumo, não tenho qualquer...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Assume tudo! Mas o Zé Povinho é que paga!

**O Orador:** ... problema nenhum em assumi-lo)...

Não, Sr. Deputado. Nenhum...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Qual é a consequência daí?

**O Orador:**... agente cultural ficou prejudicado com isso. Aliás, devo dizer uma coisa. Desde esse anúncio, e quando foi marcado o novo prazo para entrada, apareceram muito mais candidaturas, apareceram novas candidaturas.

E devo ainda referir que, este ano, este processo de candidaturas, que terminou agora, bateu o máximo histórico de número de candidaturas, ou seja, nunca na história da autonomia dos Açores houve tantas candidaturas a apoios culturais. Portanto, os agentes sabem muito bem aproveitar as oportunidades e essa oportunidade existiu.

Sr. Deputado, eu já assumi. De facto, houve esta perturbação, mas também devo salientar que houve aqui uma interferência que não estava prevista no projeto inicial e que, naturalmente, atrasou o processo.

O Sr. Deputado José Andrade também referiu que este projeto, o texto desta proposta, não fazia a distinção entre, por exemplo, o Instituto Cultural de Ponta Delgada, o Instituto Cultural da ilha Terceira com uma outra associação ou entidade qualquer mais recente. Isso não é verdade. O regulamento, que será oportunamente aprovado e posto em discussão pública, prevê que um dos elementos para a avaliação dos projetos seja exatamente o historial da

associação, nesse caso, o currículo, seja do cidadão isoladamente, seja de uma associação, de um conjunto. Ou seja, o facto de uma instituição existir há 100 anos ou há 50 ou há 40 distingue-a, por natureza, de uma que acabou de ser criada, porque entendemos que... E, sobretudo, também o historial é avaliado na perspetiva da produção, porque, como o Sr. Deputado sabe, nós temos, atualmente, em atividade, 106 filarmónicas na região, mas nem todas produzem exatamente o mesmo trabalho. Há umas que dão muitos concertos, há outras que dão poucos concertos. Isso também é valorizado, porque todas as filarmónicas têm a sua oportunidade, na sua freguesia, nas freguesias limítrofes, de darem os seus concertos. Há umas que trabalham, produzem, que gravam discos, que dão concertos. Isso deve ser um fator de avaliação positivo de majoração para a candidatura.

Qual é o objetivo? Não é castigar uns; o objetivo é incentivar aqueles que têm produzido menos para produzirem mais para poderem ter acesso aos apoios.

De resto, tudo isso tem sido discutido. O Diretor Regional tem andado a circular por todas as ilhas, tem feito reuniões com os agentes culturais e, normalmente, as pessoas valorizam isso. E, mesmo a mim, quando circulo pelas ilhas, algumas pessoas vêm ter comigo e vêm valorizar, sobretudo, este princípio da distinção positiva dos agentes culturais, ou seja, valorizar aqueles que trabalham, aqueles que se promovem, aqueles que têm escola de música, aqueles que interagem com outros agentes da ilha ou de outras ilhas ou até mesmo de fora da região. Tudo isso são fatores de majoração. Mas também o são a qualidade artística da execução, mas também a qualidade dos reportórios. Estamos a falar das filarmónicas, mas podíamos falar dos grupos folclóricos, dos grupos de teatro, enfim, de todos aqueles que, de alguma maneira, produzem cultura na região.

O Sr. Deputado salientou, e também pegando um pouco naquilo que já tinha sido posto em causa pela Sra. Deputada Ana Espínola, como é que se avalia o interesse relevante. Eu repito (de certa maneira, não vou repetir), poderia repetir aquilo que disse há pouco à Sra. Deputada Ana Espínola: há fatores subjetivos, há fatores mais ou menos objetivos. Se eu tenho uma filarmónica, por exemplo,

que continua a usar o mesmo repertório de há 30 ou 40 anos, os mesmos *pasos dobles*, as mesmas marchas, as mesmas peças musicais e há outras que, entretanto, vão melhorando, vão renovando o seu repertório, isso aí é, em si, já fator de qualidade. Porquê? Porque obrigou-as a estudar novas peças, a utilizar novas técnicas de interpretação musical que antes não usavam.

Enfim, todos esses aspetos serão, oportunamente, objeto do decreto regulamentar, que, naturalmente, será posto à disposição das pessoas para darem o seu contributo.

No essencial, eu suponho que respondi.

O Sr. Deputado já anunciou o voto contra do PSD para este projeto. De facto, há aqui uma contradição. Quando acabou de apresentar, e, de resto, com o voto favorável de todos os partidos da oposição, um texto que foi retirado deste,...

**Deputado José Andrade (PSD):** A parte meramente processual!

**O Orador:** ... das duas uma, é como a raposa e as uvas, Sr. Deputado.

**Deputado José Andrade (PSD):** Uma coisa não tem nada a ver com a outra!

**O Orador:** Como não conseguiu que esta Assembleia aprovasse uma coisa que nos roubou, roubou à proposta do Governo, então, agora, faz a vingança...

**Deputado José Andrade (PSD):** Sr. Secretário, uma coisa não tem nada a ver com a outra!

**O Orador:** ... e vai dizer: “Não, as uvas não me apetezem porque são verdes”. Mas, Sr. Deputado, ponha a mão na consciência e compare o texto que apresentou, aliás, reconheceu na comissão que, de facto, apenas tinha uma ligeira alteração que eu até, na altura, propus porque é que não apresentava uma proposta de alteração.

**Deputado José Andrade (PSD):** Uma coisa não tem nada a ver com a outra!

**O Orador:** Tem sim, senhor, como sabe, tem a ver.

Mas, Sr. Deputado, lamento muito, estas uvas maduras continuam a ser verdes para si.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

A Mesa não tem mais inscrições.

Sr. Deputado Félix Rodrigues, tem a palavra.

(\*) **Deputado Félix Rodrigues (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura, na proposta que faz, de facto, sobrecarrega a forma da avaliação e não nos consegue explicar cabalmente como é que avalia a relevância dos projetos e acho que é pertinente percebermos isso, porque é isso que traz clareza à avaliação e às candidaturas. O que quer dizer que se as candidaturas são avaliadas por peritos, entende que serão peritos na área e que farão um juízo de valor e temos muitas áreas a serem candidatas, a não ser que só haja um apoio específico, e isso também não foi esclarecido pelo Sr. Secretário, com o tal tema anual em que num ano só apoiamos, por exemplo, o cinema e a imagem. E aí, sim, teríamos uma avaliação da relevância para o cinema e imagem com um conjunto de peritos a intervir.

Por outro lado, é extremamente difícil de perceber como é que na prática é possível termos a avaliação do público através de júris. Implica que todas as candidaturas terão de ser avaliadas, o que implica que também haverá aqui um gasto demasiado no que respeita à avaliação e à reavaliação das várias atividades que são financiadas.

Ora, avaliar na perspetiva da produção parece-me ser contraproducente e não é coerente com a relevância. Então, o que interessa aqui é a relevância ou a produção? A produção não é compatível com a relevância, como o senhor sabe, e, por isso, quando nós estamos a falar da relevância que vai ser avaliada por peritos, é preciso esclarecer muito bem como é que o fator de majoração que é a produção é equacionado nesse sistema de avaliação que o senhor quer propor nas medidas para atribuir subsídios. Isso quer dizer que num tema anual até percebemos, mas a perspetiva holística que o Sr. Secretário da Educação defendia, há pouco, parece que se esvai se passarmos a ter, em termos culturais, apenas um tema anual.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Aníbal Pires, tem a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Srs. Membros do Governo:

Relativamente a esta iniciativa que estamos a apreciar, poder-se-á dizer que ela é bem intencionada. No entanto, precisaria (e as propostas de alteração que o Partido Socialista, entretanto, apresentou não são suficientes) de algumas alterações mais profundas para que, eventualmente, pudesse merecer o apoio da Representação Parlamentar do PCP.

Desde logo, a determinação de que os regulamentos específicos deveriam ser aprovados por decreto legislativo regional, aliás, à semelhança do que foi feito para as filarmónicas. Depois, era preciso corrigir a subjetividade que está associada aos critérios de apoio e à própria composição do júri, assim como se nota a imposição de temáticas e prioridades estratégicas por parte do Governo Regional, o que, de alguma forma, também vem dar razão àquela proposta do Conselho Regional de Cultura, que o PCP,...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Foi chumbada!

**O Orador:**... hoje, ao princípio da tarde, aqui apresentou e que acabou por ser reprovada. Designadamente, era importante que, à semelhança também como acontece com a regulamentação das filarmónicas, fosse entregue no Parlamento um relatório anual global destas atividades. Isto para além de dizer que este enquadramento legal e este diploma que estamos a apreciar só atingiriam os seus objetivos se envolvêssemos agentes, que escutassem as suas críticas em vez de os tentarem instrumentalizar. Aliás, esta tarde tem sido profícua na abordagem às questões de ordem cultural, sejam elas mais genéricas ou mais particulares, como foi, há pouco, a questão dos grupos folclóricos.

Portanto, esta iniciativa, tal como está e com as alterações que foram propostas pelo Partido Socialista, não pode merecer o apoio da Representação Parlamentar do PCP.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Passo agora a palavra ao Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados. Srs. Membros do Governo:

O PPM acompanha as críticas que aqui têm sido feitas em relação à subjetividade das propostas que são apresentadas pelo Governo Regional nesta matéria, introduzindo também uma série de normativos que são absolutamente subjetivos.

Depois, há também aqui um eixo de desenvolvimento desta legislação que atenta claramente contra a liberdade criativa e que direciona os agentes culturais para uma temática e para um conjunto de temáticas que o regime considera que são os mais benéficos ou que são opção do regime.

Ora, esta questão é uma questão de grande sensibilidade na Região Autónoma dos Açores na medida em que nós, desde 1996, somos governados pelo mesmo partido, pelas mesmas pessoas e pelo mesmo projeto político. E isto significa que existe aqui, ao longo deste vastíssimo período, destas duas décadas de governo de partido único,...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem, Sr. Deputado, muito bem!

**O Orador:**... nós temos um forte condicionalismo do ponto de vista daquelas que são as nossas práticas sociais, daquelas que são as liberdades políticas e também aquela que é a liberdade cultural.

Tendo em conta o contexto muito específico em que vivemos, o contexto político e de governo em que vivemos, neste tipo de legislação não deveria ficar a menor dúvida em relação à objetividade de análise das candidaturas de apoio cultural. Não deveria ficar nenhuma dúvida! E a liberdade deveria ser preservada acima de qualquer suspeita, acima de qualquer elemento de subjetividade.

Ora, não é isso que acontece neste diploma. E eu quero apenas referenciar, aqui, dois pareceres que acompanho.

Por exemplo, o Comité Organizador de Festivais Internacionais da Ilha Terceira que diz, no referente aos apoios aos grupos de folclores, o seguinte: “Verificamos, porém, que este diploma não estabelece critérios claros e bem definidos para aceder a estes apoios. Caso o mesmo seja aprovado, permitirá o

financiamento, de uma forma alargada e sem rigor, consentindo, de forma involuntária, adulterar o conceito e regras existentes no folclore”.

Depois, temos também, em relação a um outro parecer do Núcleo Cultural da Horta, uma análise prévia, que é preocupante e que eu também partilho. Sobretudo, quero aqui relevar quatro questões.

Diz o Núcleo Cultural da Horta, levanta estas questões: “Devem estas instituições, com um historial de mais de meio século de presença contínua no mundo cultural açoriano, serem colocadas, em termos de tratamento de acesso aos apoios, exatamente no mesmo patamar de outras cuja existência é circunstancial e se esgota com a realização de um ou outro evento?”. Penso que é uma questão relevante e a resposta é: Não deve,...

**Deputado André Bradford (PS):** Isso já foi lido! É exatamente o mesmo parágrafo!

**O Orador:**... mas o Governo quer que assim seja.

Outra questão: “Qual o papel que a própria Direção Regional da Cultura deve ter? O de promotora de eventos culturais como tem sido e, por isso, esvaziando frequentemente a iniciativa de outras instituições, ou a promotora de eventos apenas em áreas muito específicas e para as quais há notórias carências...”

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem! É verdade!

**O Orador:**... nos Açores, reservando-se maior fatia do seu orçamento para os apoios culturais?”.

**Deputado André Bradford (PS):** Isso já foi lido, Sr. Deputado!

**O Orador:** Uma terceira questão, que também considero absolutamente fundamental.

“Depois de uma fase em que os apoios concedidos à promoção de atividades culturais pelo Núcleo Cultural da Horta lhe permitiram, com dignidade, a realização de um conjunto de eventos culturais que nos honram, chegou-se no presente a um ponto em que a diminuição dos apoios, na ordem dos 70%, não só é desmotivadora, mas sobretudo impeditiva da concretização de um mínimo de iniciativas.”

E a última questão que quero relevar em relação a este parecer: “Acresce a este facto da análise comparativa entre os apoios atribuídos a instituições similares se verificarem disparidades enormes nos montantes concedidos, que resultam de critérios de subjetividade, desligados do mérito, objetivo das atividades propostas, em que nunca se sabe, com objetividade e transparência, no modelo atualmente em vigor, qual a correlação entre as indicações do júri de análise e a distribuição dos apoios em função das verbas disponíveis”. E conclui o núcleo, presidido por Guilherme Marinho Pinto de Sousa, o seguinte: “Considerando que a presente proposta de DLR apresenta genericamente ao quadro legal de apoios existentes o maior subjetivismo na análise, considerando que a presente proposta de DLR faz aumentar de forma inaceitável a dependência dos apoios das orientações prévias políticas do Governo...”, bem, em relação a esta matéria, eles consideram que não se pode ter uma perspetiva favorável.

Ora, é esta, exatamente, também a perspetiva do PPM. Como já tive a oportunidade de referenciar, por diversas vezes, ao longo do debate desta tarde, nas atividades culturais é necessário que exista objetividade nos apoios que são concedidos e uma total liberdade criativa (uma total liberdade criativa!).

Ora, num regime que nos governa com um poder absoluto, há duas décadas, há 20 anos, nós precisamos, como pão para a boca, de liberdade de criação e de objetividade do ponto de vista dos apoios que são concedidos. E esta iniciativa do Governo Regional não responde a esta questão e por isso nós votaremos contra esta iniciativa e essas alterações que o Governo Regional propõe.

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Se não houvesse liberdade, o senhor estava calado!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Passo agora a palavra ao Sr. Deputado José Andrade.

(\*) **Deputado José Andrade (PSD):** Obrigada, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura, nós subdividimos a nossa intervenção (e o Sr. Secretário subdividiu também a sua resposta) em duas partes distintas. A primeira sobre os prazos, a segunda sobre o conteúdo.

Em relação aos prazos, fiquei com a ideia de que o senhor tentou fazer passar a sensação de que a culpa do atraso na entrada em vigor deste decreto legislativo regional é do SOREFIL, porque a aprovação do programa proposto pelo CDS para apoio às filarmónicas teria levado a uma reformulação da proposta de decreto legislativo regional que o Governo agora apresenta a esta câmara.

Ora, eu faço lembrar que o SOREFIL foi aprovado em janeiro de 2014 e a proposta do Governo, que pretendia produzir efeitos para o ano económico de 2014, só foi colocada a discussão pública a 20 de dezembro de 2013. Convenhamos que é demasiado tarde, já sobre o Natal, para iniciar um processo de discussão pública, de introdução das alterações que daí resultassem, de apresentação ao parlamento, de apreciação em comissão, de subida a plenário demasiado tarde para que ele pudesse produzir efeitos em tempo útil. E, portanto, não colhe o argumento de que a culpa do atraso tem a ver com a aprovação do SOREFIL na Sessão Plenária do passado mês de janeiro. E também o Sr. Secretário Regional não explicou por que é que durante esse lapso de tempo, de três meses pelo menos, a Direção Regional da Cultura não aceitou candidaturas ou, pelo menos, não deu a devida sequência às candidaturas que ficaram pendentes. Não explicou como é que é possível um ofício de uma diretora de serviços poder tentar suspender ou até revogar um diploma que foi aprovado por esta casa e que se encontrava e que se encontra ainda em vigor.

Portanto, no fundo é isso que está em causa em relação aos prazos e foi essa resposta que ficou por dar.

Relativamente ao conteúdo, Sr. Secretário Regional. O que está em causa aqui, como V. Ex.<sup>a</sup>, aliás, bem sabe, não é um futuro decreto regulamentar regional; o que está em causa aqui é uma atual proposta de decreto legislativo regional, e, portanto, não pode o Sr. Secretário Regional responder a dúvidas suscitadas sobre essa proposta de decreto legislativo com eventuais respostas que, porventura, um futuro decreto regulamentar virá ou não a dar. Aquilo que está em causa, aquilo que nós estamos a debater, aquilo que nós vamos votar é uma proposta de decreto legislativo regional. E esta proposta, tal como foi apresentada e mesmo considerando as propostas de alteração entretanto

avançadas pelo Partido Socialista, não satisfaz inteiramente os agentes culturais e por isso mesmo não pode satisfazer igualmente o Partido Social Democrata.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra a Sra. Deputada Renata Correia Botelho.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu convido todos os presentes a lerem comigo alguns dos pareceres, porque se detiveram na absoluta minoria de pareceres que não se referiam com entusiasmo a esta iniciativa, legitimamente. Em algumas das propostas, e eu passarei a explicar, o PS teve o cuidado de contemplá-las, porque achou que eram justas, nas propostas de alteração, que virão exatamente ao encontro das reivindicações, por assim dizer, dessas entidades. Mas convido os presentes a passarem os olhos, por exemplo, pelo parecer do Coral de São José, que diz, e cito, “Uma boa proposta, a qual deverá ser aprovada pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, com as alterações acima descritas” (e a alteração que eles propõem está explicada). O do Cineclube da Ilha Terceira, que diz: “Representa um avanço considerável na definição clara dos objetivos, despesas ilegíveis e outros critérios entendidos como importantes na definição da tipologia e execução dos projetos a concurso”. Entende o Cineclube da Ilha Terceira que “esta proposta será extremamente útil no que concerne a articulação entre a Direção Regional e os agentes culturais”. Diz o Grupo Folclórico da Ilha Verde que considera “uma proposta assente em programas e/ou iniciativas que possam preservar, valorizar e divulgar os Açores, nomeadamente nos festivais e intercâmbios culturais, tornando-se relevante para agentes individuais e/ou coletivos”. Casa do Povo da Almagreira, que está em total acordo com os pretextos propostos para apreciação. Tuna e Grupo Folclórico Juvenil dos Flamengos, parecer positivo. Orfeão Nossa Senhora do Rosário, parecer favorável.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** E o centro de estudos?

**A Oradora:** E ainda, dos que eu aqui tenho, Grupo de Violas da Ilha Terceira. O grupo é favorável e está de acordo.

Para além disso, eu terei de repetir que tive o privilégio de estar presente numa dessas sessões de debate público e penso que quem lá esteve não viu com olhos diferentes do que eu vi. Viu pessoas reivindicativas...

**Deputado André Bradford (PS):** Pessoas livres!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Isso é que é mais difícil, Sr. Deputado! Não é nada fácil!

**A Oradora:**... e viu pessoas entusiasmadas com este passo que a legislação dá. As propostas de alteração que o PS apresenta, e peço licença à Sra. Presidente para, não entrando exatamente na discussão na especialidade, fazer aqui essa ressalva, eu creio que não foram lidas com a devida atenção, uma vez que, por exemplo, uma das questões aqui colocadas é o impacto no público, que é proposto pelo PS que seja eliminado.

A temática anual é meramente indicativa, respondendo, aliás, indiretamente, ao parecer do Instituto Açoriano de Cultura quando coloca essa estranheza e, depois, pergunta o que se pretende com esta indicação. É meramente informativa? É meramente informativa. Nenhum agente cultural sairá prejudicado se sair dessa temática que o Governo imanará, por assim dizer. Assim como houve o ano da Natália Correia, o ano António Dacosta, há uma temática genérica, mas que em nada limita o concurso dos agentes culturais, que, enfim, vamos supor que este ano, que estamos agora a passar, que está, digamos, sob o tema genérico de António Dacosta, vamos imaginar que um agente cultural se candidata para fazer uma peça de teatro ligada ao mar, em absolutamente nada sairá prejudicado por não se relacionar com António Dacosta. É meramente indicativo e nós fizemos questão de tornar isso bastante explícito na proposta de alteração que entregámos nesta câmara.

Quanto à avaliação, também tivemos a preocupação de acolher algumas das críticas que eram endereçadas nos pareceres e quisemos, então, explicitar que se trata de uma autoavaliação. É importante. Todos nós, desde a escola, fazemos autoavaliação daquilo que é a nossa prestação, por assim dizer. É importante que um agente cultural faça a sua autoavaliação e que isso seja um dado que conste no relatório a entregar.

De resto, grandes estranhezas relativamente aos critérios. Eu devo lembrar que os critérios estão definidos no DLR, no artigo 10º, pelo menos o teto do que serão os critérios. É natural que cultura não seja matemática no sentido em que podemos aferir tudo com a frieza dos números. A cultura liga-se às humanidades e as humanidades, por princípio, não são mensuráveis por 1, 2, 3.

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Lamentamos muito, eu devo confessar que, pessoalmente, é uma surpresa para mim, mas obviamente não vos interessa nada se é uma surpresa para mim se não é, mas sinto-me na obrigação de comunicar nesta câmara que é uma surpresa para mim que os outros partidos que, pelo menos, até agora falaram não vão dar o seu parecer favorável a esta iniciativa, que não se associem a este diploma, que o PS considera um avanço muito significativo (os que já falaram, os que já deram essa indicação), que não se associem ao PS e à proposta do Governo Regional, que tem sido recebida com grande entusiasmo pelos agentes culturais e, naturalmente, quem julgará essa atitude serão sempre e só os açorianos e não o PS.

**Deputada Benilde Oliveira (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigada, Sra. Deputada.

A Mesa não tem mais inscrições.

Sr. Secretário Regional, tem a palavra.

(\*) **Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura (Luiz Fagundes Duarte):** Muito obrigado, Sra. Presidente. Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu queria apenas tecer aqui algumas considerações, sobretudo, embora a Sra. Deputada Renata Correia Botelho já tenha respondido em parte, eu gostava de salientar um aspeto que foi aqui já focado, suponho, por dois Srs. Deputados, relacionado com a temática anual.

O que está no texto da proposta do decreto é a indicação das prioridades estratégicas e da temática anual. Eu vou explicar o que é que se pretende com isto.

Com o objetivo de promover a criatividade, estamos a lançar, e já começaram, prémios nas mais variadas áreas. Prémio Dacosta (este ano é o centenário de Dacosta), o prémio para a pintura, o Prémio Daniel de Sá, de humanidades, o Prémio Paulo Gouveia, de arquitetura aplicada a património construído histórico. Noutros anos serão outros temas.

O objetivo com este ponto é indicar aos agentes culturais qual é o ano, por uma razão de efeméride ou outra qualquer, o Governo achou para homenagear uma determinada figura da nossa cultura. Este ano é o centenário de Dacosta. Haverá entrega do Prémio Dacosta, no fim do ano.

Vamos imaginar que isto já estava em prática, em execução, e se indicava que o tema era Dacosta. Vamos imaginar que um artista, um compositor resolvia compor uma peça musical de homenagem a Dacosta. Essa peça, por exemplo, poderia ser utilizada, estreada no dia da entrega do prémio. Portanto, o objetivo era eventualmente incentivar os criadores, os agentes culturais a produzirem uma obra que poderia, eventualmente, ser utilizada, obviamente se o autor o quisesse, numa audição, ou num concerto, ou numa atividade comemorativa daquele tema.

De maneira nenhuma, em local algum deste texto é dito que o Governo é que vai decidir o que é que os agentes culturais fazem. Eu suponho que é preciso ter uma imaginação muito fértil e, nesse caso, uma imaginação maldosa para ver em alguma das entrelinhas (nas linhas não existe de certeza) qualquer tentativa de forçar seja o que for. Está aqui tudo definido, aquilo que é a arquitetura geral. Como acontece em todos os decretos legislativos, tem sempre que ter um regulamentar.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Sem dúvida!

**O Orador:** Esse decreto regulamentar do Governo não vem aqui porque é uma iniciativa do Governo e aparecerá em cumprimento do que é decidido...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** O que é mau!

**O Orador:**... e do que definido aqui neste decreto. De qualquer maneira, ele estará em discussão pública e, portanto, toda a gente poderá sugerir as alterações que entender. Eu gostaria que isto ficasse claro.

O Sr. Deputado José Andrade voltou a salientar o atraso no processo (que eu referi há pouco). Eu gostaria de salientar que assumi, assumo pessoalmente a responsabilidade por isso.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Não foi o atraso! Foi a antecipação!

**O Orador:** Dei uma explicação, o Sr. Deputado não a aceita, é questão sua. Dei uma explicação. Assumo as consequências.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Qual é a consequência?

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Qual é a consequência? A consequência é o Zé Povinho que paga!

**O Orador:** Mas devo dizer que, mesmo apesar disso, apareceram muito mais candidaturas este ano do que sempre. Mas suponho eu que o que está aqui em causa, o que está aqui em discussão é o conteúdo, é a matéria do decreto e não o eventual atraso na sua aplicação.

Sras. e Srs. Deputados, se querem levar para aí é porque, de facto, não encontram...

**Presidente:** Sr. Secretário, agradeço que termine.

**O Orador:**... matéria de fundo para criticar.

Mas, de resto, Sr. Deputado, já estou habituado. Hoje, aprendi uma lição sobre a sua personalidade, portanto já sei o que é que daí vem.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Costa Pereira.

(\*) **Deputado Costa Pereira (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Secretário, eu acho que o português é uma língua flexível no entendimento e na interpretação, mas aquilo que está escrito aqui eu penso que não é possível tirar a interpretação fácil que os senhores estão agora a querer dizer que afinal essa coisa da temática anual é assim uma coisa indicativa, uma coisa muito *sui generis*. Eu vou ler o que é que está escrito aqui.

Artigo 11º, número 1: “O prazo de entrega de candidaturas será definido anualmente por despacho do membro do Governo com competência em matéria de cultura até ao dia 31 de janeiro, abrangendo as atividades a desenvolver no

ano seguinte, para os apoios previstos no âmbito do artigo 2º do presente diploma”.

Ora, quem não está abrangido nas atividades a desenvolver, fica fora dos apoios. Não há outra leitura possível, Sr. Secretário.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** É verdade!

**Deputados Joaquim Machado e Luís Rendeiro (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

**Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura (Luiz Fagundes Duarte):** Sra. Presidente, eu gostava de dar uma lição de português ali ao Sr. Deputado!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Ih!

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Isto é que é nível!

**Presidente:** Sr. Secretário, a bancada do Governo esgotou o seu tempo, por isso não poderá intervir.

Sra. Deputada Renata Correia Botelho, tem a palavra.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Srs. Membros do Governo:

É só para chamar a atenção ao Sr. Deputado Costa Pereira que o artigo 11º, que o Sr. Deputado leu, é exatamente objeto de uma alteração proposta pelo PS, em que no ponto 2, na alínea c), se acrescenta “indicação para conhecimento das prioridades estratégicas e da temática anual”. Para conhecimento, exatamente para que se perceba que não há uma imposição, a Direção Regional da Cultura tem, digamos, esse grande tema, mas, como eu já disse aqui e reitero, nenhum agente cultural ficará prejudicado se não se inserir na temática que a Direção Regional da Cultura, de uma forma meramente indicativa, lança.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Deputado Costa Pereira, tem a palavra.

(\*) **Deputado Costa Pereira (PSD):** Obrigada, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sra. Deputada Renata Botelho, eu agradeço-lhe imenso a sua intervenção porque ela, no fundo, vem dar razão àquilo que eu estava a dizer e eu, como um humilde deputado dos Açores,...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem, Costa Pereira!

**O Orador:**... eleito pelas pessoas e pelos cidadãos dos Açores, estou sempre disponível para receber lições de português de doutorados.

**Vozes de alguns deputados das bancadas do PSD e do CDS-PP:** Muito bem!  
Muito bem!

**O Orador:** E aquilo que a senhora disse desautoriza a lição de português que o Sr. Secretário queria fazer,...

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Mas não estou a dar!

**O Orador:**... porque o Sr. Secretário ia explicar o inexplicável. Porque se fosse tão explicado e tão linear e tão correto aquilo que ele estava a dizer, os senhores não precisavam de apresentar uma proposta de alteração.

**Vozes dos deputados das bancadas do PSD e do CDS-PP:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** E, portanto, na minha humildade...

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Na minha também!

**O Orador:**... de deputado eleito pelos cidadãos dos Açores,...

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Estamos em igualdade de circunstâncias!

**O Orador:**... escolhido livremente pelos cidadãos dos Açores, eu agradeço a sua explicação e na especialidade podemos discutir a sua proposta de alteração e veremos que ela concerta um bocadinho o que está no original, mas não resolve o problema.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Os senhores tivessem apresentado uma!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Secretário Regional, pede a palavra para?

**Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura** (*Luiz Fagundes Duarte*): Para uma interpelação à Mesa, Sra. Presidente.

**Presidente:** Tem a palavra, Sr. Secretário.

(\*) **Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura** (*Luiz Fagundes Duarte*): Muito obrigado.

Sr. Deputado,...

**Deputado Artur Lima** (*CDS-PP*): À Mesa!

(*Burburinho da câmara*)

**Presidente:** Sr. Secretário,...

(*Risos da câmara*)

**O Orador:** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados...

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos permitir que o Sr. Secretário faça a interpelação à Mesa,...

**O Orador:** Interpelação à Mesa.

**Presidente:**... mas tem de ser uma interpelação à Mesa, Sr. Secretário.

**O Orador:** Sra. Presidente, como as condições acústicas desta sala são excelentes, tenho a impressão que falando para V. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Deputado Costa Pereira perceberá aquilo que eu quero dizer.

**Deputado Luís Rendeiro** (*PSD*): Mas a interpelação é à Mesa ou ao Deputado Costa Pereira?

**O Orador:** Lendo o texto e sobretudo o número 1,...

(*Burburinho da câmara*)

**Presidente:** Vamos ter calma, Sras. e Srs. Deputados.

Sr. Secretário, eu deduzo que o senhor quer dar alguma informação ou algum esclarecimento à Mesa, porque é só nessa figura regimental que poderá fazer a sua intervenção. Portanto, não pode usar a figura regimental de interpelação à Mesa para responder nem fazer nenhuma intervenção.

Portanto, alerta apenas para esse facto antes de lhe dar novamente a palavra.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Grande lição!

**O Orador:** Portanto, aquilo que eu, de facto, queria dizer e que me levou pedir para usar esta figura da interpelação é que foi utilizado aqui o argumento de que o Governo estaria a condicionar a criatividade. Eu queria explicar, mas terei que ler o texto para explicar...

**Vozes dos deputados da bancada do PSD:** Entregue à Mesa!

**Presidente:** Sr. Secretário, quando muito...

**Orador:** Sra. Presidente, então diga-me definitivamente o que é que eu posso fazer para explicar àquele senhor que ele não entendeu aquilo que eu queria dizer.

Muito obrigado.

*(Risos da câmara)*

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Vê-se bem a gestão que fez do seu tempo!

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Gerir melhor o tempo!

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, eu agradeço alguma calma, porque, para todos os efeitos, estamos aqui é para o cabal esclarecimento das matérias.

Sr. Secretário, de facto, não poderá usar a figura da interpelação à Mesa para prestar nenhum esclarecimento, uma vez que, como a bancada do Governo esgotou o seu tempo, não poderá intervir no debate. Quando muito, se tiver algum documento que possa promover esse esclarecimento, poderá entregá-lo à Mesa e a Mesa o fará distribuir por todas as Sras. e Srs. Deputados.

**Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura (Luiz Fagundes Duarte):** Era uma explicação oral!

**Presidente:** Lamento, Sr. Secretário, mas não poderá...

**Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura** (*Luiz Fagundes Duarte*): Então, Sra. Presidente, fica a indicação que eu queria fazer uma explicação ao Sr. Deputado!

**Deputado Luís Garcia** (*PSD*): Tivesse gerido melhor o seu tempo!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Sras. e Srs. Deputados, a Mesa não tem mais inscrições.

Penso que vamos poder proceder à votação.

Sras. e Srs. Deputados, vamos começar a votação, na generalidade.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

A Sra. e o Sr. Deputado que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretária:** Na generalidade, a proposta de DLR foi aprovada com 28 votos a favor do PS; 3 do CDS-PP;...

*(Burburinho geral)*

**Presidente:** Srs. Deputados, a Sra. Secretária está a dar o resultado da votação. Agradeço algum silêncio.

**Secretária:** Na generalidade, a proposta de DLR foi aprovada com 28 votos a favor do PS; 3 do CDS-PP; 17 votos contra do PSD; 1 do PPM; 1 abstenção do BE; e 1 do PCP.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Vamos então passar para a votação na especialidade.

A Mesa recebeu propostas de alteração subscritas pelo Partido Socialista.

Coloco agora à votação a proposta de alteração apresentada pelo PS ao n.º 2 do artigo 11.º da proposta do Governo.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

**Secretária:** A proposta de alteração foi aprovada com 28 votos a favor do PS; 3 do CDS-PP; 1 do BE; 1 do PCP; 17 votos contra do PSD; e 1 do PPM.

**Presidente:** Coloco agora à votação o artigo 1º da proposta do Governo, com a alteração que acabámos de votar e de aprovar.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado com 28 votos a favor do PS; 3 do CDS-PP; 1 do BE; 1 do PCP; 17 votos contra do PSD; e 1 do PPM.

**Presidente:** Está agora à votação a proposta de alteração apresentada pelo PS ao artigo 17º-A da proposta do Governo.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

Preferem que se coloque cada uma das propostas de alteração à votação em separado?

Muito bem. Então, coloco primeiro à votação a proposta de alteração apresentada pelo PS ao nº. 2 do artigo 17º-A.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** A proposta de alteração foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Está agora à votação a proposta de eliminação da alínea c) do nº. 4 do artigo 17º-A.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** A proposta de eliminação foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Está agora à votação a proposta de alteração à alínea h) do nº. 4 do artigo 17º-A.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

As Sras. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretária:** A proposta de alteração foi aprovada com 28 votos a favor do PS; 3 do CDS-PP; 1 do BE; 1 do PCP; 17 abstenções do PSD; e 1 do PPM.

**Presidente:** Por último, ainda neste artigo 17º-A, está agora à votação a proposta de alteração para o número 6.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

A Sra. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretária:** A proposta de alteração foi aprovada com 28 votos a favor do PS; 1 do BE; 1 do PCP; 3 votos contra do CDS-PP; 1 do PPM; e 17 abstenções do PSD.

**Presidente:** Está agora à votação o artigo 2º da proposta do Governo com as alterações que lhe foram introduzidas.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado com 28 votos a favor do PS; 3 do CDS-PP; 1 do BE; 1 do PCP; 17 votos contra do PSD; e 1 do PPM.

**Presidente:** Coloco agora à votação o artigo 3º da proposta do Governo.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

Artigo 3º da proposta do Governo. É o artigo da proposta do Governo.

Nós já acabámos de votar o artigo 1º e o artigo 2º, portanto, agora vamos avançar para o artigo 3º do diploma que está aqui em análise, que é o que se refere à republicação.

A proposta do Governo é composta por cinco artigos. Nós já votámos o 1º e o 2º. O 3º refere-se à republicação, o 4º à norma transitória e o 5º à entrada em vigor. Portanto, agora estamos a votar o artigo 3º da proposta do Governo.

Penso que estamos todos em sintonia agora.

Então, vamos proceder à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

As Sras. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado com 28 votos a favor do PS; 3 do CDS-PP; 1 do BE; 1 do PCP; 17 abstenções do PSD; e 1 do PPM.

**Presidente:** Está agora à votação a proposta de alteração apresentada pelo Partido Socialista ao artigo 4º do diploma.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

**Secretária:** A proposta de alteração foi aprovada com 28 votos a favor do PS; 3 do CDS-PP; 1 do BE; 1 do PCP; 17 votos contra do PSD; e 1 do PPM.

**Presidente:** Está agora à votação o artigo 4º com a alteração que lhe acabámos de introduzir.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado com 28 votos a favor do PS; 3 do CDS-PP; 1 do BE; 1 do PCP; 17 votos contra do PSD; e 1 do PPM.

**Presidente:** Está agora, finalmente, à votação o artigo 5º da proposta.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

As Sras. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado com 28 votos a favor do PS; 3 do CDS-PP; 1 do BE; 1 do PCP; 17 abstenções do PSD; e 1 do PPM.

**Presidente:** Votação final global.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

A Sra. e o Sr. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretária:** Votação final global. A proposta de DLR foi aprovada com 28 votos a favor do PS; 3 do CDS-PP; 17 votos contra do PSD; 1 do PPM; 1 abstenção do BE; e 1 do PCP.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Sra. Deputada Zuraída Soares, pede a palavra para?

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Para uma interpelação, Sra. Presidente, para solicitar um intervalo regimental de 15 minutos.

**Presidente:** É regimental e será concedido, mas a Sra. Deputada Renata Correia Botelho pediu a palavra e julgo que é para uma declaração de voto. Por isso, se não se importam, eu vou permitir que a Sra. Deputada faça a declaração de voto.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Srs. Membros do Governo:

Gostaria, desde já, de lamentar a total ausência de propostas de alteração a este diploma por parte da oposição, que teve aqui uma oportunidade de melhorar aquilo que acharia não estar bem.

Gostaria também de me congratular e de congratular os Açores pela aprovação deste diploma amplamente discutido na sociedade por todos os interessados e que constituirá um importantíssimo e justíssimo instrumento legislativo.

Gostaria, finalmente, de partilhar convosco, nestes breves minutos de que disponho, e depois desta maratona cultural, um acontecimento que teve lugar há três dias, no Auditório 2 da Gulbenkian, na entrega do Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores à excelsa repórter e escritora Alexandra Lucas Coelho, que, num discurso de uma lucidez lapidar, cuja leitura a todos recomendo, teceu, no finíssimo recorte intelectual que a caracteriza, duras críticas ao Presidente da República,...

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** É uma declaração de voto ou uma declaração política?

**A Oradora:**... que, creio que previsivelmente, se fez representar, ao Governo da República...

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Mas isto é uma declaração de voto?

**A Oradora:**... e às políticas com que têm arrasado pessoas, esperanças e futuro e, claro, a cultura deste país.

**Presidente:** Sra. Deputada, só para recordar...

*(Burburinho geral)*

**A Oradora:** É uma declaração de voto, Sra. Presidente.

**Presidente:** Faça o favor de continuar.

**A Oradora:** De acordo com o relato da própria autora, o Sr. Secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, logo saltou em defesa das políticas governamentais, sugerindo, em seguida, à autora, para total incredulidade de uma sala cheia que a aplaudira de pé, que esta deveria sentir-se em dívida para com o Governo português, uma vez que o prémio que ali recebia fora também financiado pela sua Secretaria de Estado. Ilustrativo episódio das políticas culturais do Governo da República...

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Sra. Presidente, isto não tem nada a ver com uma declaração de voto!

**Presidente:** Sra. Deputada!

**A Oradora:**... e das atitudes que o caracterizam.

Ora, minhas senhoras e meus senhores,...

*(Protestos dos deputados da bancada do PSD)*

**A Oradora:**... nada mais nos antípodas do que...

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados!

**A Oradora:**... aquilo que queremos...

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados!

**A Oradora:**... nada mais nos antípodas...

**Presidente:** Sra. Deputada,...

**A Oradora:** Peço desculpa.

**Presidente:**... peço desculpa.

Eu compreendo o adiantado da hora, mas vamos ter todos um bocadinho de calma,...

**A Oradora:** Muito obrigada, Sra. Presidente.

**Presidente:**... mas eu estou a tentar chamar a atenção à Sra. Deputada, mas os senhores nem permitem que eu consiga falar. Portanto, eu não posso chamar à atenção à Sra. Deputada se o burburinho da sala me impede de falar. E, portanto, apelo a todos alguma serenidade para acabarmos os nossos trabalhos como os começámos.

Sra. Deputada Renata Correia Botelho,...

**A Oradora:** E é exatamente isso, Sra. Presidente...

**Presidente:**... tenho que alertá-la que, naturalmente,...

**A Oradora:** Estou a contextualizar e agora...

**Presidente:**... numa declaração de voto, poderá fazer o seu contexto, que fez, mas tem que se cingir agora ao sentido de voto da bancada do Partido Socialista.

**A Oradora:** Precisamente. Sim, senhora.

Portanto, minhas senhoras e meus senhores, o que queremos para os Açores...

**Deputado André Bradford (PS):** Muito bem!

**A Oradora:**... é exatamente os antípodas disto. Nos Açores, não queremos ninguém grato ao Governo Regional por absolutamente nada, nem por apoios recebidos, nem por prémios atribuídos.

**Deputado Ricardo Cabral (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Não queremos um único agente cultural que se sinta em dívida para com o Governo Regional ou a Secretaria Regional ou a Direção Regional. Gratidão e dívida são palavras que não encontram entrada no nosso dicionário.

**Deputada Benilde Oliveira e Deputado Manuel Pereira (PS):** Muito bem!

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Mão posta, mão pedinte!

**A Oradora:** Nos Açores, queremos agentes culturais originais, ativos e criativos e, acima de tudo, livres, agentes que, motivados e livres, promovam a cultura da região, que a impulsionem, que a engrandecem, o que acontecerá,

com toda a certeza, com a aprovação deste diploma e que em tudo terá a agradecer-lhes. Somos nós, são os Açores que terão a agradecer aos agentes culturais e nunca, nunca ao contrário.

Muito obrigada.

**Deputado André Bradford (PS):** Muito bem!

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Para uma declaração de voto, tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O PPM votou convictamente contra, contra...

**Deputado Lúcio Rodrigues (PS):** Sr. Deputado, é isso que tem para dizer? Ouça as suas declarações depois!

**O Orador:**... um documento controlador da liberdade de criação cultural nos Açores. O PPM votou contra! Contra o determinismo cultural nos Açores.

**Deputado Lúcio Rodrigues (PS):** Oh, Sr. Deputado! Pelo amor de Deus! Tenha dó!

**O Orador:** Votámos a favor da liberdade, da liberdade de criação da cultura dos Açores, contra qualquer tipo de condicionamento por parte do Governo Regional e do Partido Socialista. Votámos contra 20 anos de opressão cultural nos Açores. Votámos a favor da liberdade nos Açores.

Este foi o nosso sentido de voto.

Perguntam-nos pelas alterações. Não há alteração a fazer num monstro deste tipo que condiciona a liberdade dos açorianos.

O nosso voto é contra! A alteração que é preciso fazer é um novo governo nos Açores e a liberdade da cultura, da criação cultural nos Açores.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado José Andrade, tem a palavra.

(\*) **Deputado José Andrade (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O PSD votou contra esta proposta de DLR e fê-lo convictamente por respeito a pareceres pertinentes de instituições culturais que nos merecem a maior consideração.

Quanto à intervenção que agora fez a Sra. Deputada Renata Correia Botelho, vamos referir-nos apenas ao primeiro minuto, porque da parte restante não nos pareceu ser uma declaração de voto.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** E quanto ao primeiro minuto, onde ela acusa a oposição, e presumo que o PSD em particular, de não ter apresentado, como devia, propostas de alteração a este ponto em concreto, nós queremos recordar todos os partidos do seguinte.

Ainda esta semana, o PSD apresentou uma proposta para a promoção e comercialização nacional e internacional de produtos culturais açorianos. O Partido Socialista votou contra. Ainda hoje, o PSD apresentou uma proposta para a criação de um programa de apoio aos grupos folclóricos da Região Autónoma dos Açores. O Partido Socialista votou contra.

Portanto, resumindo e concluindo, uma coisa é o que o PS diz, outra coisa é o que o PS faz.

**Vozes de alguns deputados do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos deputados do PSD)*

**Presidente:** Para uma declaração de voto, tem a palavra o Sr. Deputado Félix Rodrigues.

(\*) **Deputado Félix Rodrigues (CDS-PP):** É para uma declaração de voto.

Sra. Presidente:

O CDS votou favoravelmente este documento, porque vê nele algumas potencialidades de regular a cultura, que é, de facto,...

**Deputado Lúcio Rodrigues (PS):** O fim da coligação aproxima-se!

**O Orador:**... uma competência do Governo Regional, e, como democratas que somos, entendemos que são os senhores que têm de definir as políticas.

Não nos identificamos com nada com a declaração de voto da Sra. Deputada, na medida em que acho que é um pouco exagerada e, por outro lado, não respeita que os outros pudessem comungar da sua mesma opinião. Concordámos com as vossas alterações,...

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Tem razão, Sr. Deputado, tem razão!

**O Orador:**... como foram apresentadas à última da hora, uma delas não concordamos.

E, portanto, acusar toda a gente...

**Deputado José Ávila (PS):** Os senhores deram um contributo. Votaram a favor!

**O Orador:**... de não dar contributos parece ser um lugar-comum do Partido Socialista.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Penso que não há mais inscrições para declarações de voto, por isso vamos para intervalo regimental e encerraremos também os nossos trabalhos.

Uma boa noite a todos. Regressamos amanhã, às 10 horas.

*Eram 19 horas e 55 minutos.*

*Deputados que entraram durante a Sessão:*

**Partido Social Democrata (PSD)**

**Duarte** Nuno d'Ávila Martins de **Freitas**

**Humberto** Trindade Borges de **Melo**

**Jorge** Alberto da **Costa Pereira**

*Deputados que faltaram à Sessão:*

**Partido Socialista (PS)**

**Francisco Miguel Vital Gomes do Vale César**

**Maria da Graça Oliveira Silva**

**José Carlos Gomes San-Bento** de Sousa

(\*) Texto não revisto pelo/a orador/a.

## **Documentos entrados**

### **1 – Projeto de Decreto-Lei:**

**Assunto:** Cria o Inventário Nacional dos Profissionais de Saúde - MS - (Reg. DL 131/2014) - n.º 97/X

**Proveniência:** Conselho de Ministros

**Data de Entrada:** 2013 – 04 – 07

**Comissão:** Assuntos Sociais

**Data limite do parecer:** 2013 – 04 – 28.

### **2 – Projetos de Resolução:**

**Assunto:** [Posição Geoestratégica dos Açores - n.º 66/X](#)

**Autor:** PSD

**Data de Entrada:** 2014 – 04 – 03

**Comissão:** Economia

**Data limite do parecer:** 2014 – 05 – 12;

**Assunto:** [Recomenda ao Governo Regional dos Açores a aplicação adequada da Remuneração Complementar Regional” - n.º 68/X](#)

**Autores:** [Grupos Parlamentares PSD, CDS-PP e Representações Parlamentares do BE, PCP e PPM](#)

**Data de Entrada:** 2014 – 04 – 09

**Pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão.**

### **3 – Respostas a Requerimentos:**

**Assunto:** [Atraso na conclusão das obras do Parque de Exposições da ilha Terceira](#)

**Autor:** Governo

**Data de Entrada:** 2013 – 04 – 03

**Referência:** 54.06.03 – N.º 191X;

**Assunto:** [Pagamentos em atraso nas Escolas Profissionais](#)

**Autor:** Governo

**Data de Entrada:** 2013 – 04 – 03

**Referência:** 54.03.00 – N.º 201X;

**Assunto:** [Reestruturação dos financiamentos bancários da Saudaçor](#)

**Autor:** Governo

**Data de Entrada:** 2013 – 04 – 04

**Referência:** 54.03.00 – N.º 133X;

**Assunto:** [Critérios de atribuição da Bolsa Regional aos Estudantes do Ensino Superior](#)

**Autor:** Governo

**Data de Entrada:** 2013 – 04 – 04

**Referência:** 54.06.00 – N.º 174X;

**Assunto:** [As "exceções" das escolas de ensino básico com 3.º ciclo da ilha Terceira](#)

**Autor:** Governo

**Data de Entrada:** 2013 – 04 – 04

**Referência:** 54.06.03 – N.º 181X;

**Assunto:** [Muralha da Praia na ilha Graciosa](#)

**Autor:** Governo

**Data de Entrada:** 2013 – 04 – 04

**Referência:** 54.03.04 – N.º 192X;

**Assunto:** [Estudos de Impacto da Exploração da Criptoméria](#)

**Autor:** Governo

**Data de Entrada:** 2013 – 04 – 04

**Referência:** 54.03.00 – N.º 203X;

**Assunto:** [Polidesportivo de Santa Bárbara](#)

**Autor:** Governo

**Data de Entrada:** 2013 – 04 – 04

**Referência:** 54.03.01 – N.º 210X;

**Assunto:** [Prémio de humanidades “Daniel de Sá”](#)

**Autor:** Governo

**Data de Entrada:** 2013 – 04 – 04

**Referência:** 54.03.00 – N.º 216X.

#### **4 – Comunicações/Informações:**

**Assunto:** Incumprimento do disposto no Decreto Regional n.º 12/2009/A, de 28 de julho "Transpõe para o ordenamento jurídico da RAA as Directivas n.ºs 87/217/CEE, do Conselho, de 19 de Março de 1987, relativa à prevenção e à redução da poluição do ambiente provocada pelo amianto, n.º 99/77/CE, da Comissão, de 26 de Julho de 99, que adapta, pela sexta vez, o anexo I da Directiva n.º 76/769/CEE, do Conselho, relativa à aproximação das disposições legislativas, regulamentares e administrativas dos Estados-Membros, respeitantes à limitação da colocação no mercado e da utilização de algumas

substâncias e preparações perigosas (amianto), e n.º 03/18/CE, do PE e do Conselho, de 27 de Março de 2003, que altera a Directiva 83/477/CEE do Conselho, de 19 de Setembro de 1983, relativa à protecção sanitária dos trabalhadores contra os riscos de exposição ao amianto durante o trabalho".

**Proveniência:** Paula Catarina de Medeiros Leite

**Data de Entrada:** 2014 – 04 – 01;

**Assunto:** Remuneração Complementar

**Proveniência:** Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro

**Data de Entrada:** 2014 – 04 – 01;

**Assunto:** Agradecimento pela mensagem de pesar do Senhor Cardeal José Policarpo

**Proveniência:** Patriarca de Lisboa

**Data de Entrada:** 2014 – 04 – 07;

**Assunto** Resposta ao nosso ofício com n.º 1497, de 26 de março, a informar que o documento foi transmitido ao Gabinete do Ministro da Economia e ao Gabinete do Ministro da Presidência e dos Assuntos Parlamentares

**Proveniência:** Gabinete do Primeiro-Ministro

**Data de Entrada:** 2014 – 04 – 08;

**Assunto:** Ofício a solicitar pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão do Projeto de Resolução n.º 68/X - “Recomenda ao Governo Regional dos Açores a aplicação adequada da Remuneração Complementar Regional”,

**Autores:** Grupos Parlamentares PSD, CDS-PP e Representações Parlamentares do BE, PCP e PPM

**Data de Entrada:** 2014 – 04 – 09.

## 5 – Relatórios:

**Assunto:** [Relatório a que se refere o artigo 103.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores](#)

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Sociais

Data de Entrada: 2014 – 04 – 08;

**Assunto:** [Projeto de Decreto-Lei que procede à terceira alteração ao Decreto-Lei n.º 39/2010, de 26 de abril, que estabelece o regime jurídico da mobilidade elétrica, aplicável à organização, acesso e exercício das atividades relativas à mobilidade elétrica, bem como as regras destinadas à criação de uma rede piloto de mobilidade elétrica – MAOTE – \(Reg. DL 116/2014\).](#)

**Proveniência:** Subcomissão de Economia

Data de Entrada: 2014 – 04 – 09.

## 6 – Diários:

Está presente da Sessão Plenária a Separata n.º 1/2014.

Consideram-se aprovados os Diários n.ºs 52 e 53, da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

**A redatora:** *Sónia Isabel Maciel Nunes*